

FÚNEBRE CORTEJO



Leonardo Nunes Nunes



Nascido à data de 17 de agosto de 1984 na cidade de Viamão –RGS, o autor Leonardo Nunes Nunes veio morar na cidade de Passo Fundo (também do estado do RGS), logo cedo e “inda infante, de maneira que perfilhou a cidade como sendo sua origem.

Começou na escrita nos últimos anos da década de noventa, aproximadamente, e depois disso nunca mais parou: simplesmente melhorou.

“Fúnebre Cortejo” é o primeiro livro deste estupendo autor que segue a linha do Horror Psicológico, sempre com o intuito de passar alguma mensagem ao leitor, sofrendo pesada e pungente influência de um

Leonardo Nunes Nunes

Fúnebre Cortejo
& Outras Histórias



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Passo Fundo
2011

Leonardo Nunes Nunes

Fúnebre Cortejo
& Outras Histórias

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2011

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Ficção, Romance. -Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2011.128p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste livro NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a referida citação de autoria.

Capa : Gráfica Berthier

Prefácio : Paulo Monteiro

Revisado pelo Autor em: 16/10/2011

N972f Nunes, Leonardo Nunes

Fúnebre cortejo & outras histórias [recurso eletrônico] / Leonardo Nunes Nunes. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2011.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-12-7

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Romance. I. Título.

CDU: 869.0(81)-31

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

NOTA DO AUTOR

Escrever a novela *Fúnebre Cortejo* não foi tão fácil quanto parece; quanto mais uma história que se passa n'um lugar no qual nunca entramos, nunca pisamos. Somente a escrevi depois de muito pesquisar – a internet tornou-se uma ferramenta assaz ao meu objetivo. Para *Fúnebre Cortejo* recebi o auxílio do amigo e escritor Pérsio Sandir D'Oliveira: suas opiniões e dicas vieram ao encontro do que eu queria para a história; as segui sem medo algum – por isso o meu sincero agradecimento. É, outrossim, minha homenagem aos escritores que eu chamo de “velha guarda”, que para mim são importantes: Arthur Machen e H. P. Lovecraft, meu ídolo. Os personagens existem tão-somente na imaginação do autor, mesmo inseridos em locais verdadeiros.

Para o conto “*O estranho caso da igreja queimada*” utilizei-me de fatos reais ocorridos em cidade próxima de Passo Fundo, oriundo d'um romance meu 'inda inacabado.

Da mesma forma ao poema que fecha o livro, “*Ei-lo*”, que compõe uma outra novela também inacabada, cuja praça central de Passo Fundo – e seus adornos – é o enfoque da história.

O meu sincero agradecimento também ao sítio Projeto Passo Fundo e ao amigo Paulo Monteiro.

L.N.N

Sumário

NOTA DO AUTOR.....	7
Um bom começo para um fúnebre cortejo.....	11
FÚNEBRE CORTEJO.....	14
01 O PRIMEIRO CONTATO.....	15
PARTE 01.....	15
PARTE 02.....	17
PARTE 03.....	22
02 LEMBRANÇA MALDITA.....	32
Parte 01.....	32
Parte 02 - Um Sonho, Apenas.....	34
Parte 03 - Entretempo.....	39
Parte 04.....	43
03 REVISTAS E JORNAIS.....	45
04 PERDIDO NA AMAZÔNIA.....	49
05 OS ÚLTIMOS DIAS ANTES DA REVELAÇÃO.....	65
06 VOIR DIRE – A REVELAÇÃO DA VERDADE.....	75
Tu passaste pelo Abismo ¹	85
O estranho caso da igreja queimada.....	89
PARTE I.....	89
PARTE II.....	90
PARTE III.....	91
PARTE IV.....	92
PARTE V.....	93
DEUS FILISTEU.....	96
SKELETON IN THE CLOSET ¹	101
MÚSICA OU O PRISIONEIRO.....	109
EI-LO.....	111

Um bom começo para um fúnebre cortejo

Paulo Monteiro (*)

Quando, entre fins do século XIX e princípios do seguinte, Sívio Romero e José Veríssimo fixaram o cânone da Literatura Brasileira, ignoraram a presença do fantástico em nossos escritores. Os demais historiadores e críticos posteriores seguiram, via de regra, os caminhos já palmilhados. É a lei do menor esforço.

Mesmo entre os primeiros poetas brasileiros encontramos a presença do fantástico. O *Uruguai*, de Basílio de Magalhães, está prenhe do fantástico. Este, ao contrário do que afirmam estudiosos do subgênero, não é recente, pois podemos encontrá-lo ao longo de toda a Literatura Universal, desde as primeiras manifestações orientais, passando por gregos e romanos, cruzando a Idade Média até chegarmos a séculos recentes. À *Comédia*, de Dante, agregou-se, com o passar do tempo, um primeiro nome de divina, *Divina Comédia*.

O ultra-romantismo, com a marcada presença da morte, como vemos na obra de Álvares de Azevedo que com o livro de contos *Noite na Taverna* (1855) influenciaria autores mais jovens, a começar por Machado de Assis, autor de vários contos fantásticos. Contemporâneo do poeta paulista, o mineiro Bernardo Guimarães legou-nos diversos poemas bestialógicos, onde o sobrenatural é explorado até as raízes do absurdo.

Contrariando, os formadores do cânone literário brasileiro e seus continuadores, estudos recentes demonstram que a presença do fantástico na Literatura Brasileira é mais profunda do que se possa imaginar. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, considerado uma obra prima do romance brasileiro insere-se no tipo de literatura de que estou falando, desde o simples fato de que a escreveu um “defunto autor”.

Fiquemos por aqui, pois o assunto é longo para a apresentação de um livro.

“A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e mais forte de todos os medos é o medo do desconhecido”. Assim, Howard Phillips Lovecraft, um dos mestres da literatura de terror, em sua fase mais recente, abre seu livro *O Horror Sobrenatural na Literatura*.

Os escritores fantásticos, como é o caso do “bruxo do Cosme Velho”, antes do surgimento da Psicanálise, se diziam “psicólogos”. Darlan de Oliveira Gusmão Lula, um dos estudiosos recentes da literatura Fantástica, em *Machado de Assis e o Gênero Fantástico: um estudo de narrativas machadianas*, tese de mestrado apresentada à Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2005, reconhece a existência de duas realidades marcantes entre os praticantes do subgênero, que podemos definir como uma antes e outra depois da Psicanálise. Se antes, escreve ele às páginas 23 e 24 de sua dissertação, as narrativas “partiam de uma situação perfeitamente natural (...) a narrativa fantástica moderna parte do acontecimento sobrenatural para dar-lhe, no curso da narrativa, uma aparência cada vez mais natural; e o final da história é o momento mais distante possível do sobrenatural”.

Leonardo Nunes Nunes, em *Fúnebre Cortejo & outras histórias*, seu livro de estréia, revela-se, apesar de sua juventude, um escritor maduro no subgênero que escolheu.

Abro um parêntesis para esclarecer que subgênero não quer dizer gênero menor. É apenas uma forma de definir ramos daquilo que poderíamos definir como Literatura Fantástica, na qual, ainda que apenas para fins eminentemente didáticos, cabem, como subgêneros as histórias policiais, a ficção científica e as histórias de terror propriamente ditas. É claro que críticos mais conservadores poderão considerar esses tipos de ficção como sublitteratura ou, o que é mais comum entre nós, brasileiros, ignorá-los.

Leonardo Nunes Nunes não está preocupado com o “antes” e o “depois” da Psicanálise, para ater-me ao critério demarcatório estabelecido por Darlan de Oliveira Gusmão Lula. A única preocupação do autor de *Fúnebre Cortejo & outras histórias* é contar histórias. E essa deve ser a única preocupação dos verdadeiros ficcionistas.

Quem diz “ficção” diz mentira. Essa é a verdadeira função do ficcionista: mentir. E convencer que sua “mentira” é verdade. O convencimento de que está contando uma verdade é que faz a diferença entre um verdadeiro

romancista, novelista ou contista e um borra-tintas. E isso apenas se conquista com a leitura dos mestres e a escrita intermitente.

Leonardo Nunes Nunes começa escrevendo por onde muitos terminaram. E isso é muito auspicioso.

(*) Paulo Monteiro, poeta, historiador e crítico literário, pertence a diversas entidades culturais do Brasil e do exterior, e é autor de livros e centenas de artigos e ensaios sobre os temas a que se dedica.

FÚNEBRE CORTEJO

“Como dizes que me perdi? Vagueei entre rosas.

Pode extraviar-se quem entra no roseiral?

A Amada na casa do Bem-amado não se acha em desamparo.

Vagueei entre rosas. Como dizes que me perdi?”

Arthur Machen (1863 - 1947) – O Roseiral

01 O PRIMEIRO CONTATO

PARTE 01

Tudo que sei, é que realmente aconteceu.

Dizem que a Amazônia, a parte em que fica dentro do território brasileiro, já não é mais do Brasil. Eu acredito, pois quem me salvou foi o professor e pesquisador Albert Fadwell. Tenho que admitir que ter ido para lá foi meu pior erro. E eu que achava que sabia tudo sobre florestas! De que me adiantou os seis anos no exército? Tudo bem que fui expulso de lá, mas eu deveria saber como sobreviver na mata. Se bem que o que me aconteceu foi algo fora do comum. Aquilo que eu vi... aquilo que eu vi foi feito por uma tribo desconhecida? Eu só sei que fui um boboca por ter contado. As pessoas me olham na rua com aquele olhar de condenação, pena e constrangimento. Os jornais até queriam mais explicações, mas quando vi que já estava praticamente fora de controle, resolvi calar-me. “*Tribo indígena pratica rituais satânicos*”. Oras! Aquilo que eu vi foi o próprio *Satanás*! E as pessoas ainda brincam com o assunto; e pior: consideram-me um idiota.

Se aquele cortejo foi minha imaginação, se aqueles índios, que nem sei se são exatamente índios, apareceram somente para mim, aquela caixa retangular, aberta, que levavam sobre os ombros, todos gemendo, foi criação de minha mente, eu já não sei se a minha sobrevivência foi um bom negócio.

Sonho todas as noites com *aquilo*. Repete-se neles todos os instantes, inicialmente de dúvidas, por fim de um pavor que me consumiu por completo. E acordo desses sonhos suado. Estressado. Sem fôlego. Mas é só a noite que se instalou no meu quarto e a escuridão à minha volta, e *sonhos*. Já não devo mais me preocupar como antes. Ainda assim tenho medo.

Eu não deveria ter ido, sequer ter planejado viajar. Mas segui as opiniões do Padre Farina e tudo isso aconteceu. Marcou minha vida, negativamente. Acho que jamais esquecerei, nem quando eu morrer. Desgraçado. É isso que o padre é. Um desgraçado. Foi ele quem me introduziu ao horror setentrional da Amazônia! Sabe qual foi o argumento que me convenceu a viajar – no seu lugar, diga-se de passagem? Sabe o que o padre me disse? Que ingênuo eu fui! Falou-me que havia sido lá a morada de Adão, e que lá também se encontrava a “Árvore da Vida”!

Como pude me deixar levar por besteiras poéticas, por crenças desgastadas, por essas opiniões tão pedantes? Mas eu estava cego. Não via, na verdade, um palmo diante de mim. Cego pelo véu da beleza superior, o *Deus* que tanto amamos, aquele que pode tudo. Foi escolha minha, mas uma escolha inconsciente. Amaldiçoo aquele dia em que, desesperado e procurando paz interior, dirigi-me para aquele ‘convento’, aquela casa soturna de modelo antigo, telhado pontiagudo, talvez ao estilo vitoriano, sei lá. Fui seminarista. Tornar-me-ia um padre! Que vergonha. Ainda dava ouvidos para aquele sujeito. “O Amazonas é o maior rio do Éden”, era o que me falava.

Ainda hoje de manhã, Padre Farina veio até minha casa. Falou que sentia muito, que estava rezando para mim, que eu era seu melhor *pupilo*. À breca com esse negócio de pupilo. O dito-cujo me conduziu ao inferno, isso sim. Dando-me a passagem, digo. Agora me vem à lembrança uma pequena poesia que, estranha, amarga e coincidentemente aplica-se a mim: “Ah! Rompe também meus grilhões! / Para salvar toda a humanidade / Sofreste afinal em morte amarga. / Vagando junto aos portões do inferno, / Ah, como me encontro perdido!”¹ Não morri, verdadeiramente. Mas minha alma, sim.

Padre Farina me incumbiu de viajar em seu lugar para fazer uma pesquisa a respeito da nossa floresta. Assistimos em jornais televisivos sobre as queimadas que lá ocorrem, sobretudo o desmatamento das árvores seculares só para fazer áreas para criar gado – algumas pessoas não se dão conta que estão matando a única riqueza que temos. Eu fiz tal pesquisa, para uma matéria que levaria o nome de Farina, e não o meu. Pupilo para lá, o “futuro melhor padre” para cá, e eu me deixei dominar.

¹ Joseph Von Eichendorff (1788 - 1857) – Sortilégio de Outono.

Eu sempre tive medo de avião. Ponto. Quando passava um por cima de minha casa, tremia até a espinha. Acidentes e tudo o mais. E aquele que aconteceu próximo de Fernando de Noronha? Terrorismo? Falha mecânica? Aliás, como um avião consegue estabilizar-se estando muito distante do solo? Parti de *PF* de ônibus (o que também não é muito seguro). Já em Porto Alegre, fui direto ao aeroporto de táxi. Uma hora e meia depois eu já estava dentro do avião. Sentado na poltrona – macia, por sinal. Parecia que eu havia deixado meus problemas do lado de fora daquela aeronave. Que nada. Foi só escutar os barulhos do motor que minha respiração acelerou. E quando o avião alçou voo, eu quase desmaiei. Mas a viagem transcorreu bem.

Desembarquei algumas horas depois no aeroporto Eduardo Gomes, Manaus. Fui recebido pelo Padre Lobato, meu anfitrião. Recolheu-me do aeroporto e fomos direto para sua casa, ao lado da igreja que ele ministrava as missas. Uma igreja pequena, sem sino, e dentro dela um altar também pequeno, mas ainda assim muito bem decorado. Engraçado como reconhecemos que o sujeito ao nosso lado é padre. Sua postura, talvez. Lobato, na verdade Antônio Lobato, estava vestido com uma calça jeans e uma camisa manga curta de cor cinza sem estampa. Seus óculos vez ou outra caía, e já tinha virado mania conduzir o dedo ao aro acima do nariz e empurrar para trás, até voltar a encaixar direito no rosto. Tinha uma face serena, mas seus olhos olhavam com voracidade; da cor azul. Um sujeito centrado e cuidadoso nos gestos. Até aí tudo bem. Mais um padre, assim como Farina, assim como Beltrame, assim como eu seria no futuro.

PARTE 02

Em sua casa, conversamos sobre como eu deveria me comportar naquela região de floresta. Sobre o que ele achava do fato de eu ter viajado no lugar de Farina. E sobre algumas doenças que lá se proliferam. Sentamos diante a uma mesa bem simples, de madeira, em cadeiras também de madeira, trançadas por capim, ou raízes, agora não lembro; cadeiras fortes. Na mesa, quatro fatias de pão cortadas, o pão pela

metade, algumas frutas (principalmente as que são cultivadas na região), geléia de Camu-camu² (que, segundo sua explicação, foi cortesia do pessoal da ONG local, ainda não comercializada), leite e café. E eu estava com fome. No início até fiquei com receio de comer a Camu-camu, mas de tão saborosa, exagerei. Se bem me lembro, a conversa que tivemos foi nesse teor:

- Então, diga mais como é a tua cidade – pediu explicações Padre Lobato.

- Nada em especial. De médio porte, assim por dizer. Mas nasci em outra cidade, próximo da capital do estado do Rio Grande do Sul – eu falava, eu comia, e voltava a falar. Intervalos vagarosos entre uma garfada, um pedaço de pão com geléia, um gole do café com leite, e minha explicação – Essa minha postura bastante rígida é devido aos seis anos que passei no Exército. Acho que não terei problemas com a mata – falei, redondamente enganado.

- Muito bom. Recebo aqui não só um seminarista, mas alguém que teve disciplina rígida nas forças armadas. Vez ou outra eu vejo uma tropa qualquer marchar por aqui mata adentro. Mas por que só seis anos? Por que não seguir carreira?

- Fui expulso do exército.

- Por quê? – interessou-se o padre.

- Não sei, exatamente – parei de comer para explicar o motivo de minha expulsão – Mas lembro que eu infringia algumas normas do capitão. Fui preso umas quatro ou cinco vezes, passando cinco dias no xadrez cada uma delas. Na verdade, o problema não era do Exército, o problema era comigo. Claro, tinha o pessoal que ficava com medo do que o capitão iria fazer caso alguém não seguisse o que lhe era ordenado, alguns até

² Arbusto de pequeno porte. Seu fruto tem o tamanho de cerejas, de casca resistente. A Geléia é feita pela casca e pela polpa aquosa de cor avermelhada quando jovem, que assume um roxo enegrecido quando madura. No Brasil é encontrada em profusão em Roraima, mas é na floresta peruana que ela é mais utilizada. Pode ser encontrado à beira de igarapés, rios ou regiões permanentemente alagadas. Alta concentração de ácido ascórbico, mais conhecido como Vitamina C.

não gostavam de minha atitude, pois refletia neles também. Outros não davam bola para isso. Eu saí de lá sem fazer amigos, só parceiros de guerra; embora eu não nunca tenha feito guerra alguma. O Camu-camu está muito bom, vou pegar mais um pouco.

- Pegue – e acompanhou com o olhar minha mão que carregava a faca, e que voltava até o pedaço de pão com bastante geléia – Às vezes eu me pergunto: por que fui tornar-me padre? E então eu olho à volta e percebo que sou um privilegiado por Deus por conduzir as pessoas ao bom caminho, pelo bom entendimento entre o homem, pela comunhão do humano com o *divino*. Mas, e você? O que o levou ao seminário?

- Padre – iniciei, mas só respondi depois de tomar o penúltimo gole de café. Minha intenção era de repetir mais meia xícara e tomá-la sem o acompanhamento da comida – Padre. Eu acho que eu era um rebelde, sei lá. Senti um vazio, ou reparei em mim que existia um vazio já há muito tempo, e procurei o seminário. Não tinha outra saída. Eu estava triste, e resolvi tornar-me padre. Eu poderia ser um coroinha, mas decidi ficar no seminário, ao invés de minha própria casa. De certa forma, eu procurei a solidão para encontrar-me.

- E se encontrou?

- Creio que sim.

- Que bom – demorou um pouco para voltar a falar – Eu tenho... – titubeou – Eu tenho uma opinião forte sobre a Floresta Amazônica. Nunca entrei nela sozinho, só algumas vezes quando acompanhei o pessoal da ONG em catalogação. Eu acho que o governo brasileiro está perdendo tempo com acordos mirabolantes feitos com países insignificantes. A floresta está aqui, e é muito rica. Por exemplo: o Camu-camu é pouco conhecido pelo pessoal do Brasil, mas no Peru é muito apreciada. Temos plantas capazes de curar várias doenças por aí, sem falar nos frutos da Amazônia. Fiquei sabendo que só agora é que o presidente assinou um decreto que faz acabar com os crimes ambientais, multando quem destrói a mata.

- Eu não entendo de política.

- Mas você veio no lugar do Padre Farina para fazer uma pesquisa sobre esses crimes. É louvável, isso. Interessar-se pela floresta é interessar-se pelo mundo.

- Eu sei. É nobre, de qualquer forma. Pretendo tirar fotos de alguns animais e vegetais. Mas...

- Mas o quê?

- Mas sou apenas um seminarista – respondi-lhe descontente com a constatação.

- Por isso mesmo que é glorioso – incentivou-me – As pessoas pensam que os padres só querem evangelizar. Os padres também querem educar as pessoas. E começa por baixo. Você vai ter uma boa aventura. Mas aconselho ficar distante de certos lugares para que não pegue alguma doença tropical; Dengue, Cólera, Doença de Chagas, ou qualquer outra. E cuidado com certos animais, como a onça pintada ou a onça preta.

- Vou prestar atenção nos pássaros – respondi-lhe.

- Seja como São Francisco de Assis. Seja amigo dos animais – brincou, mas falando sério. Um aviso que levei a cabo.

Caminhamos até o teatro, uma construção imponente financiada com a verba do chamado “ciclo da borracha”. O *Teatro Amazonas*, segundo maior teatro da Amazônia, recebeu inúmeras atrações, e sua história começa no longínquo ano de 1881 por Manaus necessitar de um lugar onde pudesse haver apresentações de companhias de espetáculos estrangeiros, afinal, uma das mais prósperas cidades do mundo, embalada pela riqueza advinda do látex, não poderia deixar de ter atrações. Contou-me rapidamente que comporta um total de 701 pessoas, e que a decoração ficou ao encargo de Crispim do Amaral³ – nome que eu pouco conhecia; mas que foi um tal de Domenico de Angelis⁴, um sujeito que

³ *Crispim do Amaral* (1845 - 1911) foi músico, ator, decorador, cenógrafo, jornalista, cronista, desenhista e caricaturista brasileiro. Estudou na Academia di San Luca, onde provavelmente conheceu os romanos Domenico de Angelis e Giovanni Capranesi. Faleceu de ataque de uremia, depois que descia de um bonde, logo ao fim de um dia de trabalho.

⁴ Não sabe-se ao certo quando nasceu, se em 1852 ou 1853. Estudou na célebre Academia di San Luca e associou-se a Giovanni Capranesi, rendendo triunfos de grande brilho. Por isso foram chamados para pintar o salão nobre do teatro. Dizem que esse salão foi um dos últimos trabalhos – ou o último – por Domenico feito em vida. Partiu doente de Manaus em março de 1900, falecendo no ano de 1904.

sequer já tinha ouvido falar, que teve a “honra de pintar o salão nobre, a área mais luxuosa do prédio”, segundo suas palavras; destaca-se nesse “salão nobre” a pintura denominada “*A Glorificação das Bellas Artes da Amazônia*”, do também longínquo ano de 1899. Entretanto, pelo fato de estar fechado, prometeu-me n’uma outra oportunidade entrarmos naquele “magnífico” teatro.

Tempo depois ele me levou para conhecer a principal praça de Manaus. Praça de São Sebastião, cartão postal composto pelo Teatro, pela Igreja de São Sebastião, Palácio da Justiça e os casarios antigos. Lembro de suas palavras: “*Hoje, tal qual nos anos finais do Século XIX e início do XX, quando abrigou o terminal de bondes, Manaus é muito movimentada. Saiba você que aqui estavam as principais empresas, armadores e bancos, que movimentavam o comércio da borracha*”. Eu fiquei deslumbrado. Conhecer uma importante história direto da fonte, e não somente através de livros, foi muito bom para meu conhecimento. Vi, gravado na platibanda d’um prédio na praça, a data de 1894, e deduzi que essa data indicava o período aproximado da inauguração dos demais prédios. Uma bela praça, por sinal. Sentamos em um banco e conversamos um pouco mais, para depois retornar à igreja.

Quando aproximou-se a noite, e durante a janta, pensei sobre como o dia havia sido atarefado. Gostei do passeio, e gostei mais ainda de conhecer esses pontos turísticos, históricos do ponto de vista cultural. Para mim, aquele passado era mais do que vivo somente na lembrança de um povo, era o próprio povo; a cidade pulsava. Respirava antiguidade, digamos. Muitas coisas novas, sim, mas muitas coisas antigas, relíquias de um tempo que jamais retornará. Quem poderia adivinhar que a uma distância de pouco mais de uma hora dali o horror perpetuaria? Não exatamente ao lado, onde fica a cidade de Manacapuru. Mas em Tefé, distante noventa minutos de avião. Eu sabia que deveria acordar bem cedo na manhã seguinte. Mas quem disse que eu conseguiria dormir, principalmente depois de ter absorvido tamanho conhecimento? Mas é claro que não. Eu imaginava que iria *pregar* os olhos só depois da meia-noite, quando eu passasse a escutar o *cricri* dos grilos; se bem que o barulho que a cidade apresentou durante o dia prolongou-se por algumas horas a mais, e nem que eu quisesse os escutaria. Todavia, um som mais alto do que qualquer *cricri* de grilo eu pude ouvir: os rancos de Padre Lobato. Quem disse que padre não ronca?

Eu me enganei redondamente. Queria dormir até meia-noite, e até procurei encontrar o sono, que só veio, depois de muita insistência, próximo das duas da manhã, quando por fim meus olhos já não aguentavam o peso e a carga que o dia me havia imposto. Engraçado que consigo lembrar os sonhos que tive naquela noite. Há quem diga que sonhos são somente sonhos. Mas... como não associá-los às lendas da Amazônia? Ou será que o próprio Lobato havia me dito, enquanto eu estava absorto em que meus olhos viam? Bem, diferença não faz. No sonho, Lobato me preveniu também da *Mat...* ao longo de minha narrativa será possível entender.

Eu esperava encontrar de tudo um pouco, jamais *horror*. Falando hoje, lúcido e recuperado, creio que tudo aquilo teve um significado, embora aterrador. As fotos que tirei – e tirei muitas ao longo do percurso; retratam algo que estamos perdendo com o tempo. A floresta, a nossa riqueza natural, está sendo *acabada*; nada mais vejo nelas senão a desgraça de toda a humanidade. De qualquer forma, a matéria para a revista não vai sair. Já me expus demais.

PARTE 03

Antes até de o sol erguer-se no horizonte, fui acordado pelo meu anfitrião. “*Vamos. Em duas horas embarcaremos*”, disse-me. Já havia providenciado duas passagens há três dias, quando Padre Farina telefonara para informar que quem partiria em seu lugar seria eu.

Depois de um bom café matinal, e de minhas roupas arrumadas na mala, partimos para o aeroporto Eduardo Gomes sem muita pressa, afinal ainda restava um bom tempo. Padre Lobato já tinha planejado tudo: acordar cedo, tomar o café-da-manhã vagarosamente, partir para o aeroporto sem muita pressa. Nas passagens, o voo estava previsto sair de Manaus às nove horas, mas acabou adiantando-se quinze minutos. Atípico, creio eu. Mas nem me dei o trabalho de perguntá-lo sobre o motivo que fez anteceder a nossa partida. Talvez tivesse sido decisão da empresa a qual havíamos pego as passagens adiantar o horário, vai saber. Para

mim, pouco importava. O que importava mesmo é que eu iria iniciar verdadeiramente minha “aventura”.

Depois de uma hora e meia de voo, por fim chegamos ao Aeroporto de Tefé, a cinco quilômetros do centro da cidade de 69,5 mil habitantes. Um dado interessante: são 525 km em linha reta, mas há quem diga que seja 516 km; não sei exatamente. Por via fluvial, 672 km. Possui uma altitude de quarenta e sete metros acima do nível do mar e abrange uma área territorial de 22.904 km². Tefé é uma cidade-pólo da região do Médio Solimões, e o centro do estado do Amazonas. É considerada uma região do Triângulo Jutáí – Solimões – Juruá, segundo as explicações do padre que também fazia a função de meu guia. É um lugar que faz bastante calor (temperatura média: 29° C.).

Esperava-nos outro padre, este conhecido de Lobato, chamado A. C. Sana. Padre Sana, bastante diferente de Lobato, não usava óculos. Não aqueles de grau. E eu repito: engraçado como reconhecemos que o sujeito ao nosso lado é padre. Mantinha gestos bem calmos, cuidadoso também, mas essa era a única característica que se repetia. Diferente das vestimentas do qual Padre Lobato era visto quando não ministrava missas, Padre Sana vestia-se mais elegante; sua calça social – daquelas que se usam no verão, de um tecido mais fino e que não permite suar muito; e a camiseta xadrez (de marca conceituada, segundo percebi) de cores neutras, demonstrava que aquele que as vestiam tinha um gosto apurado para a moda, e isso eu pude perceber quando, em sua casa, mostrou-me orgulhoso todos os aposentos.

Mostrou-me primeiramente o meu quarto, aquele que eu iria dormir, e esperou apenas eu depositar minha mala por sobre a cama para conduzir-me ao resto da casa. Ostentando uma imensa alegria, talvez por estar recebendo alguém “diferente” e fora do seu convívio, explicou que o seu quarto foi a última peça da casa a ser construída, por ser mais demorado erguer um segundo piso dentro do primeiro – uma espécie de mezanino. Dentro de seu quarto, mesmo sem entrar e vendo através da porta por ele escancarada, destacava-se uma pequena capela para suas orações. A ligação entre esse mezanino e seu quarto era feita por uma escada de madeira de oito lances. Mostrou-me rapidamente os dois banheiros, iguais de todo mundo, e me apresentou a “área secreta”, por ele chamada ironicamente de *Área 51*, embutida na parede interna da sala principal, na qual guardava alguns objetos aparentemente sem valor. A

própria sala era um brinco; talvez de uns oito por oito metros quadrados, foi o cálculo que fiz mentalmente. Mostrou-me rapidamente a cozinha, e voltamos para a sala principal para conversar. Percebi que não fizera questão de abrir a porta vertical do sótão que abria para dentro, ali mesmo, colada à parede, que se ligava a uma estreita escada de dez ou onze degraus também de madeira. Mas não dei importância para o fato. E como estávamos folgados no horário, faltando ainda alguns minutos para o meio-dia, tivemos tempo de colocar conversa fora. Se ainda consigo recordar, essa foi a conversa que tivemos para passar o tempo:

- Mas então, Lucas, o que o levou a fazer essa pesquisa? – perguntou o muito interessado Padre A. C. Sana.

- Vemos muita coisa pela televisão sobre o desmatamento, queimadas, e isso tudo são crimes ambientais – não me importava em repetir tudo novamente, pelo contrário, fazia questão de falar – No fim, a floresta é a nossa riqueza. E Padre Farina, junto de outros padres da região, está para publicar uma matéria denunciando todos esses crimes. Eu vim no lugar de Padre Farina. Pretendo ainda tirar fotos de alguns animais e também dos vegetais. Só que ainda assim sou um seminarista, padre.

- Nobre! – exclamou Sana, interessado e compenetrado em minha explicação.

- Sim, muito – entrevistou Padre Lobato – O nosso amigo Lucas vai levar muita experiência daqui.

- E vai – concordou Padre Sana – Mas eu quero informá-lo que você não vai sozinho. Não vou deixar, em hipótese alguma. De toda sorte, você está sob minha responsabilidade. Nem se Farina tivesse vindo no teu lugar eu deixaria. Seria muita irresponsabilidade minha. Amanhã, antes de você partir, chegará a pessoa ideal para acompanhá-lo nessa aventura. Ele vai levar barracas, condimentos e outras coisas para que possa sobreviver um tempo na mata. Aliás, eu percebi que você nada trouxe.

- Eu fui do exército por seis anos. Sei me virar – respondi-lhe.

- Eu bem que percebi sua atitude firme – elogiou-me Sana, incentivando-me a continuar falando; seu elogio me soou como uma conversa entre pai e filho. Lobato só prestava atenção.

- Sim, por seis anos. Mas eu tinha cabeça pequena, padre. Fui expulso por infringir algumas normas do capitão. O problema era comigo. Fui preso umas quatro ou cinco vezes, detenção de cinco dias nas três últimas delas. Pelo menos li bastante.

- Mas saiu de lá com algumas amizades, certo? – insistiu Sana.

- Parceiros de guerra, somente. Apesar de não ter feito guerra alguma.

- Já até imagino o teu motivo para entrar no seminário. Sentiu vazio no peito e procurou ajuda. Ninguém mais poderia estender a mão senão *Deus*. Então você procurou *Sua* ajuda. É isso?

- Sim.

- E conseguiu sentir-se melhor? Quero dizer, *melhorou*?

- Creio que sim.

- Que bom. Eu tenho em minha casa além de um seminarista alguém que pertenceu às Forças Armadas. Sinto-me lisonjeado. Isso me faz lembrar *São Jorge* – consultou o horário – Vamos almoçar? Acho que vocês estão com bastante fome. Iremos a um restaurante muito bacana aqui próximo.

Padre Sana nos conduziu a um restaurante realmente muito bacana mesmo; comemos um repasto muito saboroso, além da mandioca que eu já conhecia daqui do sul, que chegava a derreter na boca de tão deliciosa. E eu ainda me lembro desses detalhes! Estou surpreso comigo mesmo. Tomamos o tal do Araçá-boi⁵, que repeti sem cerimônias. Não sei

⁵ Planta originária na Amazônia Ocidental, medindo cerca de três metros de altura, possuindo a casca lisa escamosa e copa esparsa. Pertencente a família das Myrtaceae, que é a mesma da goiaba e jabuticaba. É cultivada também no Peru e na Bolívia. Frutifica de janeiro a maio. O fruto arredondado, de cor amarelada quando maduro, contém muitas sementes e é bastante aromático. O araçazeiro é utilizado em várias aplicações. Seus frutos de sabor delicioso são consumidos ao natural ou usados como ingrediente na produção de doces, sorvetes e bebidas. Suas folhas e os brotos novos fornecem matéria corante. Suas raízes são tidas como diuréticas e anti-diarréicas. A casca pode ser utilizada para a aplicação em curtumes. Quanto ao aspecto nutritivo, o araçá-boi possui vitamina A, B, C, além

quanto aos outros, mas eu estava com fome. O próprio Sana fez questão de pagar o nosso almoço, um mimo que apreciei muito.

Depois de um tempo debruçados em nossos pratos de comida – e de um vagar proposital para apreciarmos o delicioso prato servido; retornamos à sua casa e tiramos uma sesta. Padre Lobato n'um quarto, e eu naquele que Sana já havia escolhido, e que eu já tinha depositado minha mala. Também não sei quanto aos outros dois, mas eu não fechei os olhos. Sim, eu ainda estava excitado com toda essa “descoberta”. Pelo menos, de minha parte era uma descoberta. E eu nem reparei a penumbra que inundava o quarto. Poderia ter aberto a janela, mas, deitado, não movi um músculo, apenas continuei pensativo. Talvez até perdido na escuridão dos meus pensamentos.

A tarde foi preenchida com uma boa caminhada. Fui levado até a “porta de entrada” da floresta, o local em que eu adentraria na Amazônia com meu guia no dia seguinte. Foi uma relaxante caminhada, em que Sana aproveitou para desatar toda a curiosa história da cidade, n'um resumo improvisado. Explicou-me ele que o jesuíta Samuel Fritz, quando à enorme ambição territorial da Espanha, nos tempos coloniais, lá no Século XVII, fundou várias aldeias na região, inclusive Tefé. Fritz, segundo sua explicação, estava convencido de que aquela região pertencia à Espanha. Mas Portugal, pouco se importando com essa convicção, creditava o território como seu; cumpria a Portugal, portanto, preservá-lo do domínio espanhol, paralelamente à obra catequista dos missionários castelhanos. *“Houve também uma guerra, sob ordens do Governador do Grão-Pará quanto a enviar uma nova expedição ao Solimões com o comando do Sargento José Antunes. Foi aí que as forças portuguesas conseguiram a vitória. Só que veio com essas lutas a devastação das aldeias; coube ao piedoso frei André da Costa reunir os remanescentes e trazer até aqui”*, relatou Padre A. C. Sana. Disse-me, o que muito me interessou – mas, ao mesmo tempo, me entristeceu ao saber que essas tribos perderam uma parte do seu espaço; que primitivamente habitavam a região os *Nuruaques, Cauixanas, Jumanas, Passés, Uainumas, Catuquinas,*

de altas taxas de proteína e carboidratos. A espécie apresenta potencial para conquistar um lugar de destaque no mercado nacional e internacional, principalmente como refresco natural, podendo ainda ser comercializada como polpa congelada ou suco engarrafado.

Jamamadis, Pamanas, Júris e Jurimaguas, Tupebas (ou Tapibás, juro que não entendi ao certo). Falou ainda que no ano de 1759 Tefé foi elevada à vila, denominada *Ega*. Nesse mesmo ano criou-se o município de Tefé. “*Faz limite com os municípios de Coari, Tupauá, Carauari e Alvarães*”, terminou ele, sutilmente apontando com o indicador da destra a direção de cada município.

Havíamos saído da área urbana, naturalmente, todavia não muito distante de sua casa. Entramos na cabana da ONG, e conversamos com a pernambucana Ana Cristina alguns detalhes sobre minha pesquisa, sobre a matéria que eu estava para fazer – e que não levaria crédito algum. Trocamos, eu e ela, várias ideias e conhecimentos acerca de muitos assuntos pertinentes à minha estadia na mata; ela por ser uma profissional na área e eu por ter frequentado o exército.

Ana Cristina, vinte e sete anos, tinha uma beleza rara. Cabelos cor de mel, olhos castanhos e falar manso, explicou-me tudo sobre os detalhes pertinentes de sua função ali na ONG, enquanto o tempo permitia. Vestia-se com um jeans surrado, mas bastante limpo, e uma camisa de cor cinza escuro, e prendia os cabelos. Na cabana, muito bem decorada admito, tinha na mesa de madeira – madeira permitida por lei – um laptop que, ligado vinte e quatro horas à internet, fazia os diversos cálculos extremamente necessários à sua função, seja de território de mata fechada, do território devastado ou dos locais em que ainda tinha focos de incêndio, além de manter constantemente atualizado as imagens instantâneas do satélite de toda a região da floresta brasileira. Vem em quando, para somar à pesquisa, atualizava imagens de toda a Amazônia Legal. Disse-me que a cada dois meses um tal de Paulo Ricardo, por sinal sul-rio-grandense também, vinha do Sul para auxiliá-la nas tarefas da ONG.

A tarde foi passando, as informações assimiladas, e a meia-volta era inevitável. A noite queria já demonstrar sua face, e durante a noite alguns dos principais animais da floresta saem à procura de alimento. Retornamos para a casa de Sana. Eu fui com a imagem da entrada da floresta em minha cabeça, da cabana da ONG, ou um confuso misto das duas. O barulho dos pássaros, das folhas secas no chão e do vento batendo nas folhas nas copas d'árvores. Em meu quarto imaginei todos aqueles animais na floresta, seu habitat natural, e eu, apenas um *intruso*. Ainda Lobato reforçou o pedido para que eu tomasse “cuidado com os

imprevistos”, que certamente surgiria, e retornou, logo na calada da noite, para Manaus, despedindo-se calorosamente de Padre Sana e de mim. Tornou-se meu amigo, afinal.

Sana já dormia a sono alto. Mas eu não. Diferente da última noite, e até da sesta do meio-dia em que eu estava muito excitado pelas descobertas, novidades e tudo mais, um sentimento de apreensão usurpou o lugar da excitação, deixando-me inquieto na cama, virando de um lado para o outro, desconfortável. Provei a mim mesmo que a mata não estava muito distante – ela e seus filhos me *observando*, esperando que nela tão logo eu entrasse. E o silêncio. Tudo era silêncio. Um silêncio que só era penetrado pelo barulho da corrente de luz elétrica que iluminava o banheiro – costume noturno do padre, que também roncava; além do tiquetaquear do relógio de corda que Sana havia me emprestado antes de dormir (vai que eu quisesse saber que horas eram madrugada adentro), fato corriqueiro meu hábito de não usar relógios e de não gostar de celulares. A casa estava, afora os ruídos citados, mergulhada em total silêncio, e isso provocava um contraste com os barulhos da cidade em repouso e da natureza nas cercanias. Esses ruídos passaram a evocar um estranho medo em mim, além da inquietação q’eu já sentia, que aos meus ouvidos chegavam como estrondo de bananas de dinamites que explodem paredões de pedras ouvido a poucos metros de distância – dor de cabeça, talvez.

Medo, que logo se transformou em *tensão mental*. Quero crer que tudo isso estava sendo provocado pela minha expectativa de sair ileso daquela floresta, com a matéria para a Católica em mãos. Mas havia *algo*. Algo escondido por detrás dessa obviedade na qual eu estava imerso, ominoso, capaz de silenciosamente alarmar meu sistema nervoso e incutir em minha mente, por mais que eu a ignorava inconscientemente e ainda assim com todas as forças, sugestões sobrenaturais, demoníacas. Embora poucas vezes eu já tenha ouvido falar de histórias relacionadas aos sobreviventes atlantes que na Amazônia fizeram sua morada, e também daquela do Doutor Parnassus, de sua oculta moradia no meio da floresta, principalmente no tempo de exército, tudo isso misturou-se de vez em minha mente.

Visão em preto-e-branco? Uma sombra que paira na cidade? Não. Tefé tinha como que uma luz e uma vida própria, autônoma por natureza; analiso que o perigo nela escondido é muito mais poderoso do que em

velas escuras de cidades como Porto Alegre, Belo Horizonte ou São Paulo. É que, ao mesmo tempo, isso me deixava fascinado, um contraponto que contribuía para a minha *tensão mental*.

Talvez jamais homem algum os tenha encontrado antes. Talvez jamais homem algum venha a encontrá-los novamente. Penso em importantes nomes de pesquisadores como Gabas, Kuikuro, Hernandez e Heckenberger. Penso na impossibilidade, ou quem sabe na incapacidade, de qualquer um deles encontrar vestígio algum dessa tribo de *índios*, ou confrades de seita. Foi possível encontrar um vulcão no estado do Pará, na província aurífera do Tapajós, mas isso não significa que todos os segredos da Terra se avultam com facilidade. Penso seriamente que somente *eu* pude vê-los. Do contrário, há muito já teríamos notícias a respeito.

Foi, como se diz, um *parto* conseguir dormir. A todo custo peguei no sono. Não tive pesadelos, mas queria que tudo isso fosse um *simples* pesadelo. Queria poder acordar suado n'uma noite qualquer e perceber que tudo não passou de um sonho; um sonho mau que surgiu para aterrorizar minha idiota existência no mundo onírico, e em seguida passaria a ser uma sensação de alívio ao acordar em minha própria cama, no calor das cobertas protegido do frio de zero grau do Sul do Brasil.

Foi A. C. Sana que logo cedo me chamou. Nem bem o sol raiou e fui despertado com a sensação de não ter dormido absolutamente nada. Apesar de o corpo não ter doído, da cama levantei um pouco cansado. Quem pudera, até conseguir vencer a preocupação, que não sabia de onde vinha exatamente, foi meu calvário ter aquietado a cabeça no travesseiro e começar a roncar também. Só que nem passava pela minha cabeça que *calvário* seria o que eu ainda iria passar, o que o destino me preparava mata adentro.

Mesmo um pouco cansado, mentalmente estressado, tomei meu banho deixando que a água levasse todas minhas energias negativas que estavam centradas em meu corpo – dizem que a água tem esse poder, e o toque da água em meu corpo não iria fazer mal algum. Tenho que confessar que o banho foi na medida certa para me renovar. Demorei um bocado de tempo, lavei-me vagorosamente, e só no fim do banho é que fui reparar o quanto d'água gastei; penalizei-me por isso. Desculpei-me posteriormente pelo ato falho, mas havia necessidade. Padre Sana até achou engraçado aquilo tudo. E entendeu que eu estava precisando

daquele banho mais do que qualquer vivente: acreditava que todas as informações, tenham sido elas visuais ou verbais, passavam pela minha mente em intensa velocidade; e não estava errado.

No café-da-manhã, suco de Cupuaçu⁶, pão, geléia de Abiu⁷, um estranho e gostoso bolo feito de farinha da mandioca (uma novidade para mim, cuja receita não-revelada parecia levar não mais do que dois ou três condimentos na mistura) e algumas frutas locais. Foi nesse meio-tempo que o camarada Jorge Mendes chegou. Abancou-se e tratou de tomar conosco o café, aceitando o convite de Sana para sentar-se à mesa. Passei a conhecê-lo melhor: estudou na Universidade Federal de Roraima, tendo cursado geologia ficando o máximo permitido, que atualmente é oito anos. Um sujeito bastante sisudo, mas muito inteligente. Usava óculos, as marcas acima das narinas denunciavam, embora tivesse guardado no estojo dentro do bolso; tinha olhos castanhos e nariz fino.

Partimos pouco depois do término do gostoso café matinal; dei um abraço em Sana, sem antes me desejar *boa sorte* e algumas dicas, e saí porta afora. Foi uma boa caminhada. Aquela manhã parecia preguiçosa e essa sensação me era reconfortante. Conversamos mais, trocamos ideias sobre política, sobre proteção ambiental e outros assuntos interligados;

⁶ A árvore alcança uma média de 10 a 15 m de altura, mas pode chegar a 20 m. As folhas são longas, com aparência ferruginosa na face inferior. Flores grandes, de cor vermelho-escuro e crescem nos galhos. Os frutos apresentam forma esférica ou ovóide e medem até 25 cm de comprimento, tendo casca dura e lisa, de coloração castanho-escuro. Os melhores usos do cupuaçu são obtidos na forma de sorvetes, sucos e vitaminas, e também doces como a musse, compotas e geléias. Dentre outros usos importantes se acham o "vinho" (refresco sem álcool) e licores, além de bombons. Diversos estudos científicos utilizam as sementes do cupuaçu e sua polpa para tratar doenças no trato gastro-intestinal.

⁷ De origem brasileira, a árvore é de médio a grande porte e pode chegar a 20 metros de altura. As folhas são alongadas, inteiras, simples e exsudam quando mais verde um látex branco bastante pegajoso da sua casca. A forma e o tamanho dos frutos variam conforme a sua origem, mas a oval para arredondada é a mais comum. Quando maduros, a casca é amarela, lisa e brilhante e a cor da polpa pode ser branca, creme ou amarela, é translúcida, mucilagínosa e doce ou sem sabor. Os frutos devem estar bem maduros para se consumir. Os frutos podem ser consumidos ao natural ou em forma de geléia, sucos e doces.

expliquei o motivo de minha vinda e toda a minha expectativa de voltar “ileso” da floresta. Chegamos até a cabana da ONG e fomos recebidos novamente pela bela Ana Cristina. Conversamos sobre como a mata havia amanhecido, como havia passado as últimas horas; dados que só fariam diferença a longo prazo. Nutridos de pertinentes informações, embrenhamo-nos floresta adentro, carregando o GPS por ela emprestado. Começava ali meu primeiro contato com a floresta.

02 LEMBRANÇA MALDITA

Parte 01

Acaba de passar uma procissão pela frente de minha casa. Mesmo eu tendo sido seminarista, nunca fui dado a procissões, ou até mesmo a aglomerações de gente, espremidas, entoando n'uma só voz os *Padre-Nossos* e *Ave-Marias* que tantas vezes já ouvira e repetira no seminário. Era como se todos aqueles indivíduos estivessem sendo abençoados, ou como se eles estivessem abençoando quem os observava, não sei dizer. Hoje isso é demais para a minha cabeça. Ainda mais pelo que passei. Acompanhei com o olhar o andar da procissão, que, contínua, se movimentava a passos lentos, atraído talvez pelas vozes em coro, até sair do campo de minha visão, seguindo adiante. Vi tudo pela janela. É impossível que alguém não tenha se perguntado, “*ora, como o vizinho não está conosco?*” Como um *seminarista*, minha ausência certamente seria sentida; mas, frente aos fatos, acho que não iriam querer minha presença, de qualquer forma. E diante de todas as pessoas, a imagem da Virgem era conduzida. Que ilusão mais doce essa de que um ser superior estaria acompanhando a procissão. De que *Deus* olharia lá de cima e diria: *Meus Filhos!* Um sonho que compartilhei por um tempo que agora considero perdido.

Há alguns dias eu pensei sobre tudo que comigo aconteceu. O que eu aprendi até aqueles dias e o que hoje considero como sendo verdadeiro. O dogma a mim imposto (foi eu quem procurou a Igreja, mas foi a Igreja, aproveitando-se de minha fraqueza, que não deu o benefício da dúvida), a fé em minha mente inculcada, tudo serviu para que eu perdesse a noção e me deparasse com o *demônio* – mesmo que os ensinamentos instruíam como manter-se distante dessas *tentações* – sem que eu estivesse preparado emocionalmente. Se hoje deixei a Católica, se

eu hoje estou livre das amarras, é porque tenho algo dentro de mim que não quer mais se perder em novas e amargas aventuras.

Pelos *deuses* mais sagrados, vê-los naquela caminhada me fez pensar na ilusão de um dia estarmos em um lugar abençoado; ilusão que também compartilhei por durante aquele tempo. Hoje, somente a caneta é minha amiga, pois é ela quem transforma meus pensamentos em letras. Constantemente me questiono se existe verdadeiramente um Deus, ou esse Deus que a Igreja prega como sendo verdadeiro, pois nem Deus, ou esse Deus da Igreja, se manifestou a meu favor quando encontrei *Satã*. A mata pode enlouquecer uma pessoa uma vez lá dentro. Experimenta entrar sozinho com a cara e a coragem e veja o que leva com isso! O barulho de uma folha seca em contado com o solo é infinitamente menor quando esse mesmo barulho é provocado por várias folhas que caem ao chão. Não percebemos que pisamos em folhas secas na rua, mas na floresta, um ruído toma forma monstruosa e ecoa aos teus ouvidos assustadoramente. Ecoa igualmente assustador os outros ruídos da mata, animais à longa distância cantam, crocitam, ululam, gritam em entonações mil, que entram no ouvido e demoram a sair, demoram a acabar, pois não encontram barreira sonora e o som é escutado minimamente, até perder-se na floresta. Tem o barulho do revoar de aves, que somente uma pessoa preparada psicologicamente para essas aventuras é capaz de suportar. Sem defesas, admito: eu nunca estive preparado, mesmo na época do Exército.

Baixei a cortina e, paulatinamente, saí em direção ao meu quarto. Perdido em mil pensamentos. Acho que senti saudades, dou agora mais valor para essa casa simples, de um quarto de bom tamanho, duas salas, um banheiro e uma cozinha. O conforto do meu lar, onde nenhum *demônio* poderá me encontrar. O invólucro que me protege.

Foi decisão minha ter deixado Padre Farina entrar. Poderia ter batido a porta na cara dele, poderia simplesmente ter ignorado a campainha, pois sabia que quem estava sob a soleira era o padre, mas resolvi deixá-lo entrar. Educado. Foi hoje de manhã. Tive o desprazer de recebê-lo, e não fiz questão de não deixar transparecer minha indignação, para não dizer ódio, por ter me conduzido ao inferno setentrional. “*Eu sinto muito, Lucas. Jamais passou pela minha cabeça que...*”, e todo aquele papo jogou para cima de mim para ver no que ia dar. Simplesmente para ver no que ia dar! “*Você é o meu melhor pupilo. Rezo todas as noites para*

que Deus...”, e continuou a trovar fiado. À breca com esse negócio de pupilo, ordinário padre, pois foi ele e essa conversa mole que me conduziu àquele lugar – acho até que estive verdadeiramente no *Inferno* (a mata esconde muita coisa)! Aquilo foi de outro mundo, de outra dimensão, de outro *nada*. E foi ele quem me deu a passagem, o dito-cujo vestido desta vez de forma casual, momentos antes de ministrar a missa das onze. Como o gosto de ser ludibriado é amargo. Quão grande é o pesar que sinto no meu coração. Envelheci muitos anos em um período minúsculo de tempo. E olho para o espelho e vejo as marcas, não necessariamente em meu corpo, mas em minh’alma diáfana, porém morta. *Como dizes que me perdi?*⁸ Sim, é verdade, eu me encontro *perdido*. Perdi-me, ainda que agora eu esteja no conforto do meu lar, em um mundo que já não é mais meu. Entretanto, alguma coisa sopra aos meus ouvidos dizendo que eu necessitava dessa dose de horror. Para *despertar*. Corrigir o *erro*.

Parte 02 - Um Sonho, Apenas

Entrar na mata foi uma experiência única; digo ainda ter sido a minha *pior* experiência. Claro que já tinha entrado antes, no Exército, mas foi diferente. O objetivo de uma e de outra foram díspares. No Exército não tive tempo para nada, senão marchar dentro da mata imaginando um inimigo ali, de tocaia, me esperando para arrancar minha cabeça, e fazendo exercícios de combate; coisa que nunca aconteceu. Ali eu estava para tirar fotos e fazer uma matéria contra os crimes ambientais. É bem diferente, com uma conotação bem menos violenta. Pelo menos na teoria; pelo menos era o que eu acreditava. Ou esperava. Mesmo assim, tinha comigo que alguém, qualquer que fosse a pessoa, até mesmo meu guia Jorge Mendes, deveria me informar melhor sobre a má reputação da mata. Eu achava que mereceria ser mais informado. Mas agora com o problema já criado, não tem porque pensar dessa forma, não faz sentido; aliás, procurar um sentido em meus pensamentos não faz de mim uma pessoa melhor, nem me traz sossego, já não interfere mais. Nunca me imaginei

⁸ Arthur Machen (1863 - 1947) – O Roseiral.

deliberar acerca de algo que nunca, até então, fez parte de meus estudos religiosos, nem tampouco tinha a menor referência às ordens sacerdotais. Mas posso dizer: ver aquelas seculares árvores não me trouxe alegria, me fez mal (acho que nem no tempo do Exército isso ocorreu). É claro que mantive o controle (pelo menos até certo ponto), mas ver aquelas árvores fez crescer um pavor inexplicável em meu peito, julgando-me – talvez, no momento, corretamente – excitado por estar diante de estrondosas árvores e ser quase insignificante perto – *abaixo* – delas.

Eu falo que poderia ter sido mais informado. Mas os primeiros dois quilômetros não se apresentaram horrorosos, como meu inconsciente quis mostrar. Na verdade, foram os mais fáceis de serem percorridos. Seguimos, eu e meu guia, primeiramente por uma estrada que adentrava ainda mais a mata, com rastros de pneus no chão de terra batida, que fazia pequenas curvas a distâncias regulares, de três metros de largura, ou pouco mais, de tal forma que servia de via de acesso para caminhões carregados de toras de madeiras ilegais. Saímos dela assim que, à direita, encontramos um pequeno acesso a uma trilha de seringueiros; foi por vontade do guia Mendes, preocupado com o considerável risco de sermos pêgos por esses caminhoneiros desleais. Segundo ele, qualquer um que obstrua o caminho tem a mesma importância d'uma cobra: para verem-se livres, são capazes de tudo, passar por cima, atropelar, matar inclusive.

Por entre uma clareira de árvores à minha frente, pelo menos ali naquele ponto não uma clareira feita por mãos humanas, de copas d'árvores afastadas umas das outras, pude ver a fumaça que vinha de longe. Na televisão falam que áreas do tamanho de campos de futebol são queimadas por dia... meus cálculos eram de que a dez quilômetros naquela direção, o fogo queimava incontrolável. E os animais continuavam a cantar, e aos meus ouvidos era como um som vindo de outro mundo. Mas não deixei me abalar e segui – distante da direção que a fumaça vinha – na mesma linha em que caminhávamos até chegarmos n'uma área em que havia mariposas de uma cor verde transparente e lustrosa pousadas nas raízes de árvores que se sobressaíam da terra. Aproveitei para tirar fotos, era uma chance mais do que imperdível para registrar a beleza que a floresta possui. Descansamos cinco minutos ali mesmo, e depois disso seguimos o caminho dos seringueiros, através da trilha aparentemente diariamente percorrida.

Horas adiante, já próximo da noite, n'uma área um pouco descampada, solo coberto por folhas de algumas árvores medicinais – *Apuí*, se bem me lembro o que meu guia explicou; armamos nossa primeira barraca. Eu estava ansioso por passar minha primeira noite praticamente sozinho na floresta, e também com um vago medo de que algo pudesse acontecer. No início creditei essa minha preocupação ao perigo eminente: traficantes que perambulam pela mata durante a noite, bandidos escondidos, ou até mesmo nos deparar com animais da floresta, como a cobra que chega sorrateiramente, a onça, o puma, onça-preta. Mas inconscientemente eu sabia que não era só isso. Passei todo o período da janta pensando nesse estranho medo, e tentando entendê-lo.

Sonhei diversas coisas na floresta. Podia ver qualquer animal na mata – fruto de informações que colhia vendo filmes ou propagandas de televisão; mas nada que pudesse correlacionar com o que me aconteceu, com o q'eu *vi*. Não creio, mas se o que *vi* teve alguma ligação com mundos oníricos, foi através daquele momento em que nos separam dos sonhos, no entanto não completamente despertos. Há alguns anos atrás, por exemplo, eu vi um *olho* me observando justamente nesse momento entre o sonho e a vigília. Esses momentos podem durar segundos, ou horas se for o caso. Em noites mal-dormidas, tive a sensação de movimentar-me, talvez por longas distâncias, livremente. Despertei várias vezes (isso vale para todas as noites em que lá estive) durante a madrugada sentindo o corpo cansado, sobressaltado, às vezes imaginando ter escutado movimentos estranhos, sempre com uma *vaga sensação de ter experimentado mais do que podia lembrar*⁹.

Poder-se-ia dizer sonambulismo. Entretanto, nunca fui sonâmbulo, e não seria justamente na Amazônia que eu viria a me tornar. Mas sempre quando eu despertava, logo cedo de manhã, com o sol batendo em meu rosto, atravessando as copas das árvores, essa sensação mostrava-se viva e realista: eu havia me movimentado durante a noite, eu teria visto algo *inumano* naqueles momentos em que já não se mais dorme, nem tampouco está completamente desperto.

Embora nenhum sonho tenha se repetido enquanto dormia na floresta, lembro de um em especial. Dizem que quando sonhamos, nossos olhos movimentam-se para todos os lados freneticamente; sonhos neste

⁹ H. P. Lovecraft (1890 - 1937) – Os sonhos na casa assombrada.

estágio são geralmente lembrados ao acordar. Podem, inclusive, permanecer em nossa lembrança por muito tempo. E desse em especial lembro como se tivesse sonhado ainda ontem, um sonho sem pé nem cabeça, onde senti o bafo de enxofre exalar do meio da Amazônia, como que indicando um caminho a ser seguido, cansado ao acordar.

Talvez eu esteja exagerando – não é para menos, sonhar estar sentindo o cheiro de enxofre não é nada normal; mas o que entra em pauta para reflexão é que a Amazônia estava mais escura, cheia de *criaturas* (e aqui eu reforço a influência dos contatos que eu tive de filmes e de histórias sobrenaturais que captei ao longo de minha vida) alheias ao nosso mundo. Se bem que, como era um pesadelo, muita coisa foi *insinuada* e pouca coisa foi vista.

No sonho eu cheguei a despertar – dentro do sonho acreditei estar desperto, inclusive. Meu guia já estava acordado. Preparava um café. Eu olhava para o meu relógio e ele tinha parado (nos sonhos muitas vezes objetos são inseridos sem a menor cerimônia). Marcava três e vinte. Resmunguei, xinguei o relógio. Olhei de volta para meu guia e o vi erguer uma corda pelo tronco de uma árvore. Perguntei-lhe o que iria fazer, e o escutei falar que estava preparando um trançado de cordas para o caso de eu ter que carregá-lo durante a caminhada. Achei estranho, mas resolvi deixar passar.

Comi algo rapidamente e recolhemos nossas tralhas. Mendes ainda tinha reclamado de dores nas costas, e respondi que era o chão duro. “*Mas que chão duro?*” Ouvi-o responder. Estranhei a pergunta, mas mais uma vez fiz vista grossa. Então partimos e seguimos caminho, n’uma conversa até estranha, a julgar o fato de estarmos n’uma floresta e que há pouco havíamos nos conhecido.

- *Então você não gostou do avião. Eu gostei. As poltronas são confortáveis.*

- *Não gosto de avião. Tenho medo.*

- *Só você tem medo. Para mim a viagem foi boa.*

- *Como assim foi boa?*

- *Ora, e não me viu roncar uma poltrona atrás da sua?*

- *Não!*

- *Como não? Ainda te chamei para pedir uma opinião!*
- *Eu não lembro.*
- *Cabeça fraca. Não sei por que Padre Farina pediu para que viesse em seu lugar.*
- *Como sabe de Farina?*
- *Ora. Você só pode estar de brincadeira. E eu não estive na hora em que ele pediu para que fosse em seu lugar?*
- *Pediu. Mas estávamos praticamente sozinhos.*
- *Eu sei. Mas eu estava perto. Não viu porque não quis.*
- *Tanto faz.*
- *Ora, homem. Para que tanta indiferença?*
- *Então se estava lá deve saber que fui levado a aceitar.*
- *Agora é a minha vez de dizer: tanto faz. Aceitou porque quis.*
- *Eu estava precisando de ajuda quando entrei para o seminário.*
- *E quem não está?*
- *Deixe-me acabar! No seminário, devemos acatar algumas ordens, é questão de bom senso.*
- *Então você aceitou o convite.*
- *Sim. Bom senso.*
- *Entendo. Bom senso foi o que tivemos ali atrás.*
- *Por quê?*
- *Não viu? Não viu os olhos que nos observavam? Aqueles rostos atrás de algumas árvores?*
- *Não.*

A conversa no sonho parou por ali. O que se passou depois foi a estranha sequência de morte, sangue, desespero. Quando eu disse que me sentia praticamente acabado ao acordar, não menti. E tenho certeza que todos os meus sonhos naquela mata possuíam esse teor maledicente.

Metros adiante ouvi um baque surdo. Era meu guia caído no chão. Segurei-o no colo tentando reavivá-lo, mas já estava morto. O sangue apareceu logo depois. Saiu pelos seus olhos fechados, pelo nariz e pela boca, que se abria fétida tal qual um poço negro, o verdadeiro poço de Demócrito¹⁰.

O desespero veio no contexto. Como sabia ele sobre o que motivou a minha vinda no lugar do padre? Como alegava ter escutado a conversa entre eu e Farina, se nem era padre e muito menos conhecia minha cidade? Como saiu tanto sangue de uma face que já nem era mais humana?

Foi um sonho, apenas. Marcou fundo na memória, jamais me deixou em paz, tampouco se repetiu novamente. Fosse eu escritor, teria um vasto material para trabalhar.

Parte 03 - Entretempo

Eu abri os olhos. No entanto, não o suficiente para ver tudo com clareza. Minha primeira impressão foi de absoluta quietude; a segunda, enganado porém, passei a ouvir *algo*, a sentir *algo*, a ver *algo*. A nitidez da visão me faltava, e por causa disso, talvez, qualquer coisa de sobrenatural, de ominoso, de cruel instalou-se em meu peito, fazendo meu coração pular com veemência.

Eu tentei observar melhor ao meu redor. As árvores exibiam um aspecto horroroso, tornaram-se vivas e movimentavam-se, e suas folhas – que eu podia jurar terem sido verdes – assumiram uma estranha coloração

¹⁰ Demócrito de Abdera, filósofo grego. Criou o aforismo do Poço sem Fundo, para exemplificar a futilidade dos desejos humanos.

que irritava meus olhos. Suas cores também cintilavam, o que inicialmente achei estranho. O verde opaco deu lugar a uma coloração cintilante, e imediatamente veio-me à cabeça a ideia de que meu guia tinha envenenado minha comida. Neste estado, esqueci-a em seguida.

Minha reação era lenta. Procurar um ponto de luz natural foi complicado: meus próprios olhos, enfraquecidos, não aguentavam ficar abertos por muito tempo, então eu piscava e novamente os abria, insistentemente.

O sol – em verdade, eu também tentava olhar na direção em que o sol estava – nada iluminava. Achei que estava escondido por entre as copas d'árvores, mas logo percebi que simplesmente não existia. Era o azul do céu e mais nada para iluminá-lo. Então pensei que eu também não existia. Ou que eu estava n'um mundo diferente daquele do qual a noite se fez, fazendo-me deitar e dormir dentro da Amazônia. Ou ainda que eu estava deitado em meu quarto, e que tudo aquilo não era mais do que um sonho. Mas essa última impressão desfez-se instantes depois de um novo piscar d'olhos. Pois quando os reabri, a floresta estava ao meu redor, tão viva quanto antes – talvez só nesse estado mental a floresta estivesse imune ao ultraje e às intervenções destrutivas da humanidade, ao aquecimento global proporcionado pela inescrupulosa mão do homem moderno.

Teria eu condições de gritar? Ou a quem chamar? As árvores, que normalmente deveriam estar fixas no solo, vinham vagarosamente em minha direção. Imagina o pavor ao vê-las *caminhar*! Bem, alguma coisa me dizia que estava tudo errado, que a minha percepção da realidade estava desviada, imprecisa, invertida, mas isso não foi capaz de fazer parar toda essa marcha arbórea que vinha em minha direção. Que aproximava-se aos poucos com sua influência deletéria – e olha que nunca antes tive tal ilusão óptica – e me fazia perder a noção do tempo e do espaço, isso não tinha o que duvidar.

Para todas as direções que eu olhava (eu não olhava verdadeiramente, pois mal movia os olhos), nada além do que as árvores que se aproximavam, n'um caminhar ou arrastar infinito, eu via, e a sensação de que o solo onde eu estava deitado lá também não existia. Ou se existia tinha outro formato. Com o tato das pontas dos meus dedos das mãos pude sentir – de forma muito delicada, fraca, frágil – a textura do solo. E juro que eu não estava deitado em grama e folhas secas que

caíam das árvores, mas em areia, tamanha sua aspereza. Se era o solo amazônico, isso eu não posso dizer.

Trata-se daquele entretanto quando estamos para acordar, mas geralmente continuamos n'um sub-sono ou semi-reposo e conseguimos, facilmente, nos transportar para outros lugares, ou fazer esses outros lugares transportarem-se até nós; pode durar o tempo que for possível.

Minha apatia parecia contaminar tudo que estava à minha roda. Até as árvores diminuíram seu movimento, que já era vagaroso. Esse instante foi marcado pela minha tentativa de movimentar meus braços. E pela minha incapacidade de movê-los.

Primeiro tentei levantar o braço direito, depois o esquerdo, sem sucesso. Ao menos balançar as mãos, mas nada consegui – afora aquela sensação de sentir o solo com as pontas dos dedos. '*Se nem meu próprio corpo posso movimentar, isso só pode significar que estou morto*', constatei. Mais uma tentativa em vão demonstrou-se quando tentei movimentar minhas pernas.

Diferente de quando estamos vestidos e protegidos do frio intenso do Sul, empacotados em roupas e mais roupas, eu simplesmente 'desliguei-me' quase que por completo do corpo (o nosso sórdido tabernáculo, a nossa "cobertura" natural), como se dele eu já não mais pertencesse. Tentei movimentar minha perna esquerda, levantá-la, vira-la, contraí-la, mas ela sequer se movia. Passei a movimentar a perna direita, ou tentar. Nem sinal de vida. Fiz o maior esforço para levantá-la, mas não saiu do lugar. Ou *imaginei* não ter saído.

Somente a ponta dos dedos das mãos eu sentia, tateando o solo novamente. "*Não. Se eu estivesse morto não estaria sentindo o solo*", respondi à minha primeira interpretação. *Descobri* que eu respirava, e ainda conseguia, com bastante esforço, movimentar um pouco meus lábios – que pareciam rachados – e minha língua. Essa era a prova de que eu definitivamente não estava morto. E nesse momento não me lembrava das árvores que se aproximavam cada vez mais lentamente, do solo em que eu estava deitado, ou da floresta em si. Estava simplesmente preocupado com o meu *corpo*; com o meu corpo e minha alma, um extensão do outro, que já estava ferida.

Voltei a olhar a mata ao redor. Tudo estava em seu devido lugar. As árvores, o sol que me iluminava, a cor das folhas. Mas aquilo persistia

em minha mente (e era vivo) de tal forma canhestra e zombeteiramente, que minha primeira reação foi... *gritar*. Como eu não havia *pensado* nisso antes? Refleti sobre tudo que se passava à minha volta, e gritar seria a reação mais humana possível, mas por que tardiamente? O que me fez não chamar Mendes? Medo? Do quê?

Então gritei. Gritei usando de todas as minhas forças para chamá-lo. Mas nada saiu pela minha garganta. E eu que pensei ter melhorado daquela apatia, na verdade continuei tão apático quanto antes. Não desisti de chamá-lo, entretanto. Uma ideia absurda surgiu: entrar em contato com ele telepaticamente. Uma ideia idiota. Imerso nessa bolha de ar comprimido que se chama *entretempo*, eu acreditava que tudo podia! Agora é até engraçado falar sobre o que me aconteceu, mas a graça só aparece quando tudo aquilo está distante.

Eu não consegui fazer nada. Sem poder me movimentar, mal escutando a minha própria respiração, não tive muita escolha senão ficar calmo o máximo possível (se é que isso me fosse permitido); apenas sentindo as pontas dos dedos das mãos (n'um dedo da destra o 'estranho' sinal de nascença) em contato com o solo. Essa calma forçada me proporcionou uma sensibilidade maior na audição: passei a escutar mais nitidamente certos ruídos que sequer tinha escutado anteriormente – ou se tinha, não concatenando as ideias, não os identificava. Miseros ruídos que, aos poucos, tomaram forma de um estranho assobio. Mesmo tendo sido nesse período de pós-sono e pré-despertar, foi a primeira vez que tive esse “contato” com a *dona do assobio agudo*.

Para acordar dessa letargia, desse *entretempo* – que pode durar horas ou segundos – basta um pequeno toque de realidade nesta bolha de ar comprimido para estourá-la. Eis o toque recebido: eu me assustei! Assustei-me quando vi primeiramente um pássaro – agourento – que ficava dando voos a uma altura bastante baixa, rasantes por sobre minha cabeça, louco para rasgar a mortalha em q'eu me vestia, e depois quando um rosto que aparentava qualquer coisa humana apareceu no campo de minha turva visão, todo pintado de branco; sempre escutando o tal assobio, cada vez mais próximo. Pergunto-me hoje se teria sido o tal *índio* que de repente apareceu, *quem* ou o *quê* era, mas jamais poderei saber; da mesma forma quanto ao tempo que permaneci nesse delírio semiconsciente.

Parte 04

Acordei gritando, admito; suado também; enquanto Mendes preparava o café-da-manhã, e me olhava com um olhar apavorado. Não fez menção nenhuma de perguntar o que estava se passando comigo, mas deixou que o olhar espantado falasse por si só.

- Estou mal, não é? – esfreguei meu rosto. Esfreguei o rosto mais para sentir minhas mãos, como para provar a mim mesmo que aquilo tudo nada mais tinha sido do que uma ilusão e que não havia morrido, coisa estranha de se pensar.

- Bastante – monossilábico respondeu-me. Mas senti que pedia explicações.

- Já te ocorreu pesadelos dentro da floresta?

- Sim – respondeu, continuando a fazer o café-da-manhã, sem me olhar.

- Já te ocorreu aquela sensação de estar acordado, mas não completamente desperto?

- Cuidado. A mata proporciona essas coisas – brincou.

- Estou falando sério.

- Eu também – continuou a brincadeira. No entanto, parou quando viu que eu não estava achando graça, que minha resposta tinha sido automática, e que em minha face estava um aspecto quase doentio, cansado – Não. Nunca aconteceu. Agora falando sério: você foi picado por algum mosquito? Está lembrado de ter sido picado por um?

- Não.

- Tem febre?

- Também não.

- O que te aconteceu? – trazia uma xícara de café para que eu bebesse.

- Vi as árvores movimentarem-se, senti apenas as pontas dos meus dedos das mãos e o solo, arenoso – fui sucinto ao responder. Recebi a xícara sem sair do lugar em que eu estava.

- Não, nunca me aconteceu mesmo. Mas eu acho que os sonhos foram motivados pela tua vinda à Amazônia. Muita informação em pouco tempo.

- Deve ser... – falei, assim como antes automaticamente, ao mesmo tempo colocando reticências no assunto e desviando-me dele.

- Pegue essa fatia de pão e a fruta. Encontrei essa fruta não muito distante daqui. Pode comer, ela é boa. Eu garanto.

- Claro. Vou comer – respondi-lhe. Mas o que eu pensei foi: *‘Então você realmente me deixou sozinho no meio da mata’*.

Fizemos um rápido desjejum, não queríamos perder um segundo sequer do dia. Comemos o suficiente para ficarmos até ao meio-dia caminhando na mata, tendo uma pequena previsão de até aonde iríamos. O dia havia amanhecido deveras agradável, convidando-nos para uma nova caminhada. Seguimos o caminho tendo que, vez ou outra, afastar certas trepadeiras que atravessavam a nossa trilha geralmente entre duas árvores, com o facão. Algumas, Mendes cortava. E eu sempre tirando fotos.

Lá distante, não necessariamente no topo das árvores, éramos acompanhados por macacos – quem sabe era o sagui de cara branca, ou filhotes de macaco branco, mas tenho certeza que não era o sagui imperador, essa raça de macacos não vive naquela zona da Amazônia; que infelizmente não pude tirar muitas fotos devido à distância que nos observavam. Pulavam de uma árvore para outra, sempre mantendo-se próximos das copas como precaução, talvez pensando que seríamos os devastadores da região. Pobres animais. Como confiar naqueles que atravessavam as trilhas tendo tanta gente literalmente matando seu habitat? Só a distancia como aliada na tentativa de identificar a novidade. Eu ainda sorri frente a uma constatação: a *beleza* ainda estava lá, algures intocada.

03 REVISTAS E JORNAIS

Tenho todas as revistas e jornais por sobre minha mesa, periódicos dos quais fui entrevistado. A maioria deles só fala besteiras. Inverteram o que falei, ou ainda aumentaram o que eu disse. São notícias manipuladas que, ao mesmo tempo, causam furor na população e ataques de risos, se lidos em momentos descontraídos. A maioria delas mais parecem historietas malfeitas de terror, típicas do escritor de primeira viagem, sem noção alguma do que abordar ou sobre o que escrever, contadas como verdadeiras.

De alguns, apenas ignoro o conteúdo, pois, como se diz, trovam fiado. Induzem o leitor a acreditar que tudo isso não passou de loucura, de invenção, e que eu deveria ser levado ao manicômio por ter dito tantas *inverdades*. De outros, rebato as falácias que leem-se a cada parágrafo, a cada frase, a cada fragmento. A cada opinião maldita, diga-se de passagem. São informações que brincam com a verdade, que induzem o leitor ao ridículo e me jogam também ao ridículo. É o costume tão corriqueiro de ocultar o que é verdadeiro e fazer a massa engolir a mentira como sendo verdade, muitas vezes de forma tão burlesca. Dá-se o nome de *manipulação* esse jogo de verdades-inverdades-mentiras. Separei este capítulo para demonstrar o meu ponto de vista a respeito de algumas notícias que selecionei e recortei. Sinto vergonha por meu nome estar na boca de todos, principalmente da forma de como é empregado. Foi-me tirado o direito de viver tranquilo: viver da forma como hoje vivo, é estar preso.

Notícias fastidiosas

De tudo de ruim que me aconteceu, a pior delas é que sou o centro das discussões, das piadas, do falatório. Gostaria de deixar essa *honra* somente para o nosso presidente.

Todos têm acesso fácil a este jornal, e por isso já estão rindo do meu infortúnio. Engraçado como notícias assim, que abrem mais a ferida em carne-viva, são prato-cheio para picuinhas do cotidiano das pessoas. Se alguém perguntar meu nome lá no nordeste, tenho certeza que falarão conhecer o *seminarista que foi induzido pelo demônio*. Se não tivesse acontecido comigo, até eu daria risadas disso. Um contraponto. Como não dar risadas de uma notícia malfeita como esta?

Seminarista encontra Satanás na Floresta Amazônica”

Em primeiro lugar, a maneira de como a notícia foi abordada não condiz com a verdade. Falam em rituais satânicos, mas esquecem de dizer que tudo aquilo foi um infortúnio gratuito, que não foi eu quem procurou o *pé fendido*.

Sinto pena das pessoas que leem a notícia e são levadas a crer que *criei* tudo aquilo para aparecer na televisão, ser a bola da vez do noticiário das oito. É incômodo saber que meu nome é sinônimo de (des)graça, mas mais ainda ser desconjurado por uma *universal* da vida como tendo *pacto de sangue* com o *inimigo*, e todas aquelas tolices que os pastores cacarejam nos ouvidos dos fracos e insipientes fiéis. Consigo ouvir as mães falando para suas crianças que sou um péssimo exemplo para a fé cristã. Que maculei o véu da Santa Virgem com minhas iniquidades, e que praguejei contra o *Senhor*, ao pé da cruz, injúrias e ofensas mil. É muito opressor estar nas garras de uma inquisição silenciosa, como esta em que o mundo está atado.

Em segundo lugar, existe aí uma inversão de valores – dos meus valores de até então. Se me chamam de mentiroso, é porque ateei fogo contra a Sagrada Bíblia, se me chamam de *inventor*, é porque sou um oportunista. Não duvido que mais repórteres ou jornalistas batam em minha porta a fim de coletar qualquer coisa a mais que não cheguei a falar – agora, isso que escrevo, tenho certeza que não será lido por ninguém.

“Jovem seminarista diz ter visto o demônio agindo no meio da Amazônia”

Não duvido que o jornal que publicou essa notícia tem um pé na *evangélica*. Ou os dois, a julgar pelo motivo contundente que ora certos pastores estão sendo acusados. Confesso que achei original quando li, pela primeira vez, a sentença que segue-se após o início do segundo parágrafo. Algo como “...e tudo devido ao culto de imagens.” Eles juntaram a ideia de que eu cultuava imagens para explicar a minha *atração pelo demônio*; isso é algo completamente inexplicável!

Analisando friamente, tudo por que passei pode ser contado como um caso de fazenda ao pé de uma fogueira, e, após um bom susto no início, rir das besteiras. Agora, experimentar *descer* ao inferno setentrional e sobreviver, não é qualquer um que tem uma chance.

“Ritual Satânico Amazônico: seminarista admite ter visto demônios na floresta”

Incubbus e Succubbus e tudo mais. Uma notícia que veio só para alarmar os “especialistas” demonólogos, principalmente quando cita a existência de demônios, no plural, na Amazônia. Para uma história de terror, promete muito, mas para uma notícia, nada mais do que alarme falso. Ainda tiveram a capacidade de inventar: “*E o seminarista experimentou a papoula amazônica e, em transe, viu os demônios. Especialistas admitem a existência desses demônios, pois eram cultuados tanto pelos Vikings quanto pelos Celtas, e...*”. Como assim? E o que tem a ver os Vikings e os Celtas com o que vi? Eu só sei que fiz bem ter parado de dar declarações.

“Em expedição para pesquisa sobre desmatamento, jovem seminarista encontra o demônio em pessoa”

E o que dizer dessa notícia? Tudo o que sei é que saiu n’uma das mais importantes revistas do país, de uma forma até maldosa, pedante, arrogante, mesquinha. Como controlar a língua daqueles que escrevem as matérias? Cortando-as? Olha, não é uma má ideia não!

“Igreja Católica nega ter encontrado Satã!

Igreja Católica admite o envio do seminarista para a Amazônia a fim de fazer matéria contra as queimadas e desmatamento, somente”

Essa notícia me agrada mais do que todas as outras. Possui um conteúdo digno de revista que somente a classe alta da sociedade compra. Possui a melhor das linguagens e um português extremamente correto. Foi a única que tentou obter informações através da *Igreja*, coletando as opiniões inclusive do Padre Farina. Foi a única que se aproximou um pouco da realidade da coisa, que teve a decência de não menosprezar minha função na Amazônia; o editor merece meus parabéns. Mas ainda assim, por mais que meu nome não tenha sido citado uma só vez, possui ainda fragmentos de mentiras que mais parecem terem sido coletadas nas matérias das mais infames e vulgares revistas do país. Ou seja, não há como escapar das flechas que vêm de todas as direções.

Ninguém se interessa pela verdade, ninguém é justo o suficiente para colocar na balança o que é invenção da mídia e o que é a verdade por mim relatada. Ninguém vai se preocupar em saber o que de fato aconteceu, pois, para todos, o mais importante é ter um assunto para discutir na vizinhança da esquina, ou nos botecos tomando cachaça, ou na academia, ou na sala de casa bebendo o licor mais caro encontrado nos hipermercados. O mundo, por si só, já é um retroalimentador de fofocas e mentiras, e sem elas, perde-se o norte, uma linha a seguir, o sentido de viver.

04 PERDIDO NA AMAZÔNIA

Hoje eu acredito que possa existir entidades inferiores, lugares superiores, pois consigo dar a mim, *conscientemente*, o benefício da dúvida. Se eu tivesse pensado melhor, dado a mim uma nova chance, e não procurasse o seminário achando que seria a minha última alternativa, entenderia que aquilo por que passei era uma forma de me encontrar. Se bem que, às vezes, a *vida* escreve-se correto em linhas tortas. Cada um merece o que tem, era o que dizia um amigo que há muito não mais vejo. Se seguir essa teoria, eu mereci a Amazônia e seus horrores, principalmente seus horrores.

Muitas coisas culminaram com minha solidão lá dentro. Como o repentino falecimento do meu guia e o início do horror, propriamente dito. Narrei sobre os detalhes que me aconteceram dentro da floresta, entretanto deixo para somente agora explicar o objeto de horror na mata, o que me deixou praticamente transtornado, mas que me fez entender que dele eu necessitava para melhorar.

Deixarei de lado as datas, pois tenho comigo que elas só servem para atrapalhar; elas tiram todo o brilho dos acontecimentos. Gostaria, outrossim, de falar um pouco mais sobre o meu guia. Se bem posso me lembrar, não aparentava ser um sujeito parrudo, entretanto não era fracote, usando dos termos daqui do Sul. Levava consigo, sempre, um facão à cintura, conhecedor de muitas trilhas pela mata, fazia da floresta uma segunda casa; assustava-me, às vezes, vê-lo com o rosto mais contraído que o normal, concentrado. O GPS era usado sem cerimônias quando preciso. Engraçado que sempre quando eu via o aparelho em suas mãos, lembrava da face de Ana Cristina. Teria ela sido imaginação minha?

Também fiz várias anotações lá na Amazônia; além das fotos que tirei. A primeira folha, e um pouco da segunda, escrevi sobre algumas coisas que até agora já falei, misturado com o que lembro; engraçado que mantive uma letra segura até os instantes que antecedem minha visão, quando pouco entendo o significado desses hieróglifos. “*É um sentimento*

de orgulho ter uma natureza tão rica em território nacional, e ao mesmo tempo um sentimento tão triste por saber que tudo isso está acabando”. “*A natureza é um lugar fechado...*”. Sim, muito fechado, espalha-se por todas as direções – infelizmente cada vez menor devido às mãos do homem, e da burrice também – que se possa observar; intangível em sua essência, tangível apenas para seus habitantes, alguns até de vida noturna.

Meus ouvidos começaram a ficar mais sensíveis, e passei a escutar toda sorte de barulhos: dos rastejantes aos aéreos. Poderia ser só impressão minha, e comecei a desconfiar que fosse isso. Uma impressão, um detalhe que eu escutava mais nitidamente devido às circunstâncias que para mim eram estranhas, alheias ao meu lugar de origem. Entretanto a sensibilidade só fazia aumentar. Cheguei a escutar coisas que não existiam, e isso já é por si só desconfiável.

Foi apenas em uma noite que permaneci insone até altas horas. Jorge Mendes dormia a sono alto quando deparei-me com uma situação bastante estranha: escutei novamente aquele assobio agudo que ouvi naquele entretempo daquela outra noite. Pensei que alguém que representasse perigo para nós dois estava se aproximando e até fiz menção de acordá-lo. O assobio, no entanto, assumiu uma característica atípica: vinha de todos os lados, e de nenhum ao mesmo tempo. Dificilmente seria um caçador ou algum militar que tivesse treinando em floresta brasileira. Hipnotizador, o som desse assobio era muito poderoso aos meus ouvidos, e quase parti mata adentro para descobrir sua origem. Até achei engraçado quando escutei, o que considerei uma brincadeira – de quem não tenho a mínima ideia; o dono (ou *dona*) do assobio dizer: “*Quem quer! Quem quer!*”. Mas *quem quer* o quê? Que diabos!

Seguimos adiante o caminho, logo de manhã cedo do dia seguinte a essa noite insone, avançando agora vagorosamente para que eu pudesse tirar fotos com maior precisão, pois havíamos entrado na área em que a floresta ainda se encontrava virgem e, por muita sorte e também por pouco tempo, de acordo com o avançar da exploração irresponsável, distante das mãos do homem. Não muito distante dali um dos rios que serpenteiam a Amazônia cruzava em seu eterno (infelizmente ameaçado) rumo, seguindo caminho em direção a outro rio, desembocando ou no Rio Negro ou no Rio Solimões, levando consigo cardumes de peixes ornamentais, que embelezam aquários do mundo inteiro.

E descobrimos algo que muito me interessou e impressionou: muitas espécies desconhecidas e ainda não catalogadas. “*Só dez por cento das espécies da região estão catalogadas, então isso significa que esses noventa por cento não conhecemos, portanto perdemos muito com essas queimadas e desmatamento para fazer área de criação de gado e plantação de soja*”, disse-me Jorge. Tirei fotos de animais em extinção, outros abundantes na região. Das árvores – hoje – intactas, e de plantas rasteiras e as conhecidas como “trepadeiras”, as que percorrem todo o caule das árvores e caem dos galhos formando uma espécie de manta, algumas até o chão. Olho hoje para as fotos e penso no que o futuro nos guarda. Essa beleza poderá terminar, e o governo precisa deixar de ser indiferente e deve interferir com leis de impacto ambiental a fim de *salvar* todo o bioma amazônico. Também vejo uma espécie de ‘fantasma’ por detrás, o fantasma da destruição, da perda de nossa única riqueza, a nossa cultura, o nosso pulmão, a nossa vida.

A precisão com que minha lente fotografou a paisagem amazônica foi substancialmente inspiradora, o que me leva a crer que a floresta simplesmente me chamava. Aves amarelas, outras multicoloridas, algumas monocolors. Tenho certeza que se eu tivesse ido até o rio, teria fotografado belas vitórias-régias, mas meu guia não permitiu por haver uma grande quantidade de jacarés (famintos, se bem entendi o recado) que poderiam me atacar com facilidade estando à beira do rio. “*Eu gostaria que houvesse mais incentivo para que novos pesquisadores brasileiros viessem para cá. Cinco por cento, apenas*”. Foi o que me disse, muito chateado com a insignificância com a qual a Amazônia foi deixada.

Eu já havia perdido a noção de quanto tempo estávamos na floresta. Aliás, a noção de tempo, alterada, instalava em minha mente a ideia de que muito tempo havia se passado, e que eu tinha perdido datas importantes, como o meu aniversário, além de outras datas insignificantes. Pensando melhor, agi como uma criança que não sabe a noção do espaço da casa em que vive, durante aqueles dias de pesquisa, fotos e registros.

Cada descer de areia por entre a ampulheta do tempo me fazia, de forma muito lenta, perder a cabeça, causando-me cada vez mais um estresse muito grande – não à-toa aconteceu o que aconteceu. No entanto, eu fazia questão de não tomar conhecimento acerca de qualquer coisa que pudesse interferir na matéria a que fui designado fazer, ignorando tudo aquilo que, com efeito, me era apresentado, pensando

erroneamente n'uma coincidência sem propósitos maléficos. Dizem que é a ignorância que salva o homem. Talvez seja verdade.

Estou lembrado das noites, mas não sei situá-las. Misturadas, para mim são únicas, indistintas entre si. Não apenas por uma vez, conversamos eu e meu guia noite adentro, para passar o tempo, até o início da madrugada, iluminados pela pequena (e bem controlada) fogueira que havíamos feito para espantar a escuridão e os mosquitos, cada qual em sua barraca, a fim de encontrar o sono.

- Então você se formou na Universidade de Roraima – comecei.

- Estudei, sim. Geologia. Oito anos.

- *Bah*. Tri legal. Conhece bem as trilhas, garanto eu.

- Daqui? A maioria. Menos as que são abertas clandestinamente. Bem, até conheço algumas trilhas abertas pelos que derrubam a mata, mas são poucas em relação àquelas usadas por seringueiros e pelos poucos pesquisadores brasileiros da Amazônia.

- Pois é. Você falou um pouco sobre os pesquisadores. São poucos, não é?

- Pense em quatro mil quilômetros quadrados. Coloque um pesquisador, apenas, para cuidar dessa área. Não acha que é pouco? Eu sim.

- Não é a Amazônia que ocupa cerca de metade do território nacional? Não é aqui o cenário da maior biodiversidade do planeta? Não faz sentido.

- Não faz mesmo. Mas vai colocar isso na cabeça dos governantes brasileiros. Para você ter uma ideia, só cinco por cento dos pesquisadores na Amazônia são brasileiros – voltou a abordar o tópico, mostrando sua indignação – Não me surpreenderia se encontrasse aqui dentro um pesquisador alemão, italiano. Ficaria surpreso se encontrasse um brasileiro agora, perambulando pela mata como nós e pesquisando.

- E Ana Cristina não conta? – perguntei-lhe.

- É preciso ter alguém que fique na “porta de entrada”, digamos. Do contrário, fica tudo aberto. Até traficante pode passar livremente. Não que eu esteja desmerecendo o trabalho dela, pelo contrário, ela é muito importante para nós, pois é quem passa todas as informações, das gerais às específicas, para o pesquisador que na floresta entra. Só que o brilho que ela tem, por ocupar essa função, é apagado pelo desinteresse do governo – e arrumou os óculos que caía no rosto.

- Entendo. Tem ideia sobre tudo isso? E a catalogação?

- O quê? A floresta? É a maior piada do mundo dizer que todas as espécies da região estão catalogadas. Digo-lhe que não passa de dez por cento.

- Você já tinha dito. Só dez... – comecei a pensar nessa pequena quantidade.

- Quando eu digo que o problema é o desinteresse, ninguém me acredita. Precisamos de gente séria lá no Senado para votar leis que protejam nossa floresta, e que incentivem as pessoas a estudarem. Só então conseguiremos reverter esse panorama. Tudo isso aqui é o nosso tesouro, mas só conseguiremos preservá-lo se tivermos conhecimento profundo dos biomas brasileiros; criar estratégias mais eficazes para que isso possa ser feito.

- Aí entra o estudo que você falou – arrematei.

- Mas é claro. Incentivar e financiar o ensino técnico superior deveria ser lei. Isso tudo para que aumente o nível de competição entre as universidades, que aumente o número de instituições que oferecem esse ensino também, e que disponibilizem um ensino de qualidade.

- Você não acha que devemos iniciar de baixo? Ensino fundamental, por exemplo?

- É verdade. É preciso uma melhor base de estudos para as crianças, pois uma pessoa não vai decidir ser pesquisador se não tiver conhecimento desde as séries iniciais. Investir também na formação dos professores para contribuir na criação desse conhecimento e do interesse da criança por matérias de áreas humanas; acho que é uma boa pedida. De tudo isso depende o sucesso.

- Eu imagino. Não é interessante um sistema mais organizado que premia os pesquisadores que se interessaram mais? – perguntei.

- Pois então. Premiar os melhores pesquisadores, aquele que produziu mais, faz-se necessário que outros pesquisadores estejam formados, e para que isso aconteça é preciso que o ensino técnico superior seja mais valorizado. Bem, não falo só da geografia, ciências sociais e áreas de humanas, mas também, e em especial, no ensino de matemática, das engenharias e da física aplicada. Sabe quantos são os jovens que se formam nessa área aqui no Brasil?

- Não faço a menor ideia.

- Não faz a menor ideia por não ser divulgado por aí. Oito por cento. Em países desenvolvidos esse índice chega a dezoito, e crescendo.

- Pouco.

- Insuficiente. Tem que ser popularizado essas faculdades técnicas. Fora que em certos países, investindo nessas faculdades técnicas, o índice de jovens empregados chega a oitenta.

- Mas é coisa nova, isso – falei em tom de pergunta.

- Sim. Há doze anos nós não pensávamos nisso por não ter alguém que abrisse nossos olhos. Eu estava pensando agora sobre as patentes. Você sabe o que é uma patente, não sabe?

- Claro.

- Então. Entra também na questão que você me questionou há pouco, sobre o prêmio para o melhor pesquisador. A cada mil patentes registradas no mundo, somente duas são brasileiras. O pesquisador que registra patente ganha a mesma coisa do que aquele que não registra. Eu espero que essa injusta igualdade mude. Então o pesquisador que produz mais conhecimento original e valioso, ganhará mais, e será obrigado a continuar as pesquisas, e isso vai se tornar uma bola de neve cada vez maior que contribuirá para fomentar o ensino.

Conversamos muitas outras coisas depois disso. Não vejo problema em relatar todo o assunto que conversamos, eu poderia encher folhas e mais folhas de nosso diálogo, mas acredito já ser o suficiente para demonstrar qual assunto discorremos até que eu conseguisse dormir.

Jorge, lá próximo das duas da madrugada, levantou-se e foi até uma árvore e olhou bem distante, para o infinito céu. Era como se dissesse: “*Paramos por aqui. Vamos dormir*”. Pouco tempo depois retornou para a sua barraca e comentou sobre a escuridão da mata. “*Não gosto de noites assim tão escuras. A mata esconde muita coisa, e perigos maiores aparecem nestas noites escuras. Mas tudo bem. Nada vai nos acontecer; tenho certeza*”. O problema que o “tenho certeza” foi dito de forma titubeante.

Na manhã seguinte, depois do nosso frugal café matinal, recolhemos nossas tralhas e continuamos o caminho ao longo da mata. Tive a oportunidade de ver um bicho muito parecido com popular “bicho preguiça”, com uma pelugem cinza ao longo do corpo e amarronzado do focinho às patas. Pendurava-se magistralmente n’um galho fino da árvore a que havia se agarrado. Segurava-se com certa força com as patas traseiras e pendurava-se com as dianteiras. Parecia tomar banho de sol. Parecia também fazer pose. Na foto, os tons esverdeados das plantas emolduram a espécie de tal forma que a falta de nitidez ao fundo causa um certo conforto e realça a beleza do animal.

Vi e fotografei lagartas nos troncos das árvores, nas raízes e até nas folhas. Recordo agora de uma passagem de Poe, e sobre o que ele queria dizer com “*o rudimentar e o completo, correspondendo às duas condições da lagarta e da borboleta*”¹¹. A fase mais assustadora dela e posteriormente a mais bela, a mais encantadora, e que somente nós temos conhecimento da metamorfose, menos a própria lagarta. Aprendi algumas coisas com a biodiversidade da floresta. As lagartas, bem como todos os outros insetos, são os principais reguladores dos ecossistemas terrestres. Na Amazônia, estima-se que são mais de trinta milhões de espécies de insetos, responsáveis pela manutenção do equilíbrio entre as espécies vegetais dentro da floresta. E a habilidade da camuflagem, mesmo essas espécies quando em números elevados, é um mecanismo de defesa que elas possuem para protegerem-se dos predadores. Cumprem sua missão de vida com eficiência, mesmo que o humano as considere pragas e tente exterminá-las.

Muitas espécies de lagartas são comuns, e que já vi aqui na cidade onde moro. Verdes, geralmente encontradas em um número muito

¹¹ Edgar Allan Poe (1809 - 1849) – *Revelação Mesmeriana*.

grande, povoam a casca das árvores sem dificuldade. A foto que possuo retrata esses insetos, sua beleza e estranheza, como se fosse uma cobertura ambulante das árvores, ou uma espessa camada de pêlos ou folhagens. Praticamente grudadas umas nas outras, o sentido de união me é mais claro ao observá-las ao mesmo tempo embelezar, proteger-se e fazer sua função dentro do ecossistema. Pude observá-las por muito tempo sem que qualquer uma delas saísse de sua posição original e deixasse o grupo. No máximo passavam uma por cima da outra, sem desfazer a formação.

Tive a oportunidade de fotografar o que posteriormente descobri ser uma nova espécie de lagarta amazônica. Vagarosamente movimentava-se no chão, ora por debaixo das folhas, ora por cima delas, n'uma carreira sem interrupção, sem contratempos. Admito que fiquei admirado ao vê-la, e mesmo sem saber se tratar de uma nova espécie, fotografei-a em um ângulo muito próximo. Multicolor, não sabia exatamente em que parte da família dos insetos ela se inseria, nem também fui questionar meu guia. De uma cor verde claro, brilhante, por quase toda a extensão da parte de cima do corpo. Azul também claro quando próximo do centro do corpo, na traseira e na cabeça da lagarta, estranhamente no formato de uma ampulheta. O contorno desse desenho tem a cor preta. E dentro dessa coloração azul, sobretudo dentro desse desenho de ampulheta, um leve toque avermelhado na parte superior e na parte inferior, e dentro dele uma cor cinza também claro. Uma mistura de cores quase carnavalescas, muito atraente, mas muito perigoso, tenho certeza. Na foto que possuo, está muito bem evidenciado seus pequenos tentáculos cheios de espinhos. Além dos dois tentáculos-antenas por sobre sua cabeça, sobressaem-se nas laterais do corpo quatro outros tentáculos, um pouco maiores que os dois primeiros, todos esses da cor marrom. Ao longo do corpo, por entre os tentáculos marrons maiores, pequeninos tentáculos também sobressaem-se maravilhosamente, bem como na ponta inferior do corpo, da mesma cor verde claro, brilhante, por quase toda a extensão da parte de cima da lagarta.

Outra espécie de lagarta que fotografei foi uma de cor avermelhada, com anéis no corpo da cor branca. Congelei o momento em que elas circundavam um galho de árvore, chegando inclusive a uma estar em cima da outra, em movimentos paulatinos e muito vivos. Sua pelugem, na altura da cabeça, mantendo ainda a vermelha cor viva, demonstrava sua altivez no grupo. E os pequenos espinhos da cor branco avermelhado,

da forma de como fotografei, na parte superior do corpo, dava a estranha sensação de que elas iriam grudar-se umas nas outras. Todas estas pertencem, ainda que recheadas de beleza, ao estado *rudimentar*, como quis explicar Poe. Um estado, embora temporário como o da borboleta (sabe-se exatamente o ciclo de vida da borboleta), em que representa perfeitamente a prisão da alma, a falta de liberdade e a impossibilidade de voar e desprender-se da inútil matéria que nos mantém *acordados*.

Percebi inúmeras borboletas diferentes das quais eu já estava acostumado a ver, e muitas outras já conhecidas. Fotografei todas, mas achei melhor registrar mais as que eu desconhecia. Estranhas borboletas de cor verde brilhante mais pareciam surgidas da imaginação minha do que própria da natureza, pois espécies como essa não temos a oportunidade de ver a todo o momento; todas donas de uma vida autônoma movidas pela natureza. Já outras de um verde opaco, mais escuro, com maior facilidade de esconderem-se dos predadores confundindo-se com plantas das mais diversas qualidades e raridades. Eis o que Poe queria dizer com *completo*. Uma beleza única, dona de uma liberdade tal que, no máximo, somente poeticamente conseguimos falar.

Enfim, registrei uma infinidade de espécies – algumas novas, pelo que pude constatar – com minha lente fotográfica, e posso observá-las a apenas um clique com o mouse do computador ou pelas fotos que eu já revelei. Tudo lá era encantador, só que o humano está lançando mão, como se da floresta fosse dono (um dono imbecil, pusilânime), e perdendo toda a riqueza que ela possui.

De fato, as queimadas – criminosas ou irresponsáveis – nos tiram o direito de usufruir dos benefícios medicinais que as plantas possuem, da ótima oportunidade de explorar responsabilmente as riquezas e também do turismo em meio à mata. Além da primeira oportunidade em que eu tive de ver a fumaça no céu, ainda vi n'um outro momento, coisa de dois dias de caminhada adiante, infelizmente também descontrolada, uma segunda, como se fosse parte da natureza, como se fosse normal.

Tanto as queimadas quanto o desmatamento ilegal, transformam a floresta n'um estranho campo de batalha em que só há derrotado. A mata, por perder sua característica e função, e o homem, por continuar alimentando sua ignorância, arrogância e inconsequência, além de tornar-se criminoso. Tive também a oportunidade de fotografar uma árvore caída, derrubada no máximo há dois dias, tendo aberto uma clareira ao longo do

caminho em que o tronco caíra e deixada ao léu na fuga dos criminosos que, com intento de lucrar ilegalmente sobre a madeira, não se importam com a saúde do nosso planeta.

Exército

Não nos perdemos na Amazônia, não pelo menos no sentido de não mais encontrar o caminho; se bem que esse foi um argumento que o pesquisador Fadwell também conjecturou. A vontade de aventurar mata adentro a fim de trazer um conteúdo foi tão forte que chegamos a esquecer que deveríamos ir embora. Ao menos eu esqueci; não sei quanto ao meu guia. Encontramos tantas belezas, tanta vida, tanta riqueza, tanto o que refletir, que parecia faltar apenas encontrar *peessoas*. Pessoas, como nós, interessadas na preservação da natureza, é claro. Cientistas, geólogos, biólogos ou ainda militares. E por duas vezes ainda *encontramos* o que na mata faltava: *peessoas*, além de nós. Militares que faziam sua ronda diária à procura de plantações clandestinas de coca ou de maconha, em especial a última.

Por duas vezes encontramos esses militares vasculhando, seja por terra, seja pelo ar, as irregularidades da mata. Foi assim na minha época de exército e continua sendo ainda hoje – com um porém: mais *objetividade*. A primeira vez em que encontramos os militares do exército foi quando sobrevoavam a região com o helicóptero. Não duvido que estavam à procura dessas plantações clandestinas de coca e maconha, e também não duvido que chegaram a nos ver de lá de cima; se bem que passaram a uma certa distância que só com binóculos, e estando o helicóptero parado, poderiam entrever através das copas das árvores qualquer movimento no chão. Foi eu quem chamou a atenção para o som que vinha distante, aproximando-se. Acho que Jorge Mendes estava tão ocupado com algumas coisas que não reparou o ruído que o helicóptero fazia. Se eles não conseguiram enxergar nossos movimentos, eu pude vê-los mais facilmente, pois para o meu ponto de vista alguns detalhes como o militar na abertura lateral segurando uma metralhadora era praticamente visível por entre os espaços das copas das árvores. Voava, creio eu, a uns quinhentos metros acima dessas árvores, produzindo vento inclusive onde

estávamos, embora não muito forte quanto no traçado em que ele sobrevoava.

Na segunda oportunidade, por terra, encontramos uma pequena tropa composta por seis integrantes, que percorria a mata provavelmente com o mesmo intento do pessoal no helicóptero. Foi quando já estávamos há algum tempo dentro da floresta.

Com arma em punho, pareciam todos tensos com a nossa presença, mas foi Jorge quem com eles conversou. Lembro que Jorge ainda me pediu para permanecer quieto e demonstrar que estávamos lá para fazer pesquisas e que não éramos criminosos.

- Identifiquem-se – gritou o primeiro, provavelmente o comandante, já bastante próximo.

- Somos pesquisadores. Sou guia local e geólogo formado pela Universidade Federal de Roraima e me chamo Jorge Mendes. Este aqui comigo é seminarista da Igreja e veio para fazer pesquisas e fotos da floresta, denunciando as queimadas e desregularidades de nossa mata, e se chama Lucas – com isso, chegaram mais próximo e nos cumprimentaram.

- O teu trabalho é digno de honra, seminarista Lucas – falou depois de desculpar-se pela rispidez – Mas aviso que a mata é muito perigosa. Cobras, jacarés e bandidos que se escondem, são esses os perigos dentro dela – disse-nos o comandante, que se apresentou como *Américo*. Parecia mais aliviado (e não duvido disso) e mais receptivo.

- Obrigado – respondi – Mas eu tenho uma pequena ideia de como proceder dentro da mata. Também fui do exército, tempo atrás.

- Então um dos nossos. Bom conhecê-lo. Espero que dê tudo certo com as tuas pesquisas – falou já reunindo sua minúscula tropa.

- Agradecemos – respondeu-lhe Mendes, bastante sério – Vão em paz.

Quando eles já estavam distantes, lembro que ainda pensei em voz alta: “*Se aquilo foi pesadelo, aí tudo bem. Do contrário, cobras, jacarés e bandidos não serão nossos únicos problemas*”. Mais parecia que eu adivinhava o que viria pela frente, ou ainda que decifrasse os significados dos meus sonhos. Eu vinha tentando controlar a minha tensão – e

consegui, aparentemente – mas acho que eu pensava nos problemas ocasionados por picadas de mosquitos, ou ainda pela ingestão de plantas venenosas ou inalação de inebriantes perfumes de flores da floresta.

Um pouco mais das minhas anotações

N'outra parte das minhas anotações, falei mais sobre mim do que da mata propriamente dita. Tenho certeza que nesta segunda parte dos meus registros eu já estava me sentindo mal, como que pressentindo a minha desgraça, o que viria no futuro a curto prazo. Considero o que eu escrevi tão verdadeiro que gostaria de transcrever em minha atual narrativa. Entretanto, não é algo que podemos analisar como dito de uma mente sã, pois em alguns fragmentos está manifesto a conturbação mental na qual simplesmente fui jogado. Em outros, ler-se-ia como sendo de uma pessoa normal que está preocupada com problemas mundanos. No primeiro caso, quase ilegível, um misto de letras e caracteres mal desenhados, no segundo, uma letra bastante legível, porém muito distante da que sempre considerei normal em minha caligrafia.

Hoje o dia foi de muito calor. Registrei com minha câmera aves de todos os tipos, de todas as cores, de todas as espécies. Vi três cobras cruzarem nosso caminho. Por sorte Mendes me avisou quando eu estava prestes a pisar n'uma delas, uma coral falsa. De qualquer forma, hoje o dia representou bastante perigo e foi uma aventura; está sendo uma aventura atrás da outra estando nesta mata. A floresta é algo que nem em fantasia eu poderia imaginar. Mas ainda assim tem em mim um impacto muito ruim. É uma beleza que me assusta. É uma imensidão arbórea que vem em minha direção, tomando conta de minha pessoa com seus aromas e sabores.

Almoçamos frugalmente. Mendes sabe se virar mais facilmente do que eu na mata. O tempo que ele tem de floresta é bem maior do que o meu, mas isso não justifica nada. Nem parece que fui do exército! Corre sangue vermelho em minhas veias, e não sangue de barata. Às vezes fico descontente por não saber me virar em certas circunstâncias, mesmo elas sendo muito simples. A vergonha bate, e fico com aquela sensação de impotência, de total dependência.

Eu olho para a mata e fico a me lembrar do tempo em que eu servia ao exército. Quantas incursões fiz para dentro da floresta e quantas vezes precisei pular no rio para pegar peixes, ou subir em algumas árvores para pegar certas folhas para fazer nossos copos naturais. Mas então me inunda a certeza de que os objetivos eram diferentes, sobretudo a sensibilidade do meu espírito, que na época eu sequer cogitava a sua existência, além do meu despreparo para enfrentar a mata somente com uma câmera, folhas e canetas; armas pouco convencionais.

Eu espero que a Igreja conceda-me o privilégio de poder desfrutar do sucesso que essa minha pesquisa será. Torço que meu nome seja impresso ao lado das fotos. Sinto-me feliz por registrar o que de bom a Amazônia tem, mas sinto também uma estranheza ímpar, como que um vazio no peito que quase não dói, mas que incomoda. Não sei explicar. Vez ou outra minha respiração tranca, e sei que o motivo é única e exclusivamente a minha incapacidade de poder olhar ao redor e voar livre. Preso, ou melhor, trancafiado por algo invisível em meu próprio corpo, submergido no meu próprio medo, é o espírito da floresta que me causa essa letargia que por vezes manifesta-se em meus movimentos, que me causa uma espécie de estupor momentâneo, e às vezes também uma agitação anormal. Posso creditar isso à excitação provocada por uma viagem que aceitei mas não planejei, pelas pessoas que conheci, pelas informações que coletei e absorvi, pela experiência que adquiri vindo para cá, por ter entrado na vida de certas pessoas e também por ter na vida delas interferido.

À tarde fizemos uma expedição bacana ao longo de uma trilha de seringueiros. Conheci como os seringueiros fazem a coleta do látex para a borracha e lembrei-me das explicações de Padre Lobato sobre como a cidade de Manaus foi embelezada, tendo falado inclusive com um seringueiro e para ele pedido explicações. A coleta do látex consiste em fazer ranhuras na casca de algumas árvores e delas coletar o líquido pastoso que sai. Eles, os seringueiros, brincam dizendo que as árvores choram. Mas será que não choram mesmo?

Retornamos o caminho até o ponto de partida, aquele em que deixamos nossas barracas ainda montadas. Nesse momento meu coração acelerou dentro do peito. O brilho do sol no horizonte, por entre as árvores, insinuou um quê de maldade em mim. Por quê? Por que comigo? Refleti em meus olhos um brilho esmaecido, tudo assumiu um aspecto violeta

escuro e pareceu-me que formas negróides surgiram do meio da floresta, e nelas, faces pintadas de um branco opaco e retocadas por uma cor que muito me pareceu ser a vermelha. Não sei se foi minha imaginação fértil, ou se eu realmente vi “tribos” esconderem-se atrás de árvores, arbustos e vegetações rasteiras de meio metro de altura. Eu olhava para o meu guia, que parecia não ver absolutamente nada, e me questionava se o que eu via era proporcionado por algo tão real quanto meu corpo. Nem passou pela minha cabeça ter sido picado por algum mosquito; demorou pouco tempo esse meu delírio consciente, mas o suficiente para que eu construísse em minha cabeça um cenário bastante improvável hodierno.

Por fim, chegamos de volta onde havíamos deixado nossos pertences e as barracas. O intuito de Jorge Mendes foi de dar a mim um pouco mais de conhecimento florestal na prática, mas inúmeras coisas passaram pela minha mente que agora chego a duvidar se aquela nossa caminhada realmente aconteceu. Pelo fato de não estar familiarizado com o ambiente, das informações que me foram passadas poucas absorvi, além daquelas que me foram passadas assim que lá chegamos. O sol já havia se pondo quando acendemos uma fogueira diante de nossas barracas. A noite já estava em nosso encaço, e demorou no máximo cinco minutos para transformar em escuridão o que antes era dia claro. Por vezes, respondendo automaticamente para Mendes quando me questionava sobre qualquer assunto, pensei que aquela coloração violeta jamais existira, que eu confundira a profusão de cores no céu com uma cor em específico, digno de mentes transtornadas. E então chegou o lusco-fusco e clareou minhas ideias.

Já havíamos jantado quando Mendes me perguntou algo que considerei muito estranho. Jamais, uma vez lá, imaginei que meu guia perguntaria algo sem propósito, sobretudo algo tão nojento depois de já ter jantado. Mendes me perguntou sobre se eu já havia comido carne humana, crua ou assada. Meu juízo não estava perfeito, muito menos minha razão, pois ambos há bastante tempo me deixaram. Eu pensava como o humano era tão pequeno frente a situações tão simples de serem resolvidas que fogem do controle de todos. Da fragilidade do nosso próprio corpo. Da insignificância do nosso ser. No entanto, esse pseudo-sono foi lentamente se afastando, e quando abri os olhos, mesmo que eles não estivessem fechados, vi sua expressão de surpresa (não sei e não fiz questão de saber o que pensava no momento), repetindo novamente a pergunta e o convite feito. Perguntou-me se eu gostava de carne de peru,

explicando-me que sabe ele fazer um prato muito delicioso, que leva a carne de um animal muito parecido com o peru, utilizando de alguns ingredientes da própria Amazônia, inclusive convidando-me a saborear, qualquer hora dessas, esse prato que poucos lá na Amazônia têm o costume de fazer. Não entendendo absolutamente nada da minha resposta, foi aí que percebeu que eu não respondia com clareza há bastante tempo.

Ofereceu-me ajuda, mas qualquer auxílio que fosse oferecido no meio da mata não teria lá muito valor. Não estávamos sequer próximo de alguma cabana no meio da floresta que pudesse oferecer medicamentos para o meu cansaço. Mas quem disse que eu conseguiria dormir? Assim como aconteceu na casa de A. C. Sana, quando tive problemas para dormir, ficando tenso, inquieto com o silêncio de sua casa, quebrado apenas pelo barulho da corrente de luz elétrica que iluminava o banheiro e pelo tiquetaquear do relógio, qualquer barulho contribuía para que eu ficasse com os olhos arregalados e sem ter como dormir.

Faz-se necessário dizer que não tenho a mínima qualidade para habitar a floresta. Mesmo durante poucos dias. Isso basta para essa minha apreensão. Mas os barulhos que escuto, que são como estrondos que chegam aos meus ouvidos sem a menor interrupção, dos pássaros acordados nos galhos de árvores, das folhas secas que caem ao chão ou as que já estão caídas e até da brisa que lambe tudo por onde passa, barulhos em escala aumentativa, não me permitem concentração.

Não faz muito tempo que me tranquei na minha barraca, fechando o zíper da abertura. Será que isso vai continuar repetindo? Sempre e sempre? Não sei se Mendes chegou a acordar para vê-los, bem da verdade não me importo. Eu os vi, novamente. Vi aqueles “Índios”, desta vez cercando as nossas barracas. Quem são eles, afinal? O que eles querem comigo? “Quem quer! Quem quer!” Mas quem quer o quê? Posso ouvir ainda aquele crocitar, ou seja lá o que for aquele cântico próprio de aves de rapina, manifestando sua presença em voos rasantes por sobre minha barraca. Ou será que está na minha cabeça? Eu já não sei. Não sei como eu pude ver, de relance, aquela criatura rastejar-se sempre em minha direção, e aquele estranho assobio novamente. Receio perder-me na mata. Acho até que é isso que vai acontecer comigo.

Já é noite alta e quero forçar o sono para tentar dormir. Amanhã será um novo dia e seguiremos as pesquisas, a tirar as fotografias nos

melhores ângulos. É um trabalho que exige muita capacidade, velocidade de raciocínio e paciência. Exige também muita saúde e descanso. É para isso que vou forçar o sono. O amanhã é a Deus que pertence, mas cabe a nós nos prepararmos para que suportemos o peso do dia seguinte. A solução é forçar. Talvez assim o sono chegue. Mas aos poucos estou chegando a uma conclusão: estou perdendo paulatino e gradualmente minha capacidade e meu raciocínio. Fato é que estou ficando sem minhas faculdades intelectuais, ou, para que até eu entenda direito, imbuído de uma leviana coragem que cega ao invés de abrir meus olhos, mesmo mantendo bastante aferro.

05 OS ÚLTIMOS DIAS ANTES DA REVELAÇÃO

Tenho comigo que o camarada Jorge Mendes deveria ficar na mata. Quero dizer, o que lhe aconteceu não foi gratuito; já que tanto dela gostava e preservava, nela deveria passar seus últimos dias de vida. Falar sobre isso agora, passa a impressão de que estou fazendo pilhérias ofensivas, motejos sobre sua pessoa, diminuindo sua importância, ou ainda menosprezando seu auxílio, mas a verdade é que ele não pôde escapar do seu destino final – e fatal. O seu fim foi quando partimos para o nosso retorno da floresta. Se *algum* deus pensou em levá-lo daqui, fez de uma forma convincente e assustadora; não posso e nem tenho como mudar minha postura, apenas relato o que aconteceu. Tenho certeza que de todas as desgraças, essa é a pior. Sinto muito Jorge Mendes ter morrido, mas é inevitável não mencionar o caso. Ainda que tenha sido em circunstâncias estranhas, ao menos para os meus olhos, existiu um propósito para a sua morte.

Creio que os mais tenebrosos horrores do inferno estavam sendo lá perpetrados, pois vi os servos de Satanás vangloriarem-se em um ritual inominável, eu diria ainda vesano no ponto de vista mais cruciante de toda a minha excursão mata adentro, todos congregados sob os pés daquela *figura sobre o altar de pedra* erguido direto do solo, do centro da terra, tão ou mais sombrio do que qualquer pesadelo que porventura já tive. Quanto ao altar, não tenho muita ideia de como se erigiu da terra. Admito que temi pela minha lucidez, ou pelo pouco do que dela restava, quando naquele momento percebi o ritmo que corresponde a *certas características do vago guinchar ou rugir daqueles abismos totalmente alienígenas do sonho*¹², em pura realidade. Foi alucinante, ainda que o significado dessa palavra não possa explicar exatamente o que aconteceu. Mas digo: jamais em minha vida senti algo tão profundo, tão insano.

Lembro-me que meu guia, quando volvemos o caminho, ainda comentou qualquer coisa dizendo que estava muito contente por ter

¹² H. P. Lovecraft (1890 - 1937) – Os sonhos na casa assombrada.

participado dessa aventura, que tinha sido algo “diferente do que estava acostumado fazer”. Ainda disse que se morresse no dia seguinte, morreria feliz por ter “ajudado um novo amigo”. Coitado. Muitas vezes o que falamos da boca para fora acontece. É algo que foge completamente de nosso domínio, e nos assustamos quando, sem querer, acertamos.

Nesse retorno tirei algumas fotos bacanas, que na ida ou não tive oportunidade ou não dei importância. Se bem me lembro, percorremos um caminho bastante diferente daquele que vínhamos seguindo caminhando pela mata. Reconheci que cerca de quarenta por cento do trajeto de retorno era o mesmo, e recordei alguns pontos na mata facilmente, sobretudo daqueles q’eu havia tirado fotos. Jorge Mendes avisou que o retorno demoraria o equivalente a vinte e quatro horas a mais em relação ao caminho percorrido até ali. Seria, em suas palavras, “perigosamente atrativo”. Passaríamos muito próximo de um dos afluentes do Amazonas, uma aventura até maior do que havíamos tido até então. Foi sua decisão, aliás, a de desviarmos o caminho, tomada em cima da hora. Consigo perfeitamente entrever suas dúvidas acerca da escolha d’um novo caminho: *algo* soprava avisos aos seus ouvidos, e esses *avisos* não carregavam boas coisas. Talvez suas decisões já não fossem mais as mesmas, nem o raciocínio, talvez já estivesse – também – afetado pela força preternatural vinda de dentro da mata: ele resistia tomá-las. Vencido, e titubeante, escolheu o caminho mais longo de modo a me proporcionar mais oportunidades para novas fotos (mas tenho dúvidas).

Não fosse minha total insipiência em lendas locais, eu teria escolhido parar e retroceder o caminho logo no início. Ocorreu-me, n’um dos primeiros dias de jornada pela mata, algo no mínimo inusitado, que somente agora lembro plenamente. Foi algo que então considerei completamente insignificante. Esqueci. E aquele ‘algo insignificante’ agora me assalta a lembrança deixando-me deveras incomodado. O que até então parecia írrito, nulo, me faz agora sentido.

Foi uma visão. Rápida. Não daquelas que vislumbramos quando acordamos e, de repente, em frações de segundos, uma imagem se insinua em nossa mente como que só para nos assustar e logo desaparece (e sei de relatos assim). A imagem que vi pertencia a uma *mulher*. Parecia esgueirar-se por entre algumas árvores quando passei por ela, seguindo os rápidos passos dados pelo meu guia. Parei p’ra olhar para trás. Minha – única – sensação era de que realmente uma mulher

estava lá, observando-nos, e foi isso que me motivou parar. Procurei-a com o olhar nas proximidades donde acreditei tê-la visto, com uma espécie de brilho nos olhos, entretanto não encontrei ninguém. Mas a sensação, ainda que nada tenha demorado e que somente agora eu seja capaz de recordar, vivaz, era de ter visto, sim, uma *mulher* com uma aparência esquisita, vestes da mesma estranheza: usava um manto avermelhado (um vermelho muito escuro) que caía dos ombros sobre o corpo vestido com negra roupa, corcunda, apoiada com uma das mãos n'um cajado e com a outra em uma árvore qualquer. Permaneci parado também por pouco tempo, mas o suficiente para distanciar-me um pouco do meu guia e ter de acelerar o passo até alcançá-lo novamente; Jorge Mendes não havia percebido minha parada. E aconteceu logo no início, quando sequer passava pela minha mente que todo esse infortúnio iria acontecer, que meu guia iria morrer e eu, sofrer com essas reais e intensas 'alucinações'. Hoje não sou capaz de esquecer, como antanho, esse episódio, nem tampouco os demais.

Quando chegamos à terceira noite do nosso retorno (ou foi na segunda?), acordei tomado por uma sudorese excessiva. A única explicação que posso dar é que mais um daqueles pesadelos eu tive. No fim, eu já estava ficando acostumado. É a mesma explicação da dor: quando a sentimos por muito tempo, nos acostumamos com ela; senti-la torna-se normal. Se não me engano, foi a primeira vez que comecei a escutar aquela estranha cantoria. Em tom baixo, é verdade. Mas a escutei primeiramente em sonhos, para depois continuar a escutá-la quando acordado, molhado de suor. Era um som que possuía características tremendamente particulares, algo como um guincho ou um ruído saído de não sei qual, ou quais gargantas que a entoavam, mas posso afirmar que não provinha de boca alguma, sobretudo humana. Do muito que escutei, e do pouco que consegui entender, juro pelo mais sagrado que palavras portuguesas foram ditas com deleite. Distingui perfeitamente algumas palavras como "*Homem Negro*" (as pesquisas que fiz me mostraram que tem relação com o culto às bruxas, é o demônio em pessoa), "*Mulher do Fumo*", dentre outras. Também escutei certas palavras q'eu não fazia ideia do significado, qualquer coisa com "Fahab", mas por não compreender sua origem, fui leviano ao imaginar aquele mantra uma ascendência egípcia; algumas daquelas palavras ainda hoje não me fazem sentido. Talvez tenha sido o medo o catalisador de minha coragem, ou não. Saí disparado de minha barraca tentando procurar de onde vinha o som. Meus olhos não

mentiam: de nenhum lugar visível. Nesta de sair correndo da barraca, quase a desmontando, acordei meu guia. Apavorado, saíra de sua barraca com o facão na destra. Não sei se foi por sua interferência, ou por qualquer outro motivo, toda aquela cantoria extinguiu-se por completo, de repente.

É óbvio que as coisas estavam piorando. Do contrário, eu continuaria somente nos pesadelos e nos *entretempos*. A sugestão de que algo de ruim estava acontecendo dentro da floresta, algo de ominoso, preternatural, que foge completamente do domínio do humano e até do domínio carnal, parecia paulatinamente aumentar de acordo com o passar da areia na ampulheta do tempo. E nesse retorno da Amazônia, paralelamente a esta sensação, a tensão mental que me havia acometido parecia atenuar, pelo menos estacionar n'um grau menor. Esse fenômeno é marcado pela aparente fuga do *horror*, mas é apenas um hiato de tempo para que ele retome o ataque com forças até maiores do que antes. Soa como uma condição para uma sobrevida, ou seriam os deuses (no caso, *demônios*) que estavam dando a mim um maior tempo, zombeteiramente? Não importa. O susto foi grande. Só que do susto ao silêncio o tempo não foi muito. Nem da agitação à calma. Depois de Jorge Mendes ter saído da barraca, e também de cessar toda a cantoria, com nossos corações um pouco menos acelerados trocamos umas rápidas palavras, e pude ver em seu rosto a palavra “pesadelo” (o dele, que não duvido que tenha tido um antes de acordar, e o meu).

- Parece que a mata está me influenciando negativamente; meus sonhos inclusive – disse-lhe em meio à calma, com olhar baixo.

- Eu não costumo ter pesadelos, mas percebo que começo a tê-los – respondeu-me.

- Você chegou a escutar alguma coisa?

- Nada além do teu barulho.

- Então tive mais um dos pesadelos amazônicos – minha resposta, em qualquer outro momento engraçada, não agradou a ninguém de nós dois – E pelo visto você também.

- Vamos voltar a dormir – disparou meu guia – É o melhor a se fazer – disse após esfregar os dedos nos olhos. De sua face desapareceu a palavra “pesadelo” e em seu lugar surgiu “estresse”.

Satã me atraía dia após dia? Era naquele *túmulo* que eu deveria *deitar*? E depois, *assinar*? Dizem que quando morremos assinamos o *livro dos mortos*. E o que era falácia tornou-se verdade: por *ela* foi soprado o nome de um *livro*, um livro que diz verdades assombrosas e possui relação também com a juventude da Terra; além d'outro, cujo nome, que na hora não me soou familiar, jamais esqueci – em minhas pesquisas, novas aventuras em palavras, descobri seus significados e encantamentos: tudo o que me é possível comentar é que o simples mencionar do nome ou mesmo tocar no assunto é por demais perigoso – por isso pretendo deixá-lo *oculto*, a saúde de muitos depende do meu silêncio acerca do *Barlium*.

Nada comentamos acerca da confusão na noite anterior quando, na manhã seguinte, continuamos o caminho. Cada um tinha o seu motivo. O meu era justamente os pesadelos e a cantoria (*mantra*) que era entoada, e também uma preocupação – q'eu recusava a acreditar ser uma preocupação – que crescia em meu peito. Já o meu guia, posso apenas conjecturar que seus motivos tenham sido os pesadelos na mata e seus significados, uma vez que a floresta nunca antes lhe havia imposto tanto estresse.

De quando em quando conversávamos para quebrar o silêncio, para que logo depois ele retornasse. Ao longo das muitas horas de retorno passamos sem muitas palavras – a não ser em um específico momento, antecedente à sua morte. Se era necessário responder, respondíamos monossilabicamente. Dificilmente mantínhamos um diálogo maior. Acho que nos acompanhava por entre a mata o espectro da desconfiança, não um do outro, mas de nós com o “desconhecido”. Não lembro exatamente qual autor explicou, mas sei que estava certo ao afirmar que a *emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga do medo é o medo do desconhecido*¹³. Nenhum dos dois tinha noção da outra esfera que nos toca: ocorrências sobrenaturais não escolhem local para acontecerem. Ter estudado geologia na Universidade Federal de Roraima por oito anos não fez de Jorge Mendes um especialista na área ‘espiritual’, nem tampouco fê-lo tornar-se sensível às vagas e invisíveis sugestões (demoníacas) que permeiam o ambiente, sobretudo o amazônico, ou ainda entender – profundamente – a riqueza das lendas fantásticas que são sussurradas, mormente por moradores da

¹³ H. P. Lovecraft (1890 - 1937) – O Horror Sobrenatural na Literatura.

região. Quanto a mim, ter passado aquela temporada no Exército dentro da mata não fez com que eu tivesse condições físicas – muito menos mentais – para o retorno. E mesmo sendo seminarista, ter estudado as *Escrituras Sagradas*, as missivas de apóstolos que compõem o *Santo Livro*, as palavras do *Salvador J. C.*, ou ainda dos anjos narrados, jamais imaginei passar por condições assim tão funestas, sequer tive tempo para uma formação dedicada ao lado espiritual que beija o homem. Não tive preparo algum para entrar, novamente, na floresta. Preparo que constitui conhecimento; conhecimento de lendas locais. Não dizem que as lendas são uma meia-verdade? Não dizem que as lendas, mesmo que na modesta condição de *lenda*, carregam consigo um fundo realístico? A atmosfera estava toda carregada dessas *fragrâncias* – hoje eu falo *influências*, negativas em sua maioria – quando no nosso retorno, muito diferente da primeira parte de nossa jornada, quando entramos na mata.

Não foi muito tempo depois que sua morte veio a acontecer. Dois, três, quiçá cinco dias de diferença. Lembro que, praticamente no silêncio que havia se formado entre nós dois depois do episódio do pesadelo e da cantoria, ainda durante o dia (e se consigo forçar a lembrança, posso dizer que eram onze horas da manhã), durante a nossa caminhada de retorno e uma, uma hora e meia, antes de pararmos para almoçar, escutamos um esquisito *assobio* que, tenho absoluta certeza, arrepiou até a espinha só pelo simples fato de escutar.

Jorge Mendes ficou assustado por dois motivos: a lenda conta (e assombra) que a *dona* desse assobio possui hábitos noturnos, e que naquele horário nunca ninguém relatou ter escutado. O segundo motivo era de estar escutando o assobio, coisa que ele aprendeu, inclusive desde criança quando seu irmão mais velho o assustava, que era apenas *lenda*. O assobio, *agudo*, estridente, vinha de todas as direções. E nós dois escutávamos perfeitamente! Pude perceber que, senão pela primeira vez, uma das primeiras, Jorge Mendes ficou com *medo*. Ele tentava controlá-lo, afinal precisava manter a atenção no caminho, e ainda tinha a mim para guiar. Com gestos pediu para que eu ficasse quieto, e que também tentasse controlar meu medo. Sabíamos que esse assobio não era feito por qualquer outra pessoa dentro da mata. *Sentíamos*, inclusive. O fenômeno sonoro provocou o que entendi ser uma reza improvisada por parte de Mendes, todavia não identifiquei qual era. Pareceu ter dado certo: o barulho cessara. Sua recuperação do susto, já mais descansado, foi

quando novamente quebramos o silêncio entre nós e começamos a conversar.

- Lucas. A Amazônia é cheia de lendas – iniciou Mendes um pouco mais tarde – Assim como no teu estado de origem tem a do Negrinho do Pastoreio, aqui temos inúmeras outras.

- Eu já imaginava, todos os lugares possuem lendas – e eu até imaginava mesmo, mas a minha vontade mesmo era a de dizer: *e só agora veio me falar?* – Mas lendas são apenas lendas. Eu não sei o que está acontecendo aqui.

- Essa de escutar assobios é a primeira vez que acontece. Comigo. Nunca imaginei que isso pudesse me acontecer. Nunca. Narra a lenda – recomeçou ele depois de uma pausa – que quando escutamos esse assobio, devemos pedir, em sinal de reverência, para a *dona* ir até nossa casa pegar fumo, às vezes comida. Essa lenda é sussurrada pelo povo da região, e quando esse pedido não é atendido, *ela* vem até a casa da pessoa que prometeu fumo e deposita o feto, que quando viva carregava no ventre, na porta da casa. Eu nunca acreditei nisso. Mas como precaução, sempre disse para mim: se algum dia escutar, ficarei quieto.

- Mas houve mais gente que escutou? Gente que desconhecesse a lenda? – me segurei para não falar q'eu já havia escutado. *Eu, por exemplo?*

- Sim, houve. São relatos geralmente de pessoas mais velhas, mas eu acreditava que isso era coisa de gente simples, ingênua, ou ainda motivo de brincadeiras para assustar. Ao menos que eu esteja errado, todos que escutaram já conheciam a lenda.

Só que meu guia realmente estava errado em sua afirmação. Para começar, Jorge Mendes nunca deu ouvidos às lendas, mesmo conhecendo-as. Ele estava errado, pois n'outra oportunidade *eu* tive a chance de *ouvi-la* assobiar. Creio que Mendes acreditou mais na racionalidade das coisas, quando, uma vez dentro da floresta, deveria proteger-se acreditando mais no que é narrado nas lendas. Quanto a mim, desconhecer as lendas locais não foi exatamente meu erro: errei em não procurar maiores informações acerca da Amazônia e por me deixar levar pelos preceitos católicos que cegavam meus olhos.

- A lenda ainda narra – continuou com voz sorumbática – que a *dona do assobio*, quando prestes a morrer, grita “*Quem quer? Quem quer?*” esperando qualquer desavisado, afoito e atrevido responder.

Nesse instante eu liquei alguns pontos. Lembrei-me da cantoria noites atrás, de uma palavra, na verdade mais para uma expressão, “*Mulher do Fumo*”, quando Mendes comentou acerca da promessa a que deve ser feita quando escutar o assobio agudo. E também de já ter escutado, nitidamente, a tal expressão “*Quem quer? Quem quer?*”. Naquela noite, o som era hipnotizador. Dessa vez, não menos hipnotizador, ficou ainda mais claro, mais nítido. Não querendo discutir, resolvi não comentar nada; ficar com essa constatação só para mim. Menti dizendo que era a primeira vez que ouvi o tal chamamento, mas me senti mal por isso. Da mesma forma por não ter dito nada sobre a sua morte em meu sonho.

O que me esperava, eu não sabia. Muito menos que a encontraria sozinho. Não adiantava correr por entre a mata – a mata sempre estava comigo. E então eu pensava comigo mesmo: “*Sobreviver! Sobreviver! Foco, Lucas. Não se deixe dominar por estranhas sensações de um novo plano visual e sonoro; não são verdadeiros. Não são verdadeiros!*” Será que isso não é loucura? Consigo agora entender que isso era uma espécie de *aviso*, ou, pelo menos, o benefício da dúvida a mim concedido deveras tardio: eu *inconscientemente* implorei. Serôdio. É-me impossível atribuir um motivo para tais manifestações, mas sei que há uma razão exata para terem acontecido.

A morte de Jorge Mendes

Sua morte ocorreu logo no dia seguinte – pouco mais de vinte e quatro horas após o nosso último diálogo. Não lembro exatamente em que altura do caminho de retorno nós estávamos, quando ele, pela primeira vez, reclamou de dores de cabeça. Passou a manhã inteira, desde o despertar ao meio-dia, sentindo além das dores de cabeça, um mal-estar tremendo. Ele próprio verificou improvisadamente se tinha febre, constatando imediatamente. Fez uma mistura com uma planta medicinal

que há pouco havia coletado e comeu-a; era uma espécie de geléia pastosa de cor verde claro.

Ao meio-dia, quando ele mesmo preparava o nosso frugal almoço, disse que só de olhar para a comida já sentia um embrulho no estômago, além da falta de apetite. Portanto, não iria me acompanhar nesse repasto: enquanto eu comia, ele ficava deitado em sua barraca. Eu até perguntei se poderia fazer algo, mas sua resposta sem coerência me indicou que não *queria* ajuda. Insatisfeito, resolvi deixá-lo descansar. Por mais que mil coisas cruzassem minha mente, *preocupações*; não fazia ideia do que lhe passava. Aparentemente, não tinha nada a ver com pesadelos, nem tampouco com a comida que ele fazia. A sua saúde declinava radicalmente, e quando antes parecia ser uma pessoa saudável, transformou-se agora em alguém completamente tomado por uma doença silenciosa e fatal.

No período da tarde, quando a doença intensificou-se, começou a sentir dores agudas nas costas, e manchas avermelhadas surgiram em sua pele. Rasguei um pedaço da manga de minha camisa e molhei na água que carregávamos. Passei em seus braços, nuca, face, pés; foi assim que vi as marcas avermelhadas. Eu não sabia absolutamente nada acerca do que fazer, tinha apenas uma pequena noção de que a água poderia amainar a febre que ele sentia. Recordo que segurou com sua destra minha camisa, reunindo suas últimas forças, e me puxou por sobre ele. Sussurrou dizendo que era a “febre quebra-ossos”¹⁴ e que eu não tinha mais nada a fazer.

Um lado meu queria dar o pira daí, fugir, correr para nunca mais pôr os pés na floresta, esquecer os horrores daquele insano (será que o *insano* não estaria sendo eu?) e arbóreo lugar. Esqueci-me, porém, de outra coisa: por mais q’eu corresse desarvorado mata afora, era impossível sair de lá sem experimentar os horrores amazônicos. O outro lado, provavelmente o mais sombrio, mas ainda assim dono de minha agora débil capacidade de raciocinar, era o que me dominava, o que me fazia continuar o trajeto, *sozinho*, sem saber aonde iria dar.

É difícil raciocinar quando estamos sob pressão. Meu guia iria morrer ali, na minha frente e em minhas mãos, e eu não tinha como evitar

¹⁴ Nome que aqui no Brasil dá-se para Dengue.

sua morte. Quão apavorante é ter uma situação de conflito e não passar d'um mero e insignificante espectador. Não poder modificar, alterar, refazer a conjuntura. Dá-se a isso o nome de “fracasso” – quando tudo está sob nosso poder, distante do alcance de nossas mãos, corremos o risco de perder o jogo. Outra coisa que jamais imaginei que comigo fosse acontecer: alguém morrer em minhas mãos. Fosse em outras circunstâncias, teria eu uma nódoa a me torturar. Mas hoje dei a mim um voto de confiança, um perdão pela minha incapacidade de salvá-lo; afinal, era assim que deveria acontecer. E já estava marcado desde o início. Entretanto, é salutar diferenciar, é diferente de *superação*. Eu ainda não superei tê-lo visto morrer. Talvez nunca supere. Também acho que jamais superaria ver alguém morrer, seja quem e onde for; ainda mais em minhas mãos estigmatizadas; o simples fato do agora *presente* e do amanhã *ausente* me causa espanto. Isso preenche de dúvidas nossa mente.

06 VOIR DIRE – A REVELAÇÃO DA VERDADE¹⁵

Veja como eu previ, naquele sonho, a morte do meu guia!

Projetei sua cabeça em meu colo de modo a ficar pelo menos um pouco mais confortável, mas minha ajuda demonstrou-se infrutífera. Arroxearam-se algumas partes do seu corpo, antes avermelhadas. Perdi o chão quando senti escorrer pela minha mão e colo o sangue que também escorria pelo seu rosto, saindo direto do nariz. Sua hemorragia interna lembrou-me de súbito, aliás, jogou-me de corpo e alma dentro daquele meu sonho, quando o sangue saiu pelos seus olhos fechados, pelo nariz e pela boca que se abria fétida. A realidade não estava sendo tão diferente. E o exagero do meu sonho só fez piorar a situação. Comecei a olhar apavorado ao redor da mata, tonto e enauseado, sem saber onde estava a linha tênue entre sonho e realidade. A minha limitação foi o suficiente para deixar de salvá-lo. O desespero veio em seguida: o que eu iria fazer com o corpo? Não eram apenas os sonhos que possuíam teor maledicente. A realidade quase sempre assusta. Maculei-me com o sangue que saía de sua face humana. Dessa vez não foi um sonho apenas. E por mais q'eu assim ardentemente quisesse, genuinamente acontecia. Fui tomado por outra sudorese.

A todo o custo – diga-se de passagem, as minhas faculdades mentais já reduzidas e a capacidade de raciocinar quase perdida – procurei ficar calmo. Respirei fundo. Várias vezes. Desvencilhei-me do seu corpo morto, deixando-o jogado ao chão, e apoiei-me n'uma árvore próxima. Veio-me a ideia de enterrá-lo ali mesmo, fazer as exéquias que ele merecia, dar um último adeus, fazer com que valesse a sua última ida à floresta, mas não encontrei nada que pudesse abrir um buraco na alfombra. Não ter encontrado nada para auxiliar na abertura de uma cova me fez sentir triste. Não vou dizer que chorei, mas acho que uma lágrima quase caiu dos meus olhos marejados. Limpei a testa com a destra e fiz

¹⁵ “...esse processo é conhecido como voir dire, a revelação da verdade...” Scott Turow – Acima de Qualquer Suspeita.

uma reza qualquer (provavelmente o *Padre-Nosso*), pedindo para que Deus conduzisse sua alma por um caminho sem curvas, até o Seu Reino, e que perdoasse a minha insensível, porém única decisão q'eu estava prestes a tomar. Procurei pelo aparelho GPS, e só fui encontrá-lo dentro do bolso de Jorge Mendes, junto do estojo de seus óculos. Quebrado. Nem esse aparelho eu teria mais para me localizar. E a minha decisão foi deixá-lo para trás, servir de húmus para a terra e comida para qualquer animal esfomeado que pudesse passar por ali. A partir daquele momento, eu estava *sozinho* na floresta.

Parti dali tendo apenas uma mínima noção de qual caminho meu guia iria percorrer até sairmos da mata. Mas uma coisa é imaginar que sabe qual caminho deve ser percorrido, e outra é acertá-lo. Eu não pensei muito nisso, entretanto. Eu poderia estar indo cada vez mais para dentro da floresta, e não duvido que eu tenha feito. É fácil caminhar por entre as árvores seculares com um GPS, ou um aparelho de antenas capaz de captar as ondas sonoras que cruzam a área, ou ainda com uma simples bússola. É fácil caminhar por entre as árvores seculares, conhecendo a maioria das trilhas e dos caminhos, tendo experiência em percorrer a mata a pé; geralmente acompanhado por pesquisadores ou do próprio Exército. É fácil, uma vez que tenha conhecimento do mapa da região. Eu estava lá contando com a minha sorte (que já parecia me abandonar) em encontrar outro pesquisador ou um grupo de militares, e também contando com esta mesma sorte de não encontrar animais de grande porte típicos da floresta – eu não queria ser devorado pelas onças.

Foi apagado completamente de minha lembrança o tempo que permaneci nessa caminhada sem rumo. Quantas noites e quantos dias eu dormi ou permaneci insone, se me alimentei ou não, ou se fui vítima de picadas de mosquitos (recordo-me da conversa que tive com o padre Antônio Lobato, e do seu aviso: “*Mas aconselho ficar distante de certos lugares para que não pegue alguma doença tropical...*”), eu simplesmente não sei dizer. Receio que tudo o que fiz em vida tenha sido em vão: aqueles seis anos de Exército, a ideia de ter entrado para o seminário a fim de me encontrar – coisa que não aconteceu; que a minha própria vida tenha sido vazia. Eu só espero que esse meu registro não seja inserido na mesma categoria.

Dimensões conhecidas e desconhecidas. Paralelos irregulares, formatos não menos intrigantes e curiosos. De tudo aconteceu, de tudo eu

vi. Começou quando... *quando?* Oras. Quando estamos nesse limite, o *quando* simplesmente não existe; é um aglomerado de acontecimentos, dentro de um espaço não-identificável, sem o *tempo* para interferir. Eu já nem sabia mais se eu andava pela relva ou se eu havia transposto qualquer campo ou barreira que me separava da realidade. E se todas aquelas insinuações não foram o suficiente para acabar comigo, o que viria acontecer dali em diante seria, certamente, o zênite do horror, o responsável pela minha falta de coerência.

Então lembrei que, se olhasse para o céu, poderia orientar-me segundo a posição das estrelas – o céu responderia ao meu chamado, dando a resposta que eu tanto queria ouvir. Não foi o que aconteceu. Não havia estrelas naquele céu, tampouco qualquer coisa que pudesse me orientar. Nada de constelações a pintarem o céu com suas cores azuladas, muito menos o clarão embranquecido da Lua. Já não mais sentia a *vida* em meio à floresta. Provavelmente era a influência deletéria que a impiedosa e ofendida floresta tinha em minha mente tão enfraquecida – certamente eu pagaria pelos erros do humano. Eu admito: o pavor tomou conta do meu coração. Não queria aceitar ver o céu vazio, pois, vazio, o céu era o reflexo do meu coração.

Aos que pensam que tudo foi engolido por uma escuridão sem fim, quando já acostumado com a ideia de não ter sequer uma estrela para velar meu infortúnio, falo que vi uma estranha luz por entre a mata que paulatinamente aumentava sua tonalidade e chegava até mim com o mesmo vagar. Não sei se vinha em linha reta, ao menos não parecia zigzaguear. Era provavelmente refletida por algum metal reluzente. Só fui repará-la ao notar que aos poucos ela me atraía; o que não significa que eu não a tinha visto antes. Não consegui identificar sua origem, a uma distância muito maior do que eu era capaz de imaginar, mas vinha em minha direção: era constante o seu movimentar. Há quanto tempo essa luminosidade me acompanhava, me perseguia?

Tentei identificar qual seria o formato dessa luminosidade. Não tinha exatamente um formato único, talvez pela distância que era refletida. Pensei que era formada por feixes de luzes multicores, apenas, mas logo essa primeira impressão deu lugar à outra: a de que era um ser completamente *vivo*, alheio ao nosso mundo. Não errei muito ao constatar isso. Não se aproximou demais, também. Só o suficiente para incutir em minha mente que eu deveria *seguir-la*.

Assim eu fiz. Só não sei se caminhei ou flutuei. Incapaz de discernir a distância percorrida, eu cheguei ao local que parecia ser a origem e descobri que a luz que me atraía era refletida por discos horizontais que terminavam em estranhos pedestais que de maneira alguma tocavam o solo. Tudo aquilo tinha como corpo celeste uma substância gelatinosa que flutuava desajeitadamente sobre a relva. Ela reluzia confusa e maravilhosamente uma luz que, com toda certeza, estava propositalmente direcionada a mim.

Com enorme rapidez aquela luz que a substância gelatinosa emitia aumentou de intensidade, chegando a um ponto praticamente insuportável: meus olhos não conseguiam permanecer abertos por muito tempo, a luz branca me cegou. No intervalo de um piscar de olhos, enegreceu-se tudo. Eu gritei uma, duas, três vezes. Conscientemente – pelo menos eu achava que gritava com consciência – implorei por auxílio. Ninguém me respondia. Naquele momento eu não pensava que estivesse sozinho, só queria escutar alguma voz humana. Estava frio, e escutar a voz humana devolveria o calor ao meu corpo. Até cheguei a escutar qualquer coisa, é verdade. Para o meu desprazer, aos meus ouvidos chegou um som muito sensível: captei o que parecia ser o sopro de uma única e solitária flauta – um sopro quase inaudível.

Tendo voltado a enxergar, a minha primeira reação foi a de verificar em que parte da Amazônia eu me encontrava. Aquela escuridão, que proporcionava o frio ao meu corpo, deu lugar à luz do final da tarde, que alumiu tudo ao meu redor. Eu continuava a escutar o som da flauta, que sensivelmente havia aumentado de tonalidade. Abaixei-me e apalpei o solo com a minha destra. Senti as folhas das árvores caídas, a textura da terra úmida; enfim, tudo aparentava normalidade. Mas não me animei com isso. Ao olhar para a esquerda, pela primeira vez dentro da floresta, vi aquele altar de pedra.

O meu relato possui fragmentos inacreditáveis, até para quem os narra. Meus olhos poderiam ter sido vítimas de uma ilusão, ou de uma histeria que aos poucos aumentava, me dominava e me fazia seu prisioneiro. Havia muitas sugestões satânicas; e somado ao meu pior momento dentro da Amazônia, tudo pôde ter acontecido. É-me difícil confiar plenamente nas visões que tive dali para diante: a partir do momento em que eu vi o altar de pedras, cismo com o que os meus olhos viram. Por forças desconhecidas fui levado a acreditar que aquele altar,

onde estava a *criatura*, onde estava *Satã*, possuía delicados adornos, formas cujos ângulos me pareceram toscos por demais, assim propositalmente elaborados, e dentro deles figuras de um desenho primordial, antigo (pré-humano), e por isso mesmo significativo, de uma natureza desafiadora.

Não tenho palavras para descrevê-lo. Adornos, desenhos, hieróglifos. Somente um Doré do novo milênio conseguiria retratar tamanha blasfêmia. O mais importante é que eu escutei novamente o misterioso assobio agudo. Olhei ao redor, voltando em seguida o olhar para o altar antes vazio (como se já não fosse assustador a presença do altar de pedras no meio da Amazônia); deparei-me com a visão daquela criatura – no mínimo – grotesca. Tudo isso acompanhado de uma estranha cantoria (a mesma de quando escutei n’uma daquelas noites que antecederam a morte de Jorge Mendes). Índios, talvez. Mas não. *Servos*, isso sim.

Ela, a criatura, estava sobre o altar, vestida com roupa negra, corcunda, mas desta vez não utilizava o cajado – diferente daquela visão que tive ao entrar na mata. Conseguiu equilibrar-se perfeitamente sobre o altar; e também não tinha o manto vermelho estendido pelos ombros. Pela sua face caíam os longos cabelos também negros. Eu podia vê-la com aquele riso zombeteiro por debaixo das longas madeixas, aquele olhar demoníaco que por entre os fios negros me enxergavam, e o que *ela* queria de mim, o que *ela* ainda iria fazer.

As vozes aumentaram sua tonalidade, bem como aquele característico som de flautas, que agora mais parecia ter mil delas tocando ao mesmo tempo, sem nenhum cuidado com a cadência. Não muito distante de mim, avistei aquele grupo de “índios” – os verdadeiros índios, os que ainda fazem da Amazônia seu lar, não se prestariam a ritos tão blasfemos, por isso tenho certeza de que eram os *servos* – que lentamente marchavam entoando novamente aquele mantra já conhecido, exultando-a, aproximando-se do altar aonde *ela* já os esperava com grande ansiedade. Tive a oportunidade de escutar, o que antes eu imaginei ter sido “Fahab”, a expressão que só agora me soa evidente: “*Nahab*”! Também escutei os nomes “*Homem Negro*” (do culto às bruxas, o demônio em pessoa) e “*Mulher do Fumo*”, que provavelmente assim era conhecida a figura no altar de pedras. Recentemente procurei em algumas fontes pelos termos que foram rezados naquela oportunidade, e dos poucos que

encontrei figura-se aquela expressão – outra vez bastante evidente – que também escutei *deles*: “o trono do Caos”.

A despeito daqueles “índios”, tenho a dizer que os corpos eram pintados de branco, eram criaturas humanóides, bípedes, de rosto um pouco repuxado, olhos cavos. Como pareciam gemer, tive poucas oportunidades de ver algum deles abrir a boca (talvez o próprio mantra proporcionava recitar sem muito movimentar os lábios), mas quando vi, fiquei abismado: percebi a coloração extremamente amarelada dos dentes, próprios de canibais.

Aqueles *servos* carregavam sobre o ombro uma caixa retangular. Aberta, como eu já disse. Mais parecia um *cortejo fúnebre* em que era oferecida uma dádiva a Satã. Sob a infernal sinfonia de flautas, percebi que o mantra era realmente em formato de gemidos, e que tinha por finalidade *invocá-la* do seu esconderijo. A minha atenção foi direta para a estranha caixa retangular e seu conteúdo, que por certo era pesado.

Era para isso que *Satã* me atraía dia após dia? Era naquele *túmulo* que eu deveria *deitar*? E depois, *assinar*? Dizem que quando morremos assinamos o *livro dos mortos*. E que, ao morrermos, em certas circunstâncias, quando descobrimos em vida mais do que deveríamos, assumimos um pseudônimo. Aquilo não me fazia sentido algum, no meio daquela turbulenta mistura de realidade e superstição. Nem tampouco agora, recuperado.

Eu queria enxergar de todas as maneiras o conteúdo daquela caixa retangular. Que era uma oferenda, isso é inegável. Carregado com extremo cuidado, quase excedia a capacidade de equilíbrio daqueles *servos*. Na hora não dei muita importância, mas penso agora que eles eram incapazes de me enxergar, enquanto eu os via perfeitamente carregando a caixa retangular até o altar de pedras. A principal mudança que me conduziu para o surto final do meu delírio, foi quando, antes de chegarem ao altar, eu vi o que carregava a tal caixa retangular. Imagine o pavor que senti ao ver que dentro dela estava, morto, o meu *corpo*! Então isso só podia significar que, no meu ponto de vista, quem estava lá era o meu espírito, assistindo n’uma perspectiva diferente a lenta aproximação até o altar de pedras.

Esse, então, era o bacanal mais do que doentio que os demônios prepararam. Assistindo de privilegiada posição o meu próprio funeral,

fiquei transido de horror. Eu não aguentava ver todo aquele insano espetáculo. Em minha mente, tudo se imiscuiu: o medo, o pavor, a aflição e a peculiar sensação de querer ficar até o fim, só para ver no que iria dar. Eu vi, ou o meu espírito viu surgir ali um pedestal que apoiava o tal *livro*, instantes depois da *criatura* ter sussurrado o seu nome. O mergulho final no abismo antes de apagar foi ver, pouco tempo depois de a caixa retangular, o meu túmulo, ter sido depositada sobre o altar de pedra, o próprio Satanás pegar no meu pulso, colocar uma pena entre o dedão e o indicador de minha destra e me fazer *assinar*.

Antes que eu pudesse ver a minha mão assinar, sentindo que meus pés ardiavam como se eu estivesse pisando em brasas, o sopro infernal de flautas cessou, tudo ao meu redor parou, e desmaiei. Foi tudo em uma fração de milésimos de segundos. Onde quer que eu fosse nesse meio-tempo enquanto estive apagado, o medo – eu diria o *nada* – era o que reinava.

A principal dúvida que permeava minha cabeça era: será que realmente assinei? E, se assinei, qual pseudônimo assumi? Aonde terminava o sonho e começava a realidade depois disso tudo? Dúvidas que, de certo modo, me pegaram de súbito. Procurei em muitas fontes a fim de saber o motivo de todos esses infestos satânicos; procurei inclusive no *Livro Sagrado* em que antes no seminário eu estudava, mas nada encontrei que pudesse satisfazer minha curiosidade da qual, hoje oculta, não houve como remediar.

Quando eu despertei, e abri meus olhos incrédulos, tentei localizar-me. Tarefa difícil, sobretudo depois de muito tempo sob o domínio de uma realidade demente. Minha cabeça doía. Parecia que eu estava grogue, mal conseguia levantar meus braços. Identifiquei uma pequena casa de madeira, sem separação de cômodos, com uma janela ao meu lado direito que permitia a entrada da luz do dia, e eu dentro dela. Diante de mim, a parede estava a dois metros, e ao lado esquerdo o restante da casa. N'uma parte específica desse meu lado esquerdo estava um sujeito que preparava qualquer coisa no pequenino fogão, que, por sinal, não ficava muito distante da cama a que eu estava deitado.

Eu mal conseguia movimentar minha cabeça. Isso por conta da dor que eu sentia na cabeça e também no pescoço, que de tão retesado mal se mexia. Do pouco que eu conseguia movimentar, pude ver que a casa em que eu estava tinha um estilo bastante próprio, singular, por isso

aconchegante. “*Sejas bem-vindo*”, disse meu anfitrião sem olhar para trás. Acho que ele escutou qualquer suspiro meu, daqueles que a gente nem percebe que soltamos; percebeu que eu havia acordado, e logo caminhou até mim carregando uma xícara.

Ao meu lado, ele segurou minha cabeça para que eu pudesse tomar o líquido que tinha na xícara; se não me engano era um chá que ele me servia. Ele mesmo segurava a xícara – eu não estava em condições de movimentar qualquer parte do meu corpo, muito menos de levantar meu braço e carregar a xícara até minha boca. Demorei a beber, pois até para isso eu estava naquele momento impossibilitado de fazer. Foi só depois que meu anfitrião se apresentou. Albert Fadwell era o seu nome. Pesquisador e professor da *Universidade de Boston*.

Ele estava vestido com uma roupa de cor cinza, uma bermuda de cor creme que não passava da altura do joelho, um casaco sem mangas e uma camisa xadrez de cores claras que ficava como segunda pele e que pouco aparecia na altura do peito e dos braços. Só percebi suas vestimentas tempo depois, quando já estava bastante recuperado – por mais que sentisse as consequências da suposta doença, o remédio que ele fez com plantas da Amazônia foi muito mais potente do que qualquer outro remédio industrial, capaz de curar com maior rapidez e eficiência. Em seu rosto, uma aparência descontrainda de uma pessoa sem muitas preocupações, somado a ela o alívio que sentia por me ver salvo. Olhos verdes, nariz um pouco fino e levemente levantado, escuros cabelos curtos e lisos.

Disse-me Fadwell, em português bastante arranhado, que nascera no ano de 1968 nos Estados Unidos, mais precisamente na cidade de *Newburyport*, e que estudou a vida inteira na *Universidade de Boston*, ambos localizados no estado de *Massachusetts*. Falou que, nessa mesma faculdade, estudou primeiro o curso de biologia e, enquanto lecionava a própria biologia, história. Falou também que há cinco anos foi designado pela universidade a morar na Amazônia a fim de pesquisar plantas, vegetais e animais da floresta sul-americana. Deveria ficar na floresta um total de sete anos, pelo menos boa parte deles distante dos amigos e da família. Demonstrou a sua alegria ao falar: “*Fico contente que ainda esteja vivo. Você parece estar grogue porque tive que dar-lhe um remédio composto por algumas plantas daqui da floresta para poder descansar melhor. Eu já imaginava que você iria sentir dores assim, por isso da cama*

confortável. Teve sorte que o encontrei no meio da mata”. A sua explicação me deixou mais tranquilo. Entretanto, não me disse nada o que na hora eu tencionava ouvir.

Um pouco mais tarde surgiu uma boa oportunidade para uma conversa, através da qual nos apresentamos melhor. Percebi que eu vestia roupas diferentes, mas não dei atenção para isso. Ele explicou como chegou até a Amazônia: viajou de avião do pequeno aeroporto Plum Island até Nova York, de lá para SP, de SP para Manaus. Era casado e tinha um filho pequeno e hipertensivo, sua maior preocupação. Quando ele terminou, eu contei tudo sobre mim, o meu ingresso no seminário, a viagem para a Amazônia, as pessoas que eu conheci. Também falei, com uma dose de precaução, sobre a morte do meu guia. E com muitas reservas acerca do ocorrido após a morte de Mendes. Poder-se-ia dizer fruto de um pesadelo, mas aquilo tinha propriedades concernentes somente à realidade: aquilo tudo era demais para a minha cabeça cheia de dúvidas, e também de pequenez. Eu não sei se ter sobrevivido foi um bom negócio, mesmo.

Lembro exatamente das palavras que o nobre pesquisador falou quanto ao meu “delírio”, depois de ter escutado atentamente a minha improvisada narrativa: *“Uma das primeiras coisas que estudamos, antes de definitivamente entrar na floresta, é sobre as lendas locais. Mas devemos compreender que a natureza é, ao mesmo tempo, linda e cruel. Linda, pois sabemos o motivo. Cruel por ter grande influência no humano. Saber manejá-la é saber viver dentro dela. Conhecer os seus meandros. Não se perder nela, pois a Amazônia é um grande labirinto. E é aí que está: conjecturo que você, Lucas Schereder, se perdeu do teu guia. Vem daí os teus sonhos. Quanto ao teu delírio, tenho apenas um nome: Malária. Não à-toa que você se curou bastante dessa enfermidade com o remédio que preparei, que por sinal combate a Malária e uma série de outras doenças. Você disse que suou muito depois de acordar de alguns sonhos. Essa é uma fase da febre. Depois disso, a cada dois ou três dias, o doente fica aparentemente sadio. Mas é só aparência. Ela sempre retorna até ser curada.”*

Eu tive muito suor. É fato. Os sonhos provocaram a sudorese, não tenho como negar. Dor de cabeça: sim. Mas não me lembro de ter tido calafrios provenientes de alguma doença tropical, ou ainda de ter padecido da febre de uma dessas doenças não-erradicadas por completo no Brasil. Não tive vômitos. Portanto, por mais que na Amazônia seja comum a

doença se manifestar, eu não aceitei a explicação de Fadwell, não como sendo a verdadeira justificativa. Mas por respeito e para não deixá-lo contrariado, nada comentei.

O dia em que saí da floresta foi o mesmo em que retornei para casa; um voo sem escalas. Eu já estava em condições de partir. Foi o próprio Fadwell, o pesquisador que me salvou, que emprestou dinheiro para que eu comprasse as passagens aéreas. Providenciou ainda um pouco de comida (a geléia de Camu-camu não poderia faltar) dentro de uma pequena valise que ele comprou ainda na sua cidade natal, *Newburyport*. Despedimo-nos. Ele disse que tinha sido a melhor etapa de sua estadia na floresta, que salvar-me teve o mesmo efeito de ter salvado o filho que há bastante tempo não via. Foi comovente vê-lo chorar. Não pela minha viagem de volta, mas por saber que não voltaríamos a nos encontrar novamente. Damos um último aperto de mãos e em quinze minutos eu já estava no ar. O horror na Amazônia não tinha deixado de existir, apenas continuou lá, esperando, *talvez*, uma nova “vítima”, enquanto eu retornava ao meu lar.

Eu tenho pensado ultimamente que a Amazônia realmente me trouxe até ela. Atraiu-me para chamar a atenção do mundo quanto a sua importância, e o que ela pode fazer contra a enfraquecida mente humana se não respeitar suas limitações. Eu sinceramente não aconselho que o homem desconsidere o seu valor, (*des*)matando o que deveria continuar vivo, destruindo o que não lhe é de direito. Por mais que a Amazônia tenha seus horrores, suas – riquíssimas – lendas são importantes para a memória de um povo; devemos preservá-la a todo custo, nem que esse custo seja a nossa vida, assim como o foi a de Mendes. Muita coisa se perdeu, mas ainda há tempo para recuperar o tempo perdido. No fim, não posso falar mal da ótima ideia tida pela Católica, a de fazer uma matéria contra as queimadas e o desmatamento da Amazônia, mesmo que não vá mais sair. Mas também não a absolvo, pois foi através dela, e de Padre Farina, que me tornei o maior prejudicado. Há, entretanto, uma sensação que não me abandona. Passado todo esse tempo, ainda consigo ver uma efígie esgueirar-se pelas fendas da lembrança de momentos que nunca existiram. Basta fechar os olhos que entrevejo a imagem – que jamais vi – do corpo de Jorge Mendes apodrecendo no meio da floresta!

Tu passaste pelo Abismo¹

Desagradável foi a minha experiência, ontem à noite. Sem forças para levantar, acabei adormecendo no sofá da sala. *Dormir* não é bem a palavra exata, as pálpebras sequer baixaram completamente, ainda podia ver resquícios da realidade à minha frente. A respiração compassada. Passei a escutar um estranho ruído: não partia de mim, mas da *presença* ao meu lado. Demorei a percebê-lo ali. Parado. Pacientemente à minha espera, à espera do meu despertar. Com visão turva, encarei-o da mesma forma de como faria com qualquer outro objeto dentro de casa. Distingui na turva visada certas feições humanas e sobressaltei-me. Esfreguei com a destra meus olhos e, por fim, vi. Vi uma *pessoa* escorada n'um elegante cajado, vestido formal e elegantemente, terno, camisa, gravata, paletó. Sapatos do couro mais lustroso possível, dir-se-ia d'uma cor muito parecida com a pele humana. Mãos de frade e cútis lisa e um olhar sereno, convicto. Um perfeito gentil-homem, não fosse sua *origem*. Não parecia ter arrombado minha casa, quanto muito ter nela entrado por qualquer porta.

- Assustei-o? – começou *ele*. O sorriso no rosto tornava-o mais estimável.

- Sim, assustou.

- Desculpe. Não foi a minha intenção.

- E quem é *Vossa Senhora*? – utilizei d'um sarcasmo, d'uma ironia ao interpelá-lo.

- *Muitos*, e ninguém ao mesmo tempo.

- Entendo. E o que te trouxe até minha casa? Por onde entrou?

- Entrei de minha tradicional maneira. Simplesmente aparecendo, assim por dizer. Vim para ajudar. Olhando para a sua mesa, o maço de

¹ Último fragmento de “*Roda E – Whoa!*”, *Livro das Mentiras*.

folhas já datilografadas, creio que precisa de auxílio. E urgente. A idade vem chegando – arqueou as sobancelhas.

- Ainda não entendo aonde quer chegar.

- Simples. Quero ajudar.

- De que forma, quero dizer.

- Posso *transformar* sua vida. Dar-lhe riqueza, saúde e sucesso. Mulheres também. Eu quero fazer isso. Entendas tu q'eu sinto uma *necessidade* de ajudar. E tu foste o meu *escolhido*.

- Tentador, *Mefistófeles*.

- Hum! Vejo que atribuíste, enfim, um nome a mim. Platão? Não, Goethe; estou certo?

- Sim, *Matheus*.

- Não é bem esse o nome com o qual estou acostumado a ser chamado, mas tudo bem. Pode me chamar assim, se preferir, *L*. Ou devo dizer *Lucas* – o olhar oblíquo dizia mais coisas completando o que as palavras falavam.

- Vejo que você é, também, adepto a atribuir nomes a pessoas.

- Não tenho esse costume, mas adapto-me facilmente. Afinal, foste tu quem começaste.

- Correto. Fui eu.

- E então? Aceitas?

- Já estou acostumado à pobreza. Ao insucesso. Penso em parar de escrever, também. Não vejo porque ter-me escolhido, uma vez que tantos outros escritores sejam melhores do que eu.

- Humildade. Gosto disso. Aprecio isso n'uma pessoa.

- Talvez.

- E então? Sabe, eu *li* todas as tuas histórias. Tu és um escritor de mão cheia, *Lucas*. Aconselho-o a não desistir de escrever. E aquele material ali – apontou para a mesa, com uma folha ainda dentro da máquina de datilografar – será o início do teu sucesso.

- Supondo que eu aceite. O que você leva de mim?

- Ah! Isso é algo que podemos *negociar*, meu caro L. – novamente o sorriso em seu rosto, desta vez carregado de malícia.

- Correto. Nada mais justo; sei – respondi, já fazendo ideia do que se tratava esta negociação – Mas diga-me, *diabo*, como posso saber que *Vossa Senhoria* – mais uma vez utilizei d’um sarcasmo, d’uma ironia – está falando a verdade. Não é *você o Pai da Mentira?*

- Eis o nome com que muitos me chamam. Até estranhei que tu não me chamaste assim. Para viver n’um mundo como este, precisa ser *normal*. Mas sei que tu não és *normal*, não na concepção real da palavra – espalmada, levantou a destra à minha direção, enquanto a sinistra apoiava-se no cajado – Tens valor. E *eu* aprecio isso – sorriu novamente, de orelha a orelha, exultante – Com efeito. *Sou*. Mas também gosto da verdade.

- Não acho que quem tenha que provar alguma coisa seja eu, não é? – perguntei, obrigando-o a dar-me provas de suas palavras.

- Não. É bem verdade. Isto tu já provaste, meu caro L., em inúmeras de suas criações literárias. Quem deve fazer isso sou eu.

Dito isso, o telefone tocou. Olhei com estranheza a perfeita sincronia do término de sua fala e do toque do telefone. Poderia ser qualquer um, mas já estava bastante noite para uma ligação importante. “*Não vai atender, L.? Pode ser importante!*” Atendi. Por instantes o *diabo* desapareceu, enquanto do outro lado da linha a resposta d’uma grande editora me era dada. Perguntei-me mentalmente se algum dia eu já tinha dado meu telefone residencial n’algum cadastro de envio de material, mas não recordei tê-lo disponibilizado.

- *Boa noite, L. Aqui é da Editora O., sou o gerente comercial Henrique Dornelles, e estou ligando para dizer-lhe que o seu “S. D.” foi aceito para publicação. Consideramos uma obra-prima do gênero e tenho certeza de que fará um grande sucesso. Faremos um coquetel de lançamento do seu livro e outras quantas festas você decidir fazer, com pompa e glória. Tudo por nossa conta; é claro. Luxo será o seu sobrenome; e nós podemos fazer isso. Temos condições de transformar o seu livro no título mais vendido por um, dois, três, quantos meses você quiser, nas principais livrarias do Brasil, inclusive teu nome destacado nos*

principais jornais do país. Faremos ainda uma parceria com a maior editora dos Estados Unidos para que possa publicar, também, em terras estadunidenses; e outra, com uma das maiores livrarias da Europa, para que possa publicar nos principais países europeus. Basta aceitar a proposta de um dos nossos representantes e da noite para o dia a sua vida se transformará. Espero sinceramente que você dê o sim para que possamos, já, a confeccionar o seu mais novo livro. Já estou vendo as manchetes dos jornais: escritor recém-descoberto é o mais novo membro da Academia Brasileira de Letras! Ou ainda: o sol brilhou para o mais novo escritor de Literatura Fantástica do Brasil! O que acha? Bom. Eu sei que já é noite. Voltarei a ligar amanhã para congratulá-lo pela melhor decisão de sua vida! Adeus.

- E então? – o *diabo* retornou ao mesmo lugar de antes. Tinha em sua face a interrogação de sua pergunta.

- Da mesma forma de como não acredito em *Deus*, não acredito em *Vossa Senhoria*. Não acho, entretanto, que *alguém* possa me fazer crer n'algo inexistente. E *Vossa Senhoria* inexistente para mim. E não só para mim, mas para muitos. Acredito em *Deuses*, falíveis, errantes, o plural é a resposta. Sei, também, que *muitos* o compõem. Mas não dou importância a isso.

Não foi tão coerente minha resposta, mais parecia tê-la dado em sonhos. Creio ter conseguido passar o recado, mas para *quem*? Quando acordei, eu estava *falando* com o cabide onde estava uma calça e uma cinta minhas, tendo chegado ali não sei como. Era manhã cedo e, com um pouco de fome, de imediato, considerei ter tido um sonho conturbado, agitado. Minhas costas doíam; o sofá não era lugar para dormir-se. Olhei para o gancho do telefone pensando ter imaginado aquela ligação. Voltei até a outra sala, aquela da máquina de datilografar, e qual foi a minha surpresa quando vi um calhamaço de folhas datilografadas e empilhadas ao lado da máquina. Para o meu espanto, o título era realmente composto pelas iniciais “S. D.”. Teria eu datilografado enquanto sonhava? É possível, mas nunca agi assim. Todo aquele material me fez rememorar as palavras do *diabo* dos meus sonhos e de sua *necessidade* de auxiliar. E isso me levou a outra pergunta: eu aceitei? Aceitei o auxílio do meu onírico *Mefistófeles*?

Tudo que sei é que nem bem terminei a leitura do sétimo capítulo quando o telefone tocou.

O estranho caso da igreja queimada

PARTE I

O que estou para contar ocorreu nos anos 1950, aproximadamente. Eu não era vivo naquela época, mas meus pais sim. São poucos os registros sobre a igreja e sobre os padres que nela ministraram missa. E foi através deles, dos registros e dos meus pais, que fiquei sabendo do ocorrido. É a primeira vez que eu conto os acontecimentos.

As pessoas que moravam na *Sede* eram, todas elas, devotas a Deus. Muito mais do que hodierno. Iam à missa aos domingos sem falta, e na igreja, vez ou outra durante a semana, confessar-se iam. Tinham no padre um *ícone* de santidade, e acreditavam nele piamente. Padre Germano C. era um sujeito sisudo, poder-se-ia dizer à moda antiga; as pessoas o respeitavam até demais, mas ninguém estaria errado se dele falasse ter medo, pois as fotos não negam: seus olhos atrás daquelas lentes pareciam esconder algo. Sua postura, dizem os que podem lembrar, era de um sujeito esguio; era magro, também; sua larga testa, e seus cabelos, praticamente ralos, atestavam esta eventual afirmação. Bem da verdade, dizem alguns (os anciãos daquela terra) que havia chegado, d'uma longa viagem, um tal de *D. With*, e que em Germano via nada mais do que um sujeito de *alma suja*, mas não há registros o suficiente para isso afirmar.

A *Sede*, hoje emancipada, tinha a *igreja* e sua torre no ponto central da cidade. Alguns metros dali, um armazém simples, mas bastante frequentado, local aonde muitos iam para beber cachaça. A cidade não era grande, mas a região da qual ela fazia parte, sim: fazia divisa com o Município de V., ao sul; M. e I., ao norte; C., ao oeste; e S.J., ao leste.

Havia muitos moradores, donos de extensas áreas de terras, para todo o canto da *Sede*. *Um florão de terra*, como se pode facilmente perceber através dos registros oficiais.

PARTE II

Só pode existir uma ligação. Nem hoje, dias de intensa violência, coisas assim por lá acontecem. É bem provável que o caso tenha sido abafado por outro caso, um consequência do outro.

A primeira “vítima” foi um sujeito que praticamente vivia na igreja, auxiliava Padre Germano C., e era bem recebido em qualquer lugar que ia. Toni, como era chamado, morreu por envenenamento, é o que conta o pessoal mais antigo. Segundo eles, um médico foi quem constatou o motivo da morte. Morreu dentro da igreja, sozinho, sentado em um banco. Morreu orando. É claro que o povo ficou muito mal, chateado por perder alguém de confiança, um irmão de fé. Seria como perder a si próprio.

A onda de doenças e morte não tinha parado por aí, entretanto. Frabricio Brassiani, de uma semana para outra, caíra de cama por uma doença que nem o melhor doutor foi capaz de curar, ou como foi dito: *chance baixa de sobrevivência*. Não deu outra. Depois de dias de sofrimento, momentos lúcidos, outros não, de visitas de parentes e amigos, faleceu, dando um certo alívio para sua família que o via cada vez mais afundar-se nesse estágio final – e rápido – da *doença*. Seu enterro foi marcado pela presença de muitas pessoas que moravam na *Sede*, bem como de algumas que moravam nas cidades vizinhas.

Não é fácil lidar com a morte. As pessoas procuram entender, mas a tendência é ficarem mais decepcionadas – com a fragilidade da vida – quanto mais tentam procurar um motivo para a *morte*. Essa é uma característica humana. A morte tem a mesma faceta do fracasso. E, para somar à sensação de espanto, é inevitável. Fatalmente acontece. É perfeitamente simbolizado.

PARTE III

Dizem (incrivelmente os mais céticos dentre os anciões) que Padre Germano C. também rezava n'outra língua. Quem ouviu, dos poucos que o ouviram, ainda hoje tenta entender qual era o teor daquelas rezas. Como o povo era muito devoto, e bastante ingênuo, esse detalhe havia passado despercebido, sem a menor importância, desde que Padre Germano C. rezasse os *Padres-Nossos* e as *Ave-Marias*, e dissesse todo o santo dia o nome aveludado de *Deus*. Analisando o povo daquela época, essa parecia ser a única condição que determinavam.

Essa estranhez é relatada pelos mais velhos, que dizem ainda terem visto esse mesmo padre aparecer com a batina bastante suja de poeira em alguns dias durante a semana, vindo direto da sacristia. A igreja toda suja? Talvez só no dia em que sofrera uma boa reforma.

Interessei-me sobremaneira por esta história. Corri atrás de informações. Viajei até o município onde antes se chamava *Sede*, e fui direto para a *igreja*, hoje mais bela e um pouco maior, ainda sustentando sua torre de 15 metros, aproximadamente – a única lembrança do passado 'inda viva. Falei com o atual pároco sobre tudo que nela aconteceu, e pedi algumas provas também. Os registros apresentados possuem a informação do *desastre* em evidência, todavia somente naquela *igreja* a *carta* que Padre Germano C. havia escrito tempo antes de *sumir* era possível encontrar.

Até fiquei surpreendido quando o padre respondeu positivamente ao pedido de empréstimo. Claro que aleguei apenas curiosidade quanto ao fato. Menti, mas mentiras assim são perfeitamente perdoáveis. (Não são?) Meia hora depois, com a fotocópia em mãos, o original da carta entregue já estava em seu devido lugar. Despedimo-nos e logo em seguida tomei o caminho de volta. Passei a viagem inteira pensando nas letras que diziam o q'eu queria saber. E também em algo que ele sequer percebeu.

A *carta* tem um sentido ominoso: cada vírgula, cada ponto traz um mistério que jamais será revelado. Seu conteúdo nunca chegou a mãos que não das dos padres subsequentes. É a primeira vez que olhos alheios tanto aos acontecimentos quanto à classe eclesiástica lerão o teor nela

encontrado. E é essa mesma carta que comprova a *loucura* que Padre Germano C. fora acometido.

DESTINADO A GILIO FLESCH, PADRE ADJUNTO DO MUNICÍPIO DE V.

DATA: _____

Gilio. Como todos nós sabemos, o destino de um homem é traçado por Deus. Não quero ser o causador de desgostos em minha cidade, então peço cautela quanto aos nossos planos.

Informe Jorge Beldermann sobre a chegada de Don Marciliano, e previne-o manter-se distante dele. Don Marciliano só vai atrapalhar o andamento de nossos planos.

A data da transformação está chegando. E a data de nossa reunião, aí no Município de V., também. Quero falar uma coisa sobre a nossa reunião: o horário está ótimo. Eu só não gosto que o povo me veja dirigindo.

Muitas coisas serão decididas, poderemos nós mesmos mudar o destino; será essa a força que nos tornará eternos. Talvez essa seja a solução. O livro está bem guardado.

PADRE GERMANO C.

IGREJA DA SEDE

PARTE IV

Mais pessoas morreram. É o percurso natural da vida; mas não quando as pessoas em questão são encontradas mortas sob circunstâncias estranhas.

O mais chocante do que as mortes foram as violações de alguns túmulos do Cemitério Augusto César. Onde antes havia restos mortais, passou a ter apenas um vazio bastante assustador. Que bandido teria roubado os corpos dos falecidos não há muito sepultados? Bandidos *religiosos*, digo.

Foi o que aconteceu com os túmulos de Toni e Fabricio Brassiani. Relatos de pessoas de mais idade narram o desespero da família Brassiani, e de alguns outros que tinham sofrido com o ataque dos túmulos. O que pensar sobre isso?

No entretempo, Padre Germano C. já tinha tido a tal reunião. O resultado dela ninguém ficou sabendo, mas não é difícil adivinhar. Foi o próprio quem inspecionou o cemitério em busca de alguma coisa que pudesse esclarecer o caso. Os relatos também falam de sua dedicação na procura. Por fim nada encontraram: com o auxílio de Germano, simplesmente fecharam os túmulos violados com a terra retirada. Um fato isolado? Eu acho que não.

PARTE V

Padre Germano C. ministrara sua última missa de domingo. Padre Gilio Flesch ocupou seu lugar, assessorado por Padre Jorge Beldermann. Depois disso, Padre Germano C. não foi mais visto.

Gilio era um padre bastante jovem, pouco mais de 25 anos. Era um “padre moderno”, que conquistou a simpatia do povo quase que imediatamente. Logo em sua primeira missa explicou que o antigo padre partira da cidade às pressas, mas que “levaria a *Sede* no coração”. Ficou por isso mesmo.

Jorge Beldermann, um padre mais velho, de trinta e dois anos de idade, era quem o auxiliava nas missas de domingo. Qualquer um que olhasse para ele, nele veria uma pessoa muito calma, um *inocente* em busca da paz que *só em Deus conseguiremos encontrar*, como vez ou outra falava.

Foi justamente nesta época que ocorreu o tal *desastre* do qual já mencionei. Ao que tudo indica, labaredas de fogo riscaram o céu em rubras cores por meia hora, e o pavor tomou conta de boa parte da cidade; muitos moradores reunidos a assistir o terror tomando forma. “Em meia hora nada mais restava a não ser um montão de ruínas”, e foi tudo isso que motivou Padre Jorge a escrever uma emocionante, quase pedante carta, implorando aos paroquianos por um sublime auxílio, prometendo “Deus Nosso Senhor, aquele que recompensa a quem dá um copo d’água ao pobre... compensa... generosa oferta... neste e noutro mundo.” Implorava compaixão, implorava pela compra de materiais de construção a fim de reconstruí-la outra vez.

A história conta o incêndio que consumira aquela igreja por completo. “*Grito por Socorro*” era o título. Em tópicos, foi listado cada baixa: “*tocos carbonizados*”; “*paredes em cinzas*”; “*telhas quebradas*”; “*torre desfeita pelo fogo*”; “*sino derretido*”; dentre outras pavorosas coisas.

“Tudo silêncio fúnebre, tudo tristeza e desânimo, tudo lágrimas e saudades, tudo dor, tudo aflição”, mas o que ninguém comenta foi de que encontraram corpos carbonizados que queimaram junto com a igreja, talvez lá no alto da torre escondidos. E como provar? Não contive meu ímpeto e roubei, diante daquele pobre padre que em sua ingenuidade me recebera, uma folha anteriormente destacada, na qual era relatado ter sido encontrado os corpos, e nela os nomes de Toni e Fabricio Brassiani estavam escritos.

Quem quer que tenha sido o causador daquele incêndio, o culpado pela completa destruição da igreja, somente uma coisa pode ser dito: “*O mal é a natureza do homem*”¹. No que tange à morte, ela só chega na hora certa. Só que a hora certa para aquelas vítimas veio cedo demais. Eu me questiono: que destino é este, do qual e para o qual as pessoas sofrem? Que dor é essa que sinto no peito? É angústia por constatar que nada mais é o pecado senão uma simples e insípida palavra. Aquelas pessoas sofreram, meus pais e avós sofreram junto, então... por quê? Se quem imagino ter sido o culpado, ou os *culpados*, pelo fogo e pela desgraça, esse foi quem pagou com a própria vida. Mas será que essa igreja, mesmo depois de reconstruída, foi doada aos demônios? Espero que essa “*perspectiva sombria gerada por saber que há mais crueldades*

¹ Nathaniel Hawthorne – O Jovem Goodman Brown.

na vida do que a simples inteligência pode compreender² não afete mais ninguém. Mas cidadão algum tira de minha cabeça que trancafiar os corpos no alto da torre não foi um bom negócio. Era destino daquela *igreja* queimar!

² Scott Turow – Acima de Qualquer Suspeita.

DEUS FILISTEU

Roberto sabia que seu amigo acabaria por ficar louco. Constatar esta fatalidade não foi nada salutar: era amigo de Anderson do tempo de colégio, desde as séries iniciais do primeiro grau e recordava-se bem dele ter sofrido com o que hoje é chamado de *bullying*. Desde aqueles tempos a vida para seu amigo não foi nada fácil: perdera a infância, mataram-na na verdade, e de repente viu-se n'um mundo novo com os olhos de um adulto. E esse mundo aos seus olhos de adulto era-lhe terrível – um aperto no peito e um desespero aprisionavam-no dentro da redoma que construía com o passar do tempo sem chances de recuperação. Sabia também que pela cabeça do amigo, principalmente quando em momentos de forte angústia, a ideia de suicídio o assaltava – embora quisesse acreditar que Anderson não teria coragem para a autoquíria, algo lá no fundo ciciava o contrário. Podia imaginar quão difícil estava sendo *viver* para Anderson; as regras da sociedade amputavam sua vivência. Todavia, jamais teria a mínima noção de como era horrível ver a face da vida na completa escuridão donde o amigo habitava.

Anderson agia de forma muito esquisita até os dias que antecederam à sua morte. A sua própria morte teve algo de muito esquisito, estrambótico. E, claro, inseria com cruel facilidade uma gama de dúvidas na cabeça de Roberto, não obstante sua passagem ter sido um alívio (para ambos). Foi o melhor remédio que *Deus* poderia dar. A despeito de sua esquisitice, o que era mais visível em Anderson, tanto na palma de cada mão, quanto nos pulsos e até nos tornozelos, eram as marcas exangues de toda a violência que empregara a si mesmo. Não seria difícil imaginar o estado de carne viva em que estava seu corpo.

Foi no dia do enterro do amigo que Roberto encontrou a carta. Foi triste vê-lo partir deste mundo, e mais ainda ver seu corpo cerrado dentro do caixão, enterrado sete palmos abaixo da terra. Acompanhou a cerimônia fúnebre junto de pouco mais de seis pessoas – nenhuma delas

seus parentes, talvez a metade vizinhos de apartamento. Retornara ao apartamento do falecido amigo quando ao término das exéquias – uma última vez que veria o lugar em que o amigo passou uma parte de sua vida; lá encontrando a missiva manuscrita composta de poucas folhas, sucinta, dentro d'um envelope pardo em que seu nome estava desenhado. Abaixo dele uma observação entre parentes dizia que só deveria ser aberto e lido no dia seguinte do da sua morte.

Leu três vezes: seguidas. Quase chorou. Sentiu que tocou o espírito. Segurou as lágrimas o máximo que pôde. No que concerne à narrativa, a prosa mais simples possível; o conteúdo, no entanto, expondo exatamente tudo o que Anderson *sentia* – e também o que *via*; profundo o suficiente para lamentar. Não mais poderia pedir perdão ao amigo – que nunca mentira, mas fora equivocadamente julgado mentiroso por Roberto. A carta iniciava com o título *Deus Filisteu*. E seu compungimento lhe doía na alma.

“Não pense que tudo foi uma simples ilusão. Ou que sonhei, simplesmente. Foram pesadelos, é verdade, mas muito reais. Os remédios que tomo são para acalmar as dores em meu corpo, que são gigantescas. Eu poderia ficar horas aqui tecendo toda a linha de minha vida, do tempo que fui coroinha dessa igreja falsa, até o dia de hoje.

Teve sorte por não ter passado o que passei. Fez uma ótima faculdade e hoje é um profissional respeitado. Provavelmente quando estiver lendo essa carta vai se lembrar de mim como um amigo, e não como um pobre-diabo. Psiquiatria é uma área que para você deu muito certo. Acho que eu já posso dizer que não fiquei louco. É uma desordem mental, mas ainda assim consigo me organizar. Não fossem as dores, as marcas e a minha pele, tudo seria normal. Só que aos poucos a minha vida vai sendo alterada. Você já pôde ver as marcas nos pulsos e tornozelos; talvez tenha imaginado que eu as fiz.

A Bíblia narra inúmeras histórias, e uma delas é sobre o nosso salvador. Muitos chamam o que eu tenho de “Chagas de Cristo”, mas talvez seja uma rara doença. Louco INRI pra cá, doente para lá. As pessoas não medem esforços para insultar os outros, esquecendo que debaixo de toda essa carcaça, existe um humano. Um frágil humano, que

sofreu a vida inteira. Se puder lembrar o tempo de colégio saberá do que falo.

Não ligo se continuarão a pensar que sou o Louco INRI. De qualquer forma, As Marcas de J.C. estão pelo meu corpo, espalhadas. Tenho marcas na cabeça, pequeninos pontos de cor vermelha na testa, e por debaixo do cabelo. Já sangrou mais, hoje apenas servem como lembrança de dias penosos. Ainda as orelhas guardam um pouco do inchaço, mas nem de perto lembram aqueles dias.

Não faço ideia de quando foi a primeira vez em que acordei e vi as marcas em meu corpo. Posso lembrar, entretanto, que vi muitas outras pessoas. No início apenas me olhavam com desdém. Aos poucos aqueles olhares se transformaram em vozes, e de algumas bocas eu escutava insultos. Eu não era bem-vindo naquele lugar; mas sempre voltava ao fechar os olhos.

O povo vivia da pesca. Uma comunidade que morava em torno do mar, e dele se alimentava. As casas, construídas sob estranhas plataformas que evitavam o contato direto com a areia, possuíam a mesma cor. Aliás, casas de mau aspecto, que mantinham sempre uma pequena escultura para reverenciar. Tinha ainda um templo, a que chamavam de Casa, simplesmente. E dentro dessa Casa, a mesma escultura que se encontrava em cada residência, mas de tamanho consideravelmente maior. Onipotente, olhava para o infinito. Tinha o formato de um lagarto, mas dos detalhes nada lembro.

Certa feita, aquele povo, contente, carregou até a Casa e depositou, como uma oferenda, uma espécie de arca, junto inclusive de Seu Deus. Ao que levantaram na madrugada do dia seguinte e encontraram, com o rosto caído ao chão, diante daquela arca, a imagem do culto. Tomaram a escultura e tornaram a pô-la em pé.

Na manhã do dia seguinte, a mesma escultura estava caída ao chão. Desta vez, a cabeça havia rolado e as palmas das mãos cortadas sobre o limiar, tendo sobrado somente o tronco. E vi proclamarem em alto e bom som: “Não fique conosco a arca de Deus estrangeiro; pois a sua mão é dura sobre nós, e sobre nosso Deus”.

Tudo isso aconteceu com minha chegada por aquelas bandas. Coincidência que foi levada a sério pelos habitantes. Logo fui ultrajado. Cuspido e até apedrejado nas ruelas. Você não tem ideia de como dói os

ferimentos ao contato com a maresia que vem do mar. Pelo menos daquele mar. Lembro também que o próprio mar ficou revoltado. Foram dias que os peixes não mais eram pescados; jogaram a culpa por sobre mim.

Fui condenado n'uma série de assembléias, cujo sacerdote do povo deliberava junto de alguns governantes ou chefes. Dois pedaços de madeira, um maior do que o outro, tive de carregar. Não bastasse o peso nas costas, fui açoitado por chicotes no meio do aminho, e por cordas que não eram cordas, feitas de fibras dos coqueiros e cipós de algumas árvores mais distante do mar. Quanto tempo demorei e quanto caminho percorri, isso ninguém jamais vai saber. Teve noites em que eu continuava exatamente de onde eu havia parado anteriormente, e outras em que tudo iniciava novamente.

Gritavam, quando carregava as madeiras, que eu deveria pagar por todos os males que os assolavam. Que eu fui um falso salvador, e que eu pregava a um deus desconhecido, e maléfico; maléfico para aquele povo, o que reverenciava o Deus lagarto. Que eu trouxe a ira do meu deus, e que meu deus matou o deus deles.

O meu Gólgota foi na praia mesmo. Ergueram a madeira maior e cravaram-na na areia. Usando de grandes pregos, pregaram nos meus pulsos a madeira menor, às minhas costas, deixando meus braços n'um ângulo de pouco menos de oitenta e cinco graus, esticados. Puseram-me uma coroa de espinhos, e firmaram-na em minha cabeça. Fui içado até o alto por cordas que vinham sei lá de onde, e preso naquilo que se formou uma cruz. Meus pés nesta madeira foram pregados sem o menor remorso. Um mantra era rezado. E não era o Padre-Nosso ou a Ave-Maria tão conhecidos. Continuei a ser açoitado, chicoteado, cuspidado e apedrejado.

Antes do término de todo o ritual de condenação, porém, n'uma última e megalomaniaca decisão, tiraram-me, todos unidos em uma só força, da areia e carregaram-me ao longo da pequenina distância que me separava do mar, e nele com todo cuidado me depositaram. As ondas me carregavam, enquanto o povo clamava o nome de Seu Deus. E quando eu estava no meio do mar, vi erguer-se de dentro dele a mesma imagem que o povo tanto adorava. Do céu, vi um anjo¹ derramar uma taça no mar, e

¹ E o segundo anjo derramou a sua taça no mar, que se tornou em sangue como de um morto, e morreu no mar toda a alma vivente. Apocalipse 16:03

logo vi o mar tornar-se em sangue como de um morto, que me banhei n'um furor demoníaco.

Posteriormente percebi que eles eram os Filisteus, e que eu deveria pagar pelo que fiz no passado, quando fui, n'outra encarnação ou n'outra vida, Jesus Cristo; pois fui o culpado pela “morte” do Deus Dagon.

Se você está lendo a carta agora, Roberto, significa que morri. Perdoo-lhe por não ter acreditado em mim, sei que tudo isso soa estranho. Agora que sabe de toda a verdade, sinto-me melhor. Tenho certeza que vou descansar em paz. E para qualquer lugar que irei, guardarei tua amizade no fundo de meu coração, no canto mais impenetrável de minha alma.”

SKELETON IN THE CLOSET¹

Tudo ocorreu há dois anos. Em verdade, um ano e meio. Nunca imaginei haver um compartimento secreto em minha própria casa, embora soubesse que era mais velha do que eu; isso até encontrar aquele diário em formato de agenda, datado a partir de três de agosto do estranho ano de 1894. Sobre a agenda, nada em particular – tenho certeza que poderia ser encontrada em qualquer armazém da época. Encontrei-o sob pequenas montanhas de papéis roídos por traças, livros de diversos gêneros e objetos que me eram completamente desconhecidos. Além, é claro, de muito pó, acumulado desde os anos seguintes. Abaixo do diário-agenda, ainda, estava o armorial, com capa desgastada e quase rasgada, com um *insignificante* papel (portador d'um desenho de não mais de quinze centímetros, cuja importância só percebi tempo depois de sua descoberta) que separava duas páginas que logo vi – também – serem importantes. Tudo isso dentro de um sótão não menos empoeirado, escuro (ou seja, sem luz elétrica), úmido e, por um prisma inusual, assustador. Assustador para qualquer um, desde que cá não tenha morado por menos de uma vida inteira. E não obstante eu ter nascido e me criado aqui, sempre me perguntei o porquê de nunca, até então, ter atravessado aquela porta por mais de um metro sem jamais ter tomado a atitude de entrar naquele q'eu pueril e tolamente considerava um quarto andar.

Na sala, anexada à cozinha, recorro de me ter debruçado por sobre as duas relíquias de minha família com grande voracidade. Que bela letra possuía a pessoa que o escreveu, e que belo brasão meu sobrenome *carregava!* Os Soaes eram uma família grandiosa, em estirpe e em poder. Hoje, entretanto, não passam de duas ou três pessoas perdidas ou no estado de Santa Catarina, Rio Grande do Sul – aonde vivo – ou, talvez,

¹ Nome baseado em fragmento de conto de Stephen King. A tradução literal é “Esqueleto no Armário”. É uma expressão idiomática do inglês que significa ter um *segredo em família*.

Paraná. Foi-se a fortuna. Foi-se o prestígio e o renome. Os anos passaram e quase nada restou além de algumas propriedades caindo aos pedaços, como a que eu vivo. Sobrevivo, aliás. Ruínas de um passado dourado.

Miguel Soaes era um grande barão da época. Disso ninguém poderia negar. Tinha no café e no trigo uma boa fonte de riqueza. De certo, a riqueza tinha a sua origem muito antes do que posso calcular. Sua esposa, a baronesa Stephanie Soaes, por sinal dona da encantadora letra no diário-agenda, era uma mulher tão maravilhosa quanto sua costureira caligrafia – ao menos é assim que conheço sua história. Tiveram um casal de filhos que, por sorte, o destino foi menos cruel que o dos pais. Epiphanie Soaes tornou-se uma bela dama, casou-se e teve, tal qual a mãe, dois filhos n’um futuro muito próximo, além de muitíssimo dinheiro; e Brás Soaes, que, embora impotente desde o nascimento, ocupara o lugar do pai barão assim que o progenitor morrera, casando-se com a bela dama de uma família de Rhode Island, EUA, de muito poder e conhecimento, de nome Isabele von Buren. Creio já ter traçado os pontos que ligam minha família, o resto vocês já podem imaginar.

O diário. Ah, o diário. No que me tange, o diário ainda conserva aquele perfume que certamente Stephanie usava. Admito que me apaixonei por ela. A leitura do manuscrito encantou-me: por conseguinte, passei a imaginá-la sempre quando acordado, além dos sonhos em que, em desvario, acreditava, ela se apresentava: e sua imagem projetada pela minha mente enamorada satisfazia-me a alma. O conteúdo lido mostrou-se inicialmente perturbador, acentuando quaisquer dúvidas que porventura minha “querida-imaginária” deixou-se saturar. “*Está sendo um período conturbado o qual vivemos...*”, e eu respondo: sábias palavras. Foste, sem dúvida – “*... e cada vez vai piorar*” – uma infeliz visionária. É assim que eu a vejo: casar-se com Miguel foi prejudicial à sua saúde.

Até hoje posso vê-la perambular pela casa. Seu espectro recusou-se partir: ela demonstra grande preocupação em sua busca pela solução. Mas um espectro que reside única e exclusivamente em minha sensível, porém exacerbada imaginação: uma mente que esconde a incapacidade de discernir, com alguma propriedade, o real do imaginário, e que muitas vezes a confusão cria uma outra linha de vida, paralela, mormente dentro dos pensamentos *dela*, capaz de anular a distância e fazê-la também sentir a presença do meu espírito. E não há nada no mundo capaz de apagar a beleza que, dela, a lembrança incumbiu-se de engendrar.

Observei o brasão, as cores, a coroa, o manto, a cruz no centro, o escudo, as estacas e espadas, e tive um sobressalto quando, a muito custo, percebi que o conjunto que formava o brasão, na verdade, lembrava vagamente as formas rabiscadas no papel. Este fato foi o suficiente para colocá-los lado a lado e vislumbrar melhor as minúcias que os ligavam. O desenho rabiscado não era do símbolo que minha linhagem carregava, mas de um *deus alienígena*. Como conceber esta ideia? Como aceitá-la? O assunto paradoxal não era abordado por alguém cuja sanidade estava abaixo do domínio das faculdades mentais, mas por uma mulher que concatenava e muito bem as ideias! Por isso meu coração excitou-se em demasia; afinal, diante de mim aparentemente estava revelada toda a verdade: a importância q'eu acreditava existir em meu nome, talvez a única coisa de valor que restara do passado glorioso, inexoravelmente dava lugar a uma súbita vergonha que, paulatinamente, enrubescia minha face.

“Miguel passou a encontrar-se às escusas com pessoas estranhas, envolvendo-se com elas, um grupo de vestes negras, demasiadamente”. É perceptível a preocupação, o medo que ela sentia. “Sinto, outrossim, uma presença amorosa” – é meu espírito, minha querida, que vaga pelo tempo em sua busca – “A Lua parece saber mais do que eu dos passos de Miguel, o infelizmente. Ela sabe para onde vai. Mesmo quando a noite está forrada por negra e espessa neblina, sendo guiado por mãos não-humanas”. O horror insinua-se em seu relato ao citar as últimas palavras do pensamento transcrito. E eu o sinto em toda sua completude! Estremeço também. Não obstante a distância temporal, o hediondo encontra-se ‘inda imiscuído nesta casa; o diário, uma chave. A verdade não passa de uma traiçoeira cobra: no instante em que você menos espera, ela te pica voraz e mortalmente.

“Algumas vezes, vejo-o sair à francesa durante horários diurnos deveras atípicos para a conduta de um barão... indo em direção ao nada e perdendo-se no horizonte... Seu semblante, sombrio, permanece inabalável, como se, dentro dele, houvesse uma outra vida que reinasse, convicta de sua exagerada experiência psicológica, sobre outra vida, esta exterior, muito mais fraca e de conduta questionável”. É intrigante o desenho no papel, quando por fim descobre-se que tem um significado.

“Hoje deveria ser um dia comum, mas meu coração foi tomado por um vago, mas indiscutível terror: pela primeira vez vi quem são estas

peçoas”. E o meu também. Deve ter sido difícil descobrir que aqueles a quem o marido traz para dentro de casa têm “olhos vermelhos”, como lobos famintos. *“Corri e tranquei-me no quarto quando vi aqueles que precipitavam-se biblioteca adentro, e pus-me a escrever; é assim que tento livrar meu pobre coração”*. Quantos horrores ela viu com a entrada daqueles convivas inumanos em suas vidas! Estremeci quando li: *“...meu medo intensificou-se assim que ouvi a voz de um daqueles que lá entravam, era um misto de rouquidão, agressividade e sussurro. Meus olhos custaram a acreditar que, afora o barão meu marido, ninguém movia os lábios. Então, de onde surgira as vozes?”*. Isso ocorreu mais de uma vez, segundo seu relato: *“Agora são duas da tarde e Miguel acaba de entrar com os homens estranhos na biblioteca. Um horário que vinha resguardando para si com passeios solitários em nossa propriedade, agora preenchido com conversas em línguas estranhas com tais homens de olhos vermelhos. Estou com medo do barão, agora. Anda estranho...”* S’eu pudesse, roubá-la-ia para mim: protegê-la-ia dos perigos evocados pelo barão meu antepassado.

Mas a pior parte estava porvir. Li o diário-agenda até próximo do final e assustei-me com o crescente horror nele descrito. Stephanie diz ouvir as vozes pela casa inteira, sussurrantes, em vários momentos tanto do dia quanto da noite, e de ver seu marido retornar de lugares dos quais o homem jamais poderia pisar, quando muito citar durante sua mais perfeita sanidade mental.

“Perguntei a Miguel onde havia ido, mas dele recebi como resposta um grunhido de desdém. Quando entreguei-lhe a toalha para banhar-se, recusou-a imediatamente. Havia chegado em casa exausto, branco como cera, de lugares que não sou capaz de imaginar. Talvez nem ninguém seja capaz disso idear. Quando perguntei sobre as vozes, pude escutar, n’um sussurro ‘inda ofegante, outra pergunta: ‘Você os escuta?’ Sim, eu os escuto, como o vento que lá fora bate, ou o ranger de algumas tábuas da escada, durante a noite. Sinto aversão quando escuto as vozes, é como se eles pudessem me tocar. E quando limitei-me a responder monossilabicamente, tornou ele a falar: ‘Foi tudo um erro, mas agora é tarde’. Sua voz era assustadora, aterrorizante. ‘Quer saber quem eles são?’ ” Juro agora que desviei meu olhar do diário para outro lugar qualquer, perdido. De alguma forma (para mim) inexplicável, senti q’eu estava na mesma situação da do barão; parecia pelo menos.

Foi aí que olhei para o brasão e para o desenho e compreendi o que ambos significavam. “Os enviados do demônio” – foi sua resposta. “E eles estão em todos os lugares de nossa propriedade. Desde as ínfimas passagens até as aberturas maiores, dentro de casa e fora, em qualquer lugar”. Eis o porquê de eu eventualmente sentir determinadas presenças.

Distraidamente levantei-me e caminhei até a sala. Então o barão cultuava um *deus estrangeiro!* O arrependimento, por sua vez, segundo o narrado, parecia inevitável; todavia, a esta altura, não adiantava mais arrepende-se. O estrago já havia acontecido. O *Mal* já havia se pronunciado. Por qual motivo, isso Stephanie sequer poderia imaginar; desconfio, entretanto, que tenha sido uma desastrosa tentativa de evitar um mal maior, como a derrocata de sua fortuna, tornando-se, então e com vida própria, um culto quase hipnótico cujos estragos assemelham-se ao uso não-medicinal e exagerado do ópio.

O desenho permanecia sempre em minhas mãos. Recordo que a cada nova página lida, eu olhava para a figura e tentava imaginar que *deus* era aquele. Acho que, paralelamente à ridícula e paradoxal ideia, eu acreditava. Simplesmente acreditava na existência daquele *deus desconhecido*, e talvez até o aceitava. Nunca em minha vida pude conceber outro *deus* senão tão-somente aquele cristão. “Acho que estou perdendo minhas faculdades de pensar, de raciocinar e de entender o porquê disso acontecer. Sou muito jovem, ainda. O destino parece guardar algo implacável e cruel para mim, e o coitado do Miguel perderá sua alma para aqueles demônios de olhos inflamados e escarlates. Ao menos o céu, um canto pequenino dele, está disposto a receber-me. Vou encontrar aqueles que já se foram, inclusive meu amor, que sequer pensa cá na Terra nascer. Tenho pena daquele que carregar este abominável e amaldiçoado nome, será este que herdará a desventura e também a pobreza...” De toda forma, lá estava eu, cheio de dúvidas, a perambular pela sala.

Queria concatenar as ideias, custasse o que me custasse. E ao olhar novamente para o desenho, pensamentos ao longe (em Stephanie), esbarrei na ampla parede ornamentada por um único quadro, tamanho médio, derrubando-o ao chão, com o impacto quebrando a moldura já envelhecida. Da parede, mesmo desbotado, despontava um desenho semelhante àquele garatujado. Diante dos fatos já nem pensava q'eu deveria me preparar para novos sobressaltos: encontrar este rabisco

apagado escondido pelo quadro só confirmou os manuscritos de minha bela Stephanie e também a tangibilidade dos eventos de outrora. Apavorei-me, por certo. E até quase enlouqueci (se é que eu já não me havia aloucado). Tinha, pois, ela razão: o mal já dominava a casa. A figura do *deus* acororado, apoiado, quem sabe, n'alguma viga que sustentava minha casa, me fez ver a pluralidade da realidade, suas inúmeras facetas, inclusive a da morte. E minha querida, já há muito falecida amada estava coberta de razão: “...e o barão anda agindo de forma violenta comigo. Tenho não mais um vago receio, mas um medo incontrollável de Miguel. Tenho medo que ele possa perder o controle e... matar-me”.

Eu tentava digerir minhas descobertas, conquanto olhasse aparvalhado diário-agenda, papel garatujado e o desenho na parede. Não poderia jamais desistir de descobrir a causa principal da ruína de minha família. Tratava-se d'um *pecado mortal*, ademais já se havia isso tornado questão de honra – apesar de nunca ter havido honra alguma. Pela primeira vez em minha vida senti uma irrefreável vontade de procurar a verdade, ainda que me levasse direto ao fundo do poço, escondida ou não entre simples palavras. Minha vida (ou uma boa parcela dela), claro, foi o custo a ser pago. O desejo de *vingança*, não obstante a extinção do sangue Soaes se achegasse até mim de modo a me transformar novamente em pó, me motivava. Li até o último fragmento do seu preternatural relato: eventos que ocorreram há pouco mais de cem anos e que carregam consigo um quê inumano, mágico e fora do que é concebido como natural ou comum. Na última página de seu diário, disposta de tal maneira incongruente, desigual, a formidável letra de até então cedeu lugar a uma outra um pouco mais tremida, direta e incisiva, ‘inda que conservasse a beleza de outrora. Letra de desespero, seu relato terminava com apenas uma palavra que dizia simplesmente: “*Quebre-a*”.

Corri até o porão para pegar um machado e retornei imediatamente. Bati com todas as minhas forças com o lado oposto ao da lâmina até conseguir, feito alguém fora do seu juízo, derrubá-la. O suor vertia em bicas, e o q'eu fazia era apenas limpar com as costas da destra entre um sofrido golpe e outro. Demasiado esforço foi o de carregar, levantar e bater, pois peguei a primeira coisa pesada e com um cabo que eu pudesse segurar.

A parede desfez-se em pó e pedras e blocos de tijolos incrivelmente resistentes. Mas o que me fez ficar impressionado não foi a

resistência da parede, nem tampouco a câmara secreta que ela ocultava – eu tive a nítida impressão de que a casa em que eu vivia estava cheia de labirintos, câmaras e saletas trancafiadas por portas ocultas e papéis de parede mofados. Pelo contrário. Impressionado fiquei com o seu conteúdo. Dentro da câmara havia um corpo, praticamente mumificado não fosse os ossos nalgumas partes à amostra, coberto pelo pó e pelos tijolos e pedras caídos da parede. Eram os restos mortais daquela que, através da caligrafia, fiquei apaixonado! Caí de joelhos suplicando seu retorno, chorei como poucas vezes fui capaz. Tive certeza que, de alguma maneira, há um século, ela sentia minha presença e que queria poder, através dos olhos vidrados da morte, conhecer aquele cuja propriedade era seu coração, mas que havia, por motivos alheios ao entendimento humano, chegado atrasado.

Senti o peso do passado desmoronar-se sobre mim. Suportei, no osso do peito, algo que eu não estava preparado para encontrar, mas que o destino encarregou-se de oferecer. Arrastei-me para o lado, caído, e, recostado à parede, tornei a chorar. Não era um choro de tristeza, de derrota. De maneira alguma. Mas de raiva. Passei a sentir ódio por carregar um sangue, um estigma amaldiçoado, incapaz de lutar contra. Um choro pelo encontro do corpo de Stephanie, que deveria ter sido sepultada na capela mortuária da família, hoje tomada pela hera; e também pelo descaso do infelizmente barão Miguel Soaes. A desgraça e a pobreza me fazem agora sentido.

Se a culpa foi apenas do barão, isso ninguém saberá. Se algum antepassado, antes mesmo de Miguel, foi quem trouxe o culto a este *deus*, nada tenho para afirmar. Era o diário um aviso, um sufocante e agonizante pedido por socorro que chegou até mim. Agora sinto que sua alma, como tanto ansiava, enfim, descansou: contribuí para dar-lhe um lugar mais digno.

Carreguei seu corpo com extremo cuidado até o jardim, e lá abri uma nova sepultura. Antes de enterrá-la, porém, encostei levemente meus lábios nos seus e tive a nítida impressão de ou retornar ao tempo ou, por instantes, dela estar viva, pois senti seus ressequidos lábios responderem aos meus, não mais ressequidos, mas carnudos e belos. Dei uma última demão e alisei com a pá a terra, convicto de ter feito por ela o meu melhor. Seu característico cheiro, o gostoso perfume ficou retido não somente em minha lembrança, mas na casa, no campo e no jardim onde a enterrei.

Levantei uma pequena lápida e nela escrevi “Amor”. Posso jurar agora tê-la escutado sussurrar algo em troca, conquanto meus ouvidos já não se me ensurdescessem, antes que eu pudesse novamente olhar para o corpo em minhas mãos.

“Nossas almas se reencontrarão, meu amor”

Jamais esquecerei aqueles segundos de intensa paixão. Jamais temerei não poder amar até morrer.

Hoje vivo só de lembranças. Lembranças provocadas pela imaginação, lembranças reais que marcaram profundamente minha vida. Hoje só espero a morte chegar, uma espera longa e angustiante. Se coloco estas palavras em um papel, é para marcar a extinção dos Soaes, afinal é meu destino esperar e morrer; esperar aqueles homens sombrios, de olhos escarlates, executarem sua tarefa final. Assim, talvez, toda a minha espera não terá sido em vão. Assim, talvez, ao lado de meu amor ficarei. É como eu disse: não vou desistir, pois é um *pecado mortal*. Não importa se enviados de algum deus alienígena, ou o próprio demônio colocar suas imundas patas por sobre meu corpo; ao lado dela em breve estarei!

MÚSICA OU O PRISIONEIRO

Eu não imagino qual crime aquele sujeito cometera. Não era bandido, e, pelo visto, nem nunca foi. Já havia uma semana que ele estava em sua cela, e todos os dias, gozando do benefício concedido, tocava maravilhosamente sua gaita de boca. Os poucos presos, nas celas vizinhas, e os policiais que lá ficavam, sentiam-se invadidos por um sentimento estranho, por isso gostoso, uma paz e bonança tal quase impossível de explicar. Não falava, não resmungava como os outros presos; apenas tocava sua gaita às três da tarde, em ponto. Não se sabe, porém, como a noção de tempo o fazia tocar sempre no mesmo horário; a janela que permitia entrar a claridade do dia estava distante de sua cela, e não havia relógio consigo ou ainda com qualquer outro preso lá dentro.

Fui o único a se interessar por *aquela* isolado escondido na toca, sua prisão; despertou meu interesse e também minha dúvida. Abri sua cela e fiquei sentado no chão, à sua frente, por um bom tempo sem falarmos uma única palavra sequer. Ele agia calmamente, sem perceber minha presença, como se eu fosse invisível (e talvez assim eu fosse). Quietamente, com a respiração controlada, olhava para o infinito sem consternação alguma; não movimentava braço nem perna, um aceno ou olhar. Que *homem* era aquele distante pouco mais de um metro e meio de mim? Quebrei o chocante silêncio perguntando-lhe: “*Qual é seu nome?*” Dele não obtive resposta. Sua tranquilidade era encantadora; então, volto a questionar-me: qual crime cometera? Estava quase na hora, ele iria tocar novamente sua gaita para o deleite dos presentes e também fã; meu inclusive. Devagar me ergui com a triste sensação de nada saber do estranho e novo inquilino. Todavia, em voz embargada, o ouvi ressoar um pedido: “*Fique aqui*”. Voltei a sentar onde até então estava e olhei novamente para aquela figura tranquila a centímetros de mim.

“*Houve tempos em que*” – começou ele – “*o humano não se preocupava, pois sabia o que iria acontecer*”. Seu semblante, ainda sereno, não parecia demonstrar movimento algum; os sons de sua boca saíam audíveis, em baixo tom, sem que seus lábios com a fala muito se movimentassem.

“Possuía” – continuou – “força e intelecto iguais. Viviam em harmonia com os deuses, principalmente com a deusa Lua. Eram deuses, também. Conseguiam ver o futuro, que prometia ser belo” – prosseguiu – “cheio de esperança e paz. Mas um deles, um humano, para saber o que iria acontecer, disse para todos que viu um futuro escuro” – imagino agora quão difícil foi para ele mencionar esta palavra – “e inquietante. Disse-lhes que sua visão proporcionou repulsas, então essa informação chegou até os deuses.” A partir de então, recorro, lágrimas percorreram involuntariamente seu ‘inda sereno rosto como a vertente d’água do rio mais belo dos sonhos. *“Ouviram-se explosões, sentiu-se a ira dos deuses, até caírem todos os humanos na desgraça e na ira de seus deuses. Acreditaram os deuses que a raça inferior mentira sempre; e que aquela raça inferior deveria pagar por permitir chegar naquela situação. Enegreceu-se o tempo, passando a correr mais rápido e dolorido; os humanos estavam fadados a envelhecer e morrer; a decisão já havia sido tomada. Passaram a viver abaixo da miséria implorando pelo perdão, rastejando pela sobrevivência”.*

Fez-se silêncio. Fiquei sentado por mais alguns minutos observando-o impassível, da mesma maneira desde quando sua chegada, até puxar a gaita com uma das mãos debaixo do colchão ao lado. Antes de tocá-la, porém, e também antes de minha saída, por fim disse-me ele: *“Meu único crime foi ter vindo para cá”.* Mais uma vez, uma harmoniosa melodia saíra da gaita daquele sujeito que até hoje não sei o nome. Se me perguntar: *procurou nos arquivos?* Responderei que sim. Neles, a única coisa que constava era: *“encontrado vagando pela cidade”.*

Não sei o que foi feito dele. Nem por isso o esqueci. Sua música ainda está viva em minha mente, quando fecho os olhos, seja onde for. Aquela canção era totalmente diferente das que eu havia escutado anteriormente. Era nobre. Era própria de um sonhador.

EI-LO

N'um planeta tão pequeno
Um problema tão grande
deve ser resolvido;
Pequena vida, pequeno anseio
O dia virá
E não haverá
Nem paz ou sossego
Para uma cuia de chimarrão tomar.
E ai daquele que não respeitar
O senhor Annun-Aki,
pois retornará.
A cada périplo
Três ponto seis seu percurso
Deixou recurso, deixou tropa
Como indicações de que
Um dia
Pisou por estes pagos.
E quando novamente pisar
Estes pagos que conhecemos
feito palma da mão
Deixarão de ser os pagos que conhecemos
Para tornarem-se inóspitos pagos – e o que(m) reinará?
Poucos (de nós) sobrevivemos.
Prepara tua guaiaca
Prepara-te para a peleia
Fácil não será.
Agora, esconde-se
Por debaixo de nossa tradição
Um exemplar – perdido e abatido
rodeado por tropas
Uribin, deveras conservado
Que tanto Airémus falou

Talvez amparado, talvez trancafiado
Por símbolos sagrados.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

dos autores mor da Literatura de Horror mundial, H. P. Lovecraft. Com 27 anos de idade, mais conhecido no meio literário virtual, além de vários contos publicados em jornal, figura presença em duas antologias: “Algumas Ficções”, 2007 & “Irmandade das Sombras – contos de terror, horror e fantasia”, 2008.

Para entrar em contato com o autor, basta conectar o sítio do Projeto Passo Fundo e lá acessar seu tomo virtual ou envie missiva para nunes.dallas@gmail.com

Por que lamentar
o grilhões micricósmicos
Que o espírito irritam e
a mente consomem,
Quando aléns cativantes
cintilam entre as nuvens
Zombando radiantes
da pequenez do homem?

H.P. Lovecraft.
“Phaeton” (1918)

Seminarista é enviado à Amazônia de maneira a compor uma matéria contra as queimadas na floresta, por fim deparando-se, confrontando seus ensinamentos religiosos, com o que acredita ser o *diabo* lá se manifestando, quando em verdade encontra a personificação d'uma das mais assustadoras lendas da região: uma novela que cinge o recado referente às queimadas e ao desmatamento ilegal como também o aviso de estarmos perdendo não meramente a riqueza do bioma natural da floresta, por si só a ruína do homem, mas as lendas e a identidade de um povo inteiro.

Escritor avista, dentro de sua própria casa, meio adormecido meio não, um *homem* cuja origem não deixa mentir, dado que a necessidade de auxiliar incute uma terrível dúvida na mente do escriba.

Pesquisas revelam certos detalhes escabrosos d'uma antiga ocorrência acerca d'uma igreja que pegou fogo.

Amigo sente culpa e pesar ao ler a carta de outro amigo, que quando mais jovem fora vítima de *bullying*, doença da sociedade, agora falecido e não mais presente.

Uma paixão entre duas pessoas que virou séculos, oculta nos esconsores d'uma casa, motivada pela letra e também cheiro resguardado n'um diário; um verdadeiro *segredo em família*.

Preso que narra estranhas e reais ocorrências d'um passado desconhecido da humanidade no Planeta Terra.

Advertência, em forma de poema, d'um evento cósmico a se aproximar e também de amostras sob símbolos de *pedreiros franceses*.

Explore junto do autor uma ida à Amazônia, seus efeitos colaterais e vividas lendas; tenha uma charla com *Mefistófeles*; adentre no universo dúbio que levou uma igreja queimar; depare-se com o desassiso de personagens que sonham coisas vivazes; comova-se com uma paixão cuja distância, em segredo, só fez aumentar; compunja-se com a situação d'um prisioneiro cujas verdades desmontam quaisquer historietas acerca da origem do homem, e recite o poema final em busca de certas verdades – a tônica do verdadeiro *horror*!

Boa leitura!